

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DA EDUCAÇÃO



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Práticas educativas em contexto prisional

Anabela Rosinha Grifo Cunha

Trabalho de Projeto

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação de Adultos

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DA EDUCAÇÃO



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Práticas educativas em contexto prisional

Anabela Rosinha Grifo Cunha

Trabalho de Projeto orientado pela Professora Doutora Carmen Cavaco

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

2013

Resumo

O presente trabalho surge no âmbito do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização de Formação de Adultos. Consiste em analisar o modo como é realizada a ocupação do tempo entre os reclusos no contexto prisional e identificar experiências, motivações e interesses dos adultos reclusos. Tendo como principal objetivo desenvolver práticas educativas dentro da prisão, de forma a promover o bem estar físico e psíquico da população reclusa.

Trata-se de um trabalho de projeto pensado a partir da análise da prática profissional da autora, e visa conceber um projeto de intervenção que permite a ocupação do tempo dos reclusos através de atividades que promovam a valorização das suas experiências, a troca de saberes, a criatividade e a reflexão.

Os testemunhos dos entrevistados partem de uma visão negativa do sistema evidenciando as fragilidades do estabelecimento prisional ao nível de atividades implementadas para ocupar o tempo dos reclusos e vai até a uma visão promissora do trabalho que se pode desenvolver a nível de atividades lúdicas e físicas.

Palavras-Chave: Atividades de ocupação do tempo; Educação de Adultos; Educação Não Formal; Prisão.

Résumé

Ce travail apparaît dans le programme d'études menant au diplôme de Master of Science en éducation, spécialisée dans le domaine de l'éducation des adultes. Est d'examiner comment l'occupation est effectuée fois parmi les prisonniers dans le contexte de prison et d'identifier les expériences, les motivations et les intérêts des détenus adultes. Avec l'objectif principal de développer des pratiques éducatives au sein de la prison, afin de promouvoir le bien-être physique et psychologique de la population carcérale. Il s'agit d'un travail de réflexion de conception à partir de l'analyse de la pratique de l'auteur, et vise à élaborer un projet d'intervention qui permet l'emploi du temps des détenus à travers des activités qui favorisent l'appréciation de leurs expériences, d'échanger des connaissances, la créativité et la réflexion. Les témoignages des répondants laissent une vision négative du système montrant les faiblesses de l'institution en termes d'activités mises en œuvre pour occuper le temps des prisonniers et va jusqu'à une vision prometteuse de travail qui peut développer un niveau d'activités physiques et récréatives.

Mots clés : Activités du temps d'occupation, l'éducation des adultes, l'éducation non formelle; prison.

*Qualquer pessoa é uma ilha,
no sentido muito concreto do termo;
a pessoa só pode construir uma ponte
para comunicar com as outras ilhas
se primeiramente se dispôs a ser ela mesma
e se lhe é permitido ser ela mesma”.*

Carl Rogers (2009)

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Carmen Cavaco, pelos ensinamentos proporcionados e pelo profissionalismo demonstrado.

Agradeço, também, a amabilidade de todos os que participaram de forma mais direta ou indireta neste projeto, pelo facto de terem despendido o seu tempo para a realização das entrevistas e por se disponibilizarem por partilhar os seus pensamentos.

À minha mãe pelo constante incentivo e pelo orgulho que o meu pai sentiria se estivesse entre nós.

Às minhas queridas filhas Sofia e Filipa e ao meu marido Paulo pelo tempo subtraído e pelo apoio incondicional e motivação que me foram transmitindo ao longo desta etapa. Este trabalho não teria sequer iniciado sem o seu constante incentivo.

Índice

Introdução	7
-------------------	---

Capítulo I | Educação de adultos: um campo aberto a novas práticas

1. Educação de adultos	
1.1 A Educação de Adultos: sistema concetual	11
1.2 Domínios da Educação de Adultos	12
1.3 Contributos da Educação de Adultos	16
2. Educação não formal	
2.1 Concetualização e Características gerais	20
2.2 A importância em contexto prisional	22

Capítulo II | Contextualização Metodológica do Trabalho de Projeto

1. A Problemática e os pressupostos do trabalho de Projeto	28
1.1 A Prisão: um espaço de práticas educativas	30
1.2 População Reclusa	32
1.3 Estabelecimento Prisional do Montijo	35
2. Objetivos do Projeto de Intervenção	37
3. Metodologia	38

Capítulo III | Análise dos dados recolhidos

1. Apresentação e Análise de dados recolhidos	43
1.1 Caraterização e análise da organização do Projeto	43
1.2 Análise de conteúdo das entrevistas	45
2. Diagnóstico	51
3. Projeto a implementar	53

Conclusão	58
Bibliografia	60
Anexos	
Anexo 1 – Pedido à DGRSP para a realização do projeto	64
Anexo 2 – Declaração de autorização	66
Anexo 3 – Guião de entrevista aos reclusos	67
Anexo 4 – Transcrição da entrevista aos reclusos do Grupo 1	70
Anexo 5 – Transcrição da entrevista aos reclusos do Grupo 2	80
Anexo 6 – Transcrição da entrevista aos reclusos do Grupo 3	92
Anexo 7 – Análise de conteúdo da entrevista aos reclusos	103
Anexo 8 – Guião de entrevista aos técnicos superior de reeducação	111
Anexo 9 – Transcrição da entrevista aos técnicos superior de reeducação 1	115
Anexo 10 – Transcrição da entrevista aos técnicos superior de reeducação 2	125
Anexo 11 – Análise de conteúdo da entrevista aos técnicos superior de reeducação	138

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Paulo Freire (1970)

Introdução

O presente trabalho de projeto, desenvolvido no âmbito da Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em Formação de Adultos, resulta do conhecimento empírico da autora, resultante da sua atividade profissional.

O projeto teve como suporte um quadro teórico que advém particularmente no campo da Educação e Formação de Adultos. Concebendo a educação como um percurso longo que se manifesta de diversas maneiras que se confunde com o “processo de vida de cada individuo, torna-se evidente que sempre existiu educação de adultos” (Canário, 2008, p.11). A educação pode ser entendida como um processo permanente mas repartido em toda a vida social, segundo Canário (2008, p.94) “tem um papel central a desempenhar na pesquisa e construção de uma saída coletiva, no desenvolvimento de valores outros que a competição e o lucro, como suportes da nossa vida coletiva, na recriação de novas formas de articular o aprender, o viver e o trabalhar”.

Este projeto é desenvolvido numa instituição prisional e assenta na forma de ocupação do tempo de adultos em cumprimento de pena.

No primeiro capítulo, procede-se a um olhar atento sobre a educação de adultos como campo aberto a novas práticas. Procede-se a uma breve reflexão sobre os diferentes domínios, nomeadamente no domínio da animação sociocultural, tendo esta aparecido como resposta a um conjunto de mudanças sociais, que caracterizam a vida em meio urbano, no sentido de dar resposta a uma estratégia de intervenção social. Aprofunda-se contributos da Educação de Adultos, fundamentalmente numa lógica de *apropriação individual*, onde o individuo interage com os outros de forma a partilhar saberes. Por último, e considerando que a educação é muito mais que aquilo que é

aprendido através do modelo escolar, segue-se uma reflexão sobre o domínio da animação sociocultural, no entanto com a ideia de que a animação sociocultural corresponde ao espaço de educação não formal na medida em que vai ao encontro das práticas educativas que se realiza fora da escola.

No segundo capítulo encontra-se a contextualização metodológica do trabalho de projeto, onde é descrito toda a problemática e os respectivos pressupostos do trabalho. Segue-se a caracterização dos intervenientes diretos, assim como a instituição onde se desenvolve todo o projeto, desde a construção com base no conhecimento da realidade, à identificação das necessidades a intervir. Foram definidos os objetivos do projeto com base na organização da informação já disponível sobre as necessidades do grupo, tendo presente tratar-se de uma instituição que requer manutenção da ordem e da segurança. Por último, procede-se à identificação da fundamentação metodológica do projeto, caracterizando a metodologia adotada, com ênfase na descrição dos instrumentos e procedimentos de recolha de dados utilizados com vista à elaboração do diagnóstico. Menciona-se, igualmente um enquadramento teórico do trabalho de projeto, no que se refere à caracterização da instituição, aos pressupostos que o sustentam, aos principais objetivos e à problemática inerente ao projeto de intervenção.

Este trabalho, visa analisar o modo como é realizada a ocupação do tempo entre os reclusos no contexto prisional; identificar experiências, motivações e interesses dos adultos reclusos; conceber um projeto de animação que permita a ocupação do tempo dos reclusos através de atividades que promovam a valorização das suas experiências, a troca de saberes, a criatividade e a reflexão.

Os projetos educativos em contextos prisional contribuem para um melhor acompanhamento da execução da pena, a fim de assegurar o bem-estar físico e psíquico para favorecer o espírito de convivência social entre reclusos, para uma melhor ocupação do tempo, nesse sentido podem ser um importante contributo para a reinserção social. Independentemente do lugar onde são praticados, “todas as concepções e abordagens da educação de adultos aspiram ao mesmo: humanizar este processo de desenvolvimento, envolvendo as pessoas na construção dos seus caminhos” (Finger e Asún, 2003, p.87).

Por último, o terceiro capítulo, incide na apresentação e análise dos dados obtidos, tendo a análise de conteúdo das entrevistas como base elementar para o diagnóstico. Finalmente, e através do diagnóstico, que constitui um elemento fundamental para a identificação de prioridades de intervenção, surge a apresentação de estratégias de atuação propostas como resposta às necessidades identificadas.

Finalmente, apresenta-se a conclusão do trabalho de projeto, pretendendo sistematizar as principais ideias do trabalho de projeto, assim como tecer considerações inerentes à temática da ocupação do tempo dos reclusos na prisão.

Capítulo I

Educação de adultos: um campo aberto a novas práticas educativas

*“É impossível e imoral pretender mudar o Homem,
mas pode-se ajudá-lo a mudar-se a si próprio”.*

Michel Crozier

Educação de Adultos

A Educação de Adultos e o sistema concetual

Durante a primeira metade do séc. XX, a educação de adultos, conforme Canário, (2008) citado por Noel Terot, (s.d.), desenvolveu-se em “torno de quatro fatores essenciais: o nascimento e emergência do conceito; iniciativas do Estado no sentido de tomar a seu cargo a alfabetização dos iletrados, iniciativas associadas à formação profissional; e à educação política visando o exercício do sufrágio universal”. A educação de adultos resultou de um processo de construção social, por parte de organizações que se impuseram em termos sociais e políticos, alegando a necessidade de resolução de um problema que afetava um grande número de cidadãos, podemos até pronunciar que as práticas de educação de adultos sempre existiram, ainda que de forma pouco explícita. Era urgente formalizar esta prática, tendo emergido políticas públicas neste domínio e no campo científico. A sua consolidação deve-se a iniciativas populares - atividades sindicais, associativismos, movimentos sociais e manifestações políticas. Em Portugal, o movimento popular mais significativo é resultante do golpe militar de 25 de Abril de 1974, que pôs fim a um regime fascista – o movimento popular do 25 de Abril. Tendo sido neste contexto que surgiram novos tipos de “relações sociais e novos tipos de organização social e de exercício de poder, materializados na criação generalizada de comissões, nos bairros, nas aldeias, nas empresas e nos quartéis” (Canário, 2007, p.13).

O movimento popular desencadeou um processo dinâmico e coletivo de aprendizagem que favoreceu a população em geral, através da sua participação nas mais

diversas manifestações políticas de decisões, de lutas, de gestão autónoma de empresas e herdades abandonadas ou tomadas aos padrões. Contudo, registaram-se melhorias na retórica, articularam-se os conceitos de educação e de autonomia, num contexto de luta social pela emancipação das classes operárias. Os desafios impostos à sociedade civil eram cada vez maiores, e muito mais exigentes, marcados pelo processo de crescimento económico, dá-se o alargamento da oferta educativa dirigida aos adultos, bem como o crescimento do sistema educativo, que terá sido visto como o principal agente para o desenvolvimento dessa época. O campo da educação de adultos acompanha a evolução da sociedade em todas as áreas – política, social, económica e cultural.

Segundo Canário (2008), “historicamente, a educação de adultos é um movimento nascido de uma ideia de mudança social. A UNESCO viu-a como uma ideia de humanização da civilização”, ou seja, a UNESCO aposta na educação de adultos, nomeadamente numa primeira fase pelas campanhas de alfabetização e numa segunda fase pelo movimento de educação permanente. Esta ideia também é avançada por Finger e Asún (2003, p.87), quando revelam que é necessário “humanizar o desenvolvimento, envolvendo as pessoas na construção dos seus caminhos”, tentando valorizar o indivíduo, no âmbito dos processos educativos. Para a UNESCO, a educação de adultos é considerada uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da sociedade, nesse sentido passa a defender a educação permanente, tendo este emergido, no início dos anos 70, num contexto de rutura e de crítica com o modelo escolar.

A educação desembocou num mundo em constante evolução, poder-se-á dizer que progrediu acompanhando a evolução da sociedade, respondendo às necessidades do seu tempo. Contudo, a educação de adultos expandiu-se na tentativa de se adaptar ao mundo do trabalho, à evolução da indústria, do lazer, que se terá inserido numa ideia oposta à ideia inicial, apontada por Finger (2008, p.19), “não se consumia educação, dava-se educação para mudar a sociedade”.

Domínios da Educação de Adultos

Com a expansão acelerada da educação de adultos, evidenciado anteriormente, este campo tornou-se complexo e heterogéneo, em três eixos distintos: em primeiro lugar, o

plano das *práticas educativas* (finalidades, modos e públicos); em segundo lugar, ao nível da diversidade de *instituições* implicadas, de forma direta e indireta, nos processos de educação dos adultos; em terceiro lugar, ao nível da diversidade da figura do educador, o caminho de um processo de profissionalização.

O primeiro eixo, o das práticas educativas, cedo se consolidou através dos diferentes polos: a alfabetização, a formação profissional, a animação sociocultural e o desenvolvimento local.

No campo da educação, o primeiro polo corresponde à alfabetização sendo esta uma segunda oportunidade dirigida aos adultos, que nunca frequentaram a escola ou que cedo desistiram de estudar. Surge a defesa da perspectiva de garantir aos mais desfavorecidos condições de acesso e de sucesso educativo, à luz da igualdade de oportunidades. A *alfabetização* resultou de um “processo de construção social, por parte de organizações que se tentaram impor em termos sociais e políticos, alegando a necessidade de resolução de um problema que afetava um grande número de cidadãos” (Cavaco, 2003, p.127). A alfabetização constituiu nos anos 50, 60 e 70 o principal enfoque das políticas públicas e do campo científico da educação de adultos, pelo que se terá reduzido o campo a este domínio de práticas.

O segundo polo, o da *formação profissional*, corresponde aos processos de formação profissional inicial e contínua orientados para qualificar e requalificar a mão-de-obra. A formação profissional é entendida como um requisito prévio e indispensável a uma política desenvolvimentista. A formação inicial, prepara o indivíduo para o exercício de uma atividade profissional, no entanto, durante o seu percurso profissional sucedem-se momentos de formação profissional contínua. A formação profissional contínua visa contribuir para a inevitável obsolescência dos conhecimentos adquiridos anteriormente. O investimento na formação profissional acentuou-se devido ao fenómeno da mobilidade social, que tende a alterar as relações entre a formação e o trabalho. A tentativa de construir práticas alternativas ao modelo tradicional escolar contribuiu também para o desenvolvimento deste domínio. O domínio da formação profissional não é recente, e surge associado à necessidade de conferir aptidões e conhecimentos, de carácter técnico ou científico, que permitisse aos operários produzir mais e melhor, ou de seguirem com sucesso uma carreira profissional. A formação profissional era tida como indispensável para que o país prosperasse, ou seja, “quanto

mais apurados forem os conhecimentos dos operários e dos trabalhadores, mais perfeitos e por isso mais rendosos serão os produtos industriais e agrícolas” (Reis, 1993, p.25). O investimento na formação profissional emergiu muito associado às dinâmicas da globalização, a qualificação acadêmica, quer profissional e dos trabalhadores passou a ser considerada como fundamental para o desenvolvimento económico, para podermos concorrer com outros estados membros. Surge a emergência na criação de mais profissionais especializados, qualificação de pessoas ou reciclagem de qualificações anteriormente adquiridas. Este tipo de formação foi encarado como “momentos formais de percurso formativo, marcado por um processo de apropriação” (Canário, 2008, p.42). A importância atribuída aos saberes e às experiências, fez ainda emergir novas práticas em torno do conceito de reconhecimento dos adquiridos, prática essa que não resultou como esperado, em algumas situações.

O aceleramento das mudanças sociais fez com que as organizações encarem a mão-de-obra como recursos humanos, o que “permita passar de um funcionamento baseado numa cultura de dependência e de execução para uma cultura de interação e da solução” (Canário, 2008, p.43). Contudo, as organizações têm sempre presente que as formações propiciam as condições necessárias para que os trabalhadores alterem as experiências em aprendizagens, a partir de um processo de autoformação. Estas novas dinâmicas de situações de trabalho, exigem a procura de modalidades e dispositivos de formação que tornem mais produtivos, quer os trabalhadores, quer as organizações.

O terceiro polo é orientado para o *desenvolvimento local*, aplicado nas práticas de articulação entre a educação de adultos e o desenvolvimento local, valorizando a participação direta dos interessados. Este propósito é entendido como um fator estratégico de desenvolvimento e de progresso, reforçando a capacidade de autonomia dos atores locais, com o desígnio de resolução de problemas, localmente sentidos como pertinentes.

Por último, o polo da *animação sociocultural*, apareceu como resposta a um conjunto de rápidas mudanças sociais, que caracterizam a vida em meio urbano, no sentido, não apenas dar resposta à ocupação do tempo livre, mas também a uma estratégia de intervenção social. O grande contributo da animação sociocultural nas dinâmicas educativas “consistiu em pôr em prática a dimensão quantitativa e qualitativa dos fenómenos educativos não formalizados e/ou não deliberados” (Canário, 2008,

p.16). A animação sociocultural, é um domínio de práticas da educação de adultos recente, e alternativa ao modelo escolar. Importa contextualizar este recente fenómeno, segundo Canário (2008, p.73), a animação sociocultural¹ corresponde:

“às ações geridas por pessoas que se juntam e que determinam, elas próprias, o conteúdo destas ações em função de objetivos sociais e culturais (...)atividades educativas fora do tempo de trabalho: vida familiar, vida urbana e rural, atividades de tempos livres, atividades desportivas, etc. Este é, essencialmente o domínio das associações voluntárias, ou de instituições semipúblicas. Foi aí que nasceu o conceito de animação sociocultural cuja semântica exprime uma intenção de retirar a cultura de um enclave ligando-a aos fenómenos da vida coletiva, de alargar o campo da vida cultural aos problemas da vida quotidiana”.

Alguns governos assumiram que a animação sociocultural seria uma área a desenvolver nas suas políticas culturais e de dinâmicas, associadas a organismos oficiais e planificadas por gestores da cultura. Todavia, o seu cunho é heterogéneo relativamente a iniciativas e a realizações levadas a cabo, importa referir a precariedade de meios económicos e de infraestruturas materiais, parcialmente compensada com o voluntarismo, como nos explica Benet, (2003, p.88).

As mutações sociais estão constantemente presentes, na animação sociocultural, teve um reflexo significativo, principalmente derivado do aumento generalizado do tempo livre, o que veio permitir o seu desenvolvimento. A animação sociocultural surgiu como resposta à chamada *civilização de lazeres*, derivada da falta de resposta na ocupação do tempo livre fora do trabalho. Verificou-se ainda, outra mutação social que nas últimas décadas – fenómenos de natureza demográfica – relacionada com novas categorias sociais (reformados, mulheres, jovens, minorias étnicas), exigindo atenção e respostas específicas, relativamente a projetos culturais e sociais.

Besnard (1985) citado por Canário (2008, p.76), refere que a animação sociocultural tem um uma diversidade de funções: *a função de adaptação e de integração*, tendo como principal finalidade promover a socialização dos indivíduos; *a função recreativa*, ligada à ocupação do tempo de lazer; *a função educativa*, em que a

¹ Definição proposta por Raymond Labourie, em 1972.

animação sociocultural é entendida como uma área que ajuda a aprofundar interesses e realizar aprendizagens funciona como escola paralela; *a função ortopédica*, visando promover a atuação junto indivíduos com problemas de inserção social, no sentido de promover a sua integração na sociedade; *a função crítica*, em que a animação sociocultural é orientada para a construção de um pensamento crítico.

Entender-se-á a animação sociocultural como “o conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições sobre uma comunidade ou sector da mesma e no marco de um território concreto, com a principal finalidade de favorecer a participação ativa dos seus integrantes no processo do seu próprio desenvolvimento social e cultural” (Bernet, 2003, p.89).

Um segundo eixo, onde se revela a densidade e complexidade da educação de adultos é referente às *instituições* que atuem neste campo. Encontra-se a distinção entre as instituições educativas e não educativas, sendo a sua distinção, o facto de estarem ou não associadas a finalidades educativas, e ainda, o facto dessas finalidades estarem ligadas a diferentes tipos de atividades.

Por último, o terceiro eixo diz respeito aos *educadores* ou *formadores de adultos*. Estes com intervenção direta e ativa nos processos educativos, são indivíduos reconhecidos socialmente a quem corresponde uma diversidade de tarefas, e que tem vindo, progressivamente, a profissionalizar-se.

Em suma, nas últimas décadas, a educação de adultos afirmou-se como um campo específico, deixando bem presente, tratar-se de práticas sociais de natureza educativa, mas também de práticas organizadas de reflexão e de impulsionador de novas aprendizagens.

Contributos da Educação de Adultos

Com a evolução da educação de adultos, surge a procura sistemática das teorias e dos procedimentos mais adequados para aplicar junto da população. Esta procura deu origem a um conceito recente no vocabulário das ciências da educação – a andragogia. Esta “nova arte da formação”, viria a diferenciar-se do modelo pedagógico. O modelo

pedagógico centrado no professor, sendo o próprio que decidia as matérias a lecionar. O modelo andragógico baseia-se numa perspectiva totalmente diferente da anterior, reconhecendo e valorizando a experiência do aprendente e a importância de todo o processo educativo, centrando-se no sujeito.

Rui Canário (2008, p.133), refere que o modelo andragógico, proposto por Knowles, se diferenciava na *necessidade de saber*, o adulto mostrava necessidade de perceber a utilidade dos conteúdos de aprendizagem; no *conceito de si*, destacando a forma como gostavam de participar nas decisões e serem responsáveis pelas suas aprendizagens, ou seja, mostram necessidade de ser encarados e tratados como indivíduos capazes de se auto gerir; no *papel da experiência*, reconhecem-se os adultos como portadores de uma experiência, sendo esta, o ponto de partida para a realização de novas aprendizagens; na *vontade de aprender*, está uma grande diferença verificada nas crianças e jovens que por vezes, se sentem obrigados a aprender, ao contrário os adultos, que estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade; na *orientação da aprendizagem*, tendo como ponto de partida a orientação para a resolução de problemas e tarefas, confrontadas no seu dia-a-dia; e por último, a *motivação*, é o principal fator para a realização de aprendizagens, quer seja externo (promoção profissional, mudança de carreira), quer seja interno (satisfação profissional, autoestima, qualidade de vida). Estes argumentos foram importantes para se posicionarem de outro modo da educação. Ressalta a importância de experiências dos aprendentes em contextos de formação, contudo, através deles, pode-se “construir uma teoria geral de aprendizagem em que os mesmos princípios seria válidos para públicos mais diversos, inclusive no que diz respeito à idade” (Canário, 2008, p.134).

A experiência profissional dos indivíduos, assim como a sua história de vida, são componentes importantes para o adulto em formação, da apropriação das experiências vividas e, deste modo consiga realizar novas aprendizagens. Esta apropriação resulta de um conjunto de situações diversificadas e interiorizadas e, por vezes inconscientes, os indivíduos desenvolvem saberes e competências que podem fazer face aos desafios que se lhes colocam ao longo do seu percurso de vida. Reforçando com ideia da autora, a mesma diz-nos “a aprendizagem apesar de estar intrinsecamente relacionada com a riqueza das situações vividas e da diversidade de desafios e exigências colocadas aos indivíduos nos diferentes contextos em que se movimentam ao longo da vida, está

também muito dependente de fatores individuais e, em última análise, é sempre o sujeito que decide o que aprender e o que vai fazer com essa aprendizagem” (Cavaco, 2003, p.135). Esse princípio assenta numa tripla dimensão do saber, do saber fazer e do saber ser e, desde modo a formação é um “processo de transformação individual” (Nóvoa citado por Canário, 2008, p.21).

A aprendizagem que se relaciona com a educação de adultos está intimamente ligada a uma perspetiva “da sua suposta contribuição para o crescimento económico das empresas e como uma possibilidade de participação no mercado de trabalho ou, em termos mais genéricos, como a capacidade de sobreviver na economia global”(Finger e Asún, 2003, p.116). Face a esta perspetiva, a educação de adultos, tanto na teoria, como na prática, teve um caráter ativo de consciências, sendo uma das condições necessárias no mundo moderno e uma “ferramenta para a compreensão do mundo em que se vive, para que se possa tomar decisões adequadas sobre como viver nele” (Finger e Asún, 2003, p.127).

A importância, cada vez mais acrescida da perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, coincide com a multiplicidade e diversificação de necessidades, assim como de oportunidades de aprendizagem. Importa referir, que as instituições que outrora aproveitavam ideais e partilhavam responsabilidades, atualmente o sentido da aprendizagem e da formação é calculado para atuar ao nível do indivíduo, como autorrealização e competitividade pessoal no mercado. A educação de adultos faculta aprendizagens de competências que permitiram interagir sobre a reflexão, dando prioridade “à consciência crítica, ao pensamento, à participação e gestão social” (Fernandez, 2008, p.75). Existe uma preocupação dominante em assegurar a capacidade integradora na sociedade e a adaptação às mudanças que vão ocorrendo na vida social, defendendo deste modo, o desenvolvimento económico e a inclusão social de forma democrática. Estamos perante uma área que se preocupa com questões relacionadas com as problemáticas do emprego, da prevenção e coesão social e da competitividade económica. A educação de adultos é um processo de mudança institucional, que conseqüentemente pode ser visto como uma estratégia de formação global, onde os formandos participam e interagem durante a sua formação, construindo desde modo uma visão consensual do futuro da organização, como das finalidades a atingir. Na educação de adultos está subjacente o interesse do próprio profissional, no entanto, é essencial desenvolver competências necessárias para os formandos

mobilizarem em situações reais de trabalho. Essas competências adquirem-se através da formação baseada em recursos teóricos e técnicos que posteriormente os formandos vão articular em situações concretas. A produção destas competências corresponde a processos multidimensionais, que ao serem adquiridas serão colocadas em prática eficazmente, dando respostas apropriadas ao contexto profissional.

Do ponto de vista da animação das comunidades, as dinâmicas contribuem para processos coletivos, desenvolvendo-as e ajudando na solução de “carências locais e a construção de projetos transformadores” (Roths, e outros, 2006, 185). Este tipo de práticas educativas, mantém bem presente toda a estrutura comunitária, ainda que visível o interesse particular no indivíduo. O interesse da comunidade está interligado ao propósito de ocupação dos tempos livres e, em articulação com a intenção de desenvolvimento pessoal, na construção de novas oportunidades de aprendizagem de forma coletiva em torno da resolução de problemas. A educação de adultos deve ser encarada como uma função integradora institucionalmente ligada à mudança social, mas também como uma prática reparadora, nomeadamente de desempregados, toxicodependentes, sem-abrigos, deficientes, e pretende-se que seja “educados ou reeducados para, de uma certa maneira, conseguirem recuperar e integrar ou reintegrar a sociedade” (Finger, 2008, p.29). Relativamente a estes grupos de risco, o investimento na educação de adultos depende de investimentos públicos, assim sendo, não se trata de investimentos lucrativos, logo verifica-se uma baixa taxa de investidores. Quando surge algum interesse político-social na tentativa de solucionar problemas, denota-se algum investimento, ainda que se verifique alguma apreensão dos investidores.

São contributos importantes, a valorização da experiência dos aprendentes, o que levou a uma valorização epistemológica da experiência; o reconhecimento da diversidade de tempos e espaços onde ocorre a aprendizagem - entenda-se a educação como um processo muito amplo, que se confunde com a socialização; e o sujeito em formação é o principal construtor do seu conhecimento, superando-se a forma escolar, reconheceu-se a importância do erro para a aprendizagem, a importância da relação dialética entre a técnica e a prática; a importância do diálogo, da reversibilidade de papéis entre o professor e o aluno, isto é, não são apenas os alunos a aprender com o professor, mas também há momentos em que o professor aprende com os alunos.

Educação não formal

Conceptualização e características gerais

Durante a segunda metade do século XX ocorreu uma mudança de enfoque nas práticas educativas, dando-se uma maior importância à aprendizagem, assim como à educação centrada no aluno e, não na transmissão centrada no professor. Deste modo, o professor passou a ser visto como alguém que ajuda e orienta. Seguindo esta linha orientadora, surgem novas figuras e espaços de aprendizagem, avançando assim, “em direção a processos de aprendizagem mais interativos entre potencialidades e necessidades, entre procura e ofertas, entre aprendizes e formadores, entre espaços e tempos específicos de aprendizagem e lugares e tempos de vida comuns” (Fernández, 2008, p.82), colocando no centro da atividade educativa a pessoa que aprende, as suas experiências e as suas ações sociais.

A educação passou a ser vista como um processo permanente, onde o indivíduo é visto como um ser inacabado e em constante procura. Neste sentido, a educação é um processo permanente, em que a maior parte daquilo que se sabe não foi aprendido na escola. Segundo o autor “a aprendizagem das coisas que não são ensinadas, ou seja que não obedecem aos requisitos do modelo escolar, corresponde ao que de uma forma genérica se pode designar por educação não formal” (Canário, 2006, p.196). Neste caso o enfoque passa a ser a pessoa em formação e o “aprender a ser”, propondo-se uma conceção de aprendizagem como a algo global e contínuo que ocorre em todos os tempos e lugares. A educação permanente funda-se na valorização e centralidade da pessoa humana no âmbito dos processos educativos. Estes processos educativos são “idealmente vocacionados para repensar e reorganizar toda a ação e percursos educativos, do nascimento à morte, que ganham visibilidade as distinções entre níveis de formalização possível das situações educativas: num *continuum* educativo que cobre todo o ciclo vital, integram-se e articulam-se processos *formais*, processos *não formais* e processos *informais*” (Canário, 2006, p.197). Consequentemente, podemos dizer que a educação formal, a educação não formal e educação informal englobam a totalidade do universo da educação, no entanto, não tem sido tarefa fácil no que concerne à

delimitação da fronteira entre a educação não formal e educação informal. A educação formal está bem demarcada devido à sua estruturação baseada na forma escolar.

Como nos explica Canário (2006, p.198), “de um ponto de vista teórico, o reconhecimento da importância dos processos educativos não formais está associado a duas ideias relativamente simples: a primeira é a de que as pessoas aprendem com e através da experiência; a segunda é a de que não é sensato pretender ensinar às pessoas aquilo que elas já sabem”. Ambas as ideias vão ao encontro do principal pressuposto da educação de adultos, enriquecer os seus conhecimentos através do seu património experiencial. A educação deve estar vinculada à vida e comprometida com o desenvolvimento global do ser humano e com os seus diferentes ciclos de crescimento.

Importa elucidar que a Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada em 1986, onde organizou tudo que diz respeito ao sistema de ensino, tendo sido “particularmente económico e omissivo no que se refere à educação não formal” (Canário, 2006, p.205). A mesma lei refere no n.º1 do art.º 4º, que o sistema educativo compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extraescolar, tendo referido no n.º4 do mesmo artigo que a “educação extraescolar engloba atividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento e atualização cultural e científica e a iniciação, reconversão e aperfeiçoamento profissional e realiza-se num quadro aberto de iniciativas múltiplas, de natureza formal e não formal”. Fazendo referência ao que se entende como “educação extraescolar”, analisa-se o art.º 23, sendo este o único que se debruçou sobre a “educação extraescolar”, assentando em três dimensões: permitir ao indivíduo aumentar os seus conhecimentos e desenvolver as suas potencialidades; integrando-se numa perspectiva de educação permanente; e referindo-se aos seus vetores fundamentais: eliminar o analfabetismo e/ou contribuir para uma segunda oportunidade dos que abandonaram precocemente o ensino regular; prepara-se através de ações de reconversão e de aperfeiçoamento profissional para fazer face ao desenvolvimento tecnológico; e assegurar a ocupação dos tempos livres de jovens e adultos.

O domínio da educação não formal é extremamente amplo e heterogéneo, abrangendo um conjunto de processos, meios e instituições específicas que podem não estar diretamente dirigidos à satisfação do próprio sistema educativo. As práticas de educação não formal são muito diversificadas e estão presentes nos vários polos da educação de adultos, incluindo meios de alfabetização de adultos; a programas de

expansão cultural; a tarefas que complementam a escola; a atividades de ocupação de tempos livres, quer dos jovens quer dos adultos; e atividades associadas à formação profissional.

A educação não formal encontra-se em “meios dirigidos fundamentalmente à assimilação de conhecimentos a nível intelectual, assim com a formação de atitudes e aquisição de capacidades psicomotoras” (Bernet, 2003, p.32). Deste modo permite a realização de aprendizagens no domínio cognitivo, social, afetivo e psicomotor.

A educação não formal pode ser orientada para a formação cívica, social e política, ambiental e ecológica. Podemos avançar que a educação não formal é um “conjunto de processos, meios e instituições específicas e distintamente concebidos de acordo com objetivos explícitos de formação ou instrução, não diretamente destinadas a prestação de graus próprios do sistema de ensino formal” (Bernet, 2003, p.30).

A importância em contexto prisional

A partir do séc. XX, os indivíduos, além da atividade profissional, sentiram necessidade de ocupar o tempo livre no decurso de um conjunto de alterações no meio do trabalho, traduzindo-se na conquista de regalias dos trabalhadores, tais como a redução progressiva do número de horas de trabalho semanal, do direito a férias, ao fim-de-semana e o direito à reforma. Nas prisões, o tempo livre dos reclusos é entendido quando não exercem qualquer atividade laboral ou escolar. As atividades laborais são escassas na proporção do número de indivíduos detidos, contudo a escola encontra-se disponível para receber todos os alunos, não se verificando grande afluência por parte dos reclusos, na medida em que a maioria não se identifica com o atual sistema educativo ou nunca teve hábitos de estudar.

O ensino nas prisões organiza-se em conexão com a formação profissional e o trabalho, de modo a promover condições de empregabilidade e de reinserção social, no quadro das políticas nacionais de educação e de emprego e formação de adultos. Muitos são os reclusos inscritos no sistema escolar penitenciário, mas poucos são os que terminam com sucesso. A ideia de estudar enquanto detido, e adquirir competências durante permanência na prisão, assim como o tempo para se dedicar a atividades de

autoformação, não é recente, conforme verificado por Canário, “o tempo de prisão não é um período de inação, é um tempo de trabalho e de liberdade que definem o aprender como atividade autónoma”(2007, p.22 e 23).

A privação da liberdade é uma medida decretada em Tribunal, no decurso de uma situação considerada crime, segundo o Código Penal. O recluso deixa de ser um cidadão livre para ser um sujeito privado de liberdade, cujas relações sociais, praticamente, se reduzem às vividas na prisão. Trata-se de uma população toda do mesmo sexo, com problemáticas muito distintas, como refere Bernet, (2003, p.111), com “necessidade de aceitação e reconhecimento do grupo”, principalmente a conquista do seu território. O recluso vê-se obrigado a desenvolver determinado tipo de relações e mecanismos de defesa, outrora muito distintos dos utilizados fora da prisão.

A prisão é o lugar onde o recluso cumpre a pena pelo crime cometido, mas é também um lugar de (re)educação, exercendo esforços no sentido de proporcionar a recuperação para junto da sua comunidade. Bernet explica que, sentimentos como a frustração, a passividade, a falta de motivação, a apatia e a agressividade, frequentes entre os reclusos, dificultam a socialização em contexto prisional. Bernet, referindo-se ao contexto prisional considera que é necessário investir:

“no desempenho de uma atividade de trabalho, na participação em atividades de formação, que podem ajudar o preso a estabelecer contactos externos, promovendo uma autoimagem mais positiva e produtiva, a quebrar o ciclo de monotonia e frustração em que se encontra e a preparar-se para o regresso ao exterior, aspetos todos eles coerentes com finalidades ressocializadoras que, em teoria, é a vida na prisão” (2003, p.112).

O tempo na prisão pode ser usado como, a segunda oportunidade para iniciar ou concluir estudos, contudo, apenas uma minoria aproveita essa possibilidade. Em geral, há maior aceitação de atividades educativas não formais, crê Bernet que é pelo facto de haver monitores especializados em diversas matérias, assim como devido à colaboração de voluntários em algumas atividades, que desta forma se minimiza os efeitos negativos enquanto se permanece na prisão, e diz ainda, não só pelo aumento e variedade de

atividades, mas também pela possibilidade dos reclusos se relacionarem com pessoas do exterior, e pessoas do sexo oposto.

A maioria dos reclusos são indivíduos que apresentam um baixo nível de habilitações, e sem trabalho fixo, como nos mostra o autor, que o “delinquente adulto vive geralmente numa zona urbana mais degradada, o seu comportamento durante a infância e juventude impediu-o de ter uma escolaridade normal e atualmente os seus padrões de conduta tornam muito difícil a manutenção de um emprego que lhe possibilite dinheiro certo para fazer face a despesas fixas” (Gonçalves, 2008). Verifica-se que a população prisional não percebe a escola como uma instituição que o prepara para o futuro, nomeadamente no que se refere à inserção profissional. A fraca participação da população prisional em práticas de educação formal em contexto prisional é observável, na medida em que são poucos os reclusos que concluem o ano letivo com aproveitamento. A educação não resulta apenas das aprendizagens realizadas através do tradicional modelo escolar, dir-se-á que a educação constitui “uma ecossistema de aprendizagens que integra, simultaneamente, tantos as atividades formais características da sala de aula, quando as modalidades educativas não formais que ocorrem, em permanência, fora dela” (Canário, 2006, p.39). Assunto que não deixa indiferente quem trabalha diretamente com este público específico, incentivando e procurando estratégias para motivar a aprendizagem da leitura e da escrita (já que alguns são analfabetos); outros sendo estrangeiros, aprendem a língua materna do país onde se encontram em reclusão; e outros ainda com alguma indignação sobre a importância da escola para a sua vida futura, decidem entrar novamente no mundo escolar, na tentativa de reaprender e ganhar competências. Certificam as competências adquiridas enquanto aguardam pela liberdade, e reforçando a ideia de que a escola desempenha um papel fulcral na integração social. Os educadores, animadores socioculturais e voluntários em contexto prisional têm um papel fundamental na ressocialização dos delinquentes, através de atividades de animação e num potencial educativo.

As atividades de animação desenvolvidas em contexto prisional são práticas de educação não formal, com um potencial educativo muito importante. Como mencionado por Canário, (2006, p.6), “entenda-se por efeitos educativos a concretização de mudanças duráveis de comportamentos e atitudes, decorrentes da aquisição de conhecimentos na ação e da capacidade de experiências individuais e

coletivas”. Para Canário, este ponto de vista valoriza a aprendizagem, contrariando o modelo tradicional escolar, entendendo-a como um processo que enfatiza as oportunidades vivenciadas no quotidiano, que se definem pelas suas consequências e não pela sua intencionalidade. Podemos considerar esses efeitos educativos como uma “aprendizagem de coisas que não são ensinadas, ou seja que não obedecem aos requisitos do modelo escolar, corresponde ao que de uma forma genérica se pode designar por educação não formal” (Canário, 2006).

A educação não formal é muitas vezes a primeira etapa para a redescoberta da aprendizagem, até o prazer de aprender. As atividades de educação não formais podem ser organizadas dentro de espaços específicos e permitir aos intervenientes e reclusos trabalhar a expressão de sentimentos diversos e percursos de vida. Desde o aparecimento da democratização do ensino em Portugal verificou-se um considerável crescimento de programas levados a cabo em diversos contextos de educação não formal, orientados segundo uma lógica de articular a educação formal com a experiência quotidiana. Desta articulação resultou uma participação cívica comprometida com o desenvolvimento social e pessoal. Não havendo um consenso generalizado sobre o que é a educação não formal, podemos considerá-la como uma educação não pautada pelas normas rígidas da educação formal, sendo orientado pelo “propósito da pluralismo educativo e centrados na relação interpessoal”(Lopes, 2008, p.404). Apresenta ainda as seguintes características:

“tendência educativa assente no pluralismo e partilha vivencial; propósito de complemento em relação à educação formal; ênfase na convivência geradora de afectos; nivelamento tendencialmente horizontal das relações humanas, aproximando as pessoas umas das outras sem as valorizar em função de graus académicos ; não outorgar títulos académicos mas certificados e diplomas de participação; abrangência a toda a população, promovendo relações e aprendizagens intergeracionais; recurso a metodologias próprias com recusa à reprodução de procedimentos utilizados pelo sistema educativo institucional”.

(Lopes, 2008, p.404)

Podemos vincular a ideia de que a animação sociocultural corresponde ao espaço de educação não formal na medida em que vai ao encontro das práticas educativas realizadas fora da escola, na medida em que contam com objetivos explicitamente formulados e muitos deles com caráter educativo. Além disso, as características entre os programas de educação não formal e os programas de animação sociocultural possuem

características idênticas: “atenção a necessidades e interesses concretos das populações receptoras, uso de metodologias ativas e participativas, escassas ou nulas exigências acadêmicas e administrativas para a inclusão nas atividades, conteúdos geralmente muito contextualizados, escassa uniformidade quanto a espaços e tempos”(Trilla, 1997 citado por Lopes, 2008, 404). O papel da animação sociocultural pode ser entendido como um “conjunto de processos que permitem potencializar, em termos educativos, articulando-as, as situações sociais quotidianamente vividas” (Canário, 2008, p.83), sendo que a prisão também pode ser vista como um lugar onde também se articulam experiências vividas com novas aprendizagens.

Importa distinguir a dualidade de tempos, tempo de trabalho e tempo de não trabalho, visto que alguns reclusos trabalham dentro da prisão e outros frequentam a escola, pode-se referir como tempo de trabalho, um tempo com as seguintes características, segundo Llull (2001) citado por Lopes (2008, p.440): “a existência de um horário laboral , o salário resultante do serviço, a relação contratual entre o empregador e o empregado”. Existem ainda, neste tempo, tarefas que cumprem fazer e que são resultantes do trabalho, como sejam: “a preparação do trabalho em casa, a assistência a ações de formação com intenções de reciclagem e de atualização e as ações inscritas na dimensão da educação permanente”. No entanto o autor considera que existe dois tempos do não trabalho, um dedicado ao cumprimento das obrigações cívicas, familiares, fisiológicas e o restante tempo, que corresponde ao tempo livre, que no entender do autor, o tempo constitui aquilo a que chama ócio. Na perspectiva dos autores (Dumazedier, 1973; Lopes 2008), referem o ócio como sendo “um conjunto de ocupações às quais o individuo se pode entregar de forma completamente voluntária depois de se ter liberto das suas obrigações profissionais, familiares e sociais, para descansar, para divertir-se, para desenvolver a sua informação e formação ou para participar voluntariamente na vida social da sua comunidade”. Em suma, o tempo livre é o tempo gerido livremente após a satisfação dos outros tempos, como o caso do tempo utilizado para as necessidades básicas, o tempo utilizado de trabalho produtivo, o tempo de estudo, e o tempo destinado a atividades sociais, cidadania e de apoio familiar.

Capítulo II

Contextualização Metodológica do Trabalho de Projeto

Neste capítulo pretende-se apresentar o trabalho de projeto desenvolvido em contexto prisional, local onde desenvolvo a atividade profissional. O projeto surge da observação diária da autora relativamente ao funcionamento da instituição e à ocupação do tempo dos reclusos.

O trabalho de projeto com indivíduos praticantes de atos de delinquência é, cada vez mais, uma forma de condução dos mesmos para ações com carácter educativo, tendo como intenção a reinserção social do recluso. O projeto não mais é, que a “expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder” (Guerra, 2002, p.126), daí ter surgido a intenção da autora na conceção deste projeto. Com base na caracterização e diagnóstico efetuado, a metodologia de projeto pretende motivar a população prisional para a ocupação do tempo de forma vantajosa, em todos os aspetos da vida, ainda que dentro da prisão.

Numa fase inicial do projeto, procedeu-se a uma tentativa de aprofundar o conhecimento sobre a realidade em causa, no sentido de se identificar quais são de facto os problemas, as dificuldades, os recursos e as condições, bem como as dimensões a objeto de intervenção. Considerou-se que o diagnóstico seria a forma eficaz de recolher informações sobre a instituição em causa, assim como conhecer a “multiplicidade dos níveis sobre os quais se torna necessário aprofundar e inovar” (Guerra, 2002,p.131).

A Problemática e os pressupostos do Trabalho de Projeto

Os pressupostos teóricos orientadores deste projeto influenciaram o modo determinante como se efetua a recolha, como se analisa e como se interpreta a informação recolhida e a realidade em causa. Desenvolvem-se aqui uma série de padrões teóricos que, por um lado, se relacionam diretamente com a problemática do projeto e, por outro, reforçam a pertinência da conceção do projeto.

Enquadrado no campo das políticas públicas de educação e formação de adultos em contexto prisional, este projeto considera a motivação para uma segunda oportunidade de voltar a estudar, já que se tratam de indivíduos que apresentam dificuldades no acesso ao mercado de trabalho ou fragilidades no que diz respeito à sua inserção em meio livre. Noutros casos, a privação da liberdade, como uma pena imposta

a pessoas que cometam delitos, não deve implicar necessariamente a renúncia a atividades levadas a cabo fora da prisão, nomeadamente a participação em atividades culturais e académicas.

Este pressuposto, não se reduz apenas às competências académicas que se podem adquirir enquanto indivíduo recluso, ou a continuação delas, ainda que em reclusão, mas sim ao sentido de estabelecer um diálogo com outros intervenientes, destacando a importância das mais variadas competências sociais. Possibilitam então, a interação nos mais diversos contextos, esta ideia é verificada no *modelo dialógico social* de Fernández (2008, p.75), onde se dedica, fundamentalmente, a “facultar aprendizagens de competências que permitam interagir, de uma forma reflexiva e imaginativa, na vida quotidiana e estrutural da sociedade. É um modelo que dá prioridade à consciência crítica, ao pensamento, à participação e gestão social”. O propósito em contexto prisional é semelhante, pois maioritariamente social no sentido de reaprender a viver segundo as regras e valores impostas como assertivas pela sociedade, contudo pode e deve ter um propósito académico levando a um sentido mais crítico, mais empreendedor, certamente fará toda a diferença no percurso da sua reinserção social.

Ideia defendida por Lesne citada por Canário (2006, p.202), quando faz a distinção entre os modos de trabalho pedagógico na formação de adultos: a *socialização* e a *formação*. Estes dois conceitos são portanto distintos, entretanto complementam-se no sentido que a “formação é parte integrante de um processo mais global de socialização torna possível apreender as ações de formação como socializações que resultam de interações quotidianas nos meios onde se desenrola a vida profissional e social”.

A construção de aprendizagens e competências profissionais dentro da prisão pode ser encarado como um fator crucial que ajuda os reclusos a romperem o ciclo que os desfavorece. É necessário através deste projeto avaliar necessidades de aprendizagem e as competências a fim de se poderem delinear planos de aprendizagem e formações futuras adequadas aos reclusos em questão. A aprendizagem terá de basear-se em abordagens orientadas para a motivação levando desta forma à participação de novos desafios e ajudar na sua reintegração.

Outro dos pressupostos que orienta este projeto remete para a importância da educação não formal em contexto prisional, defendido pelo Decreto-Lei n.º 51 de 11 de Abril de 2011, precisamente no art.º 93º, onde se deve assegurar o bem-estar físico e psíquico e favorecer o espírito de convivência social dos reclusos, eventos de promoção da leitura, exposições, colóquios, espetáculos musicais ou teatrais, nunca negligenciar as propostas apontadas pelos reclusos como atividades a realizar.

Neste pressuposto está subjacente a *função ortopédica* apontada por Besnard (1985) citada por Canário (2008, p.76) que visa “promover o reequilíbrio de uma sociedade marcada por perturbações permanentes, contribuindo, assim, para uma regulação da vida social”, aplicando-se a indivíduos ou grupos de pessoas marginais ou socialmente excluídos. Esta função procura promover a integração dos indivíduos na comunidade, proporcionando-lhe inclusão mas também competências de natureza lúdica e profissional.

No contexto prisional, à semelhança do que ocorre fora da prisão, as “atividades quotidianas do trabalho, lazer e vida social apesar de não terem propriamente uma finalidade educativa explícita são fontes de aprendizagem” (Pain, 1990 citado por Cavaco, 2003, p.129). Pode-se até dizer que, num contexto rico de estímulos, os reclusos podem ser orientados para atividades que promovam a confiança em si próprios, a capacidade de analisar situações, e respeitar o outro, de cooperar, de tomar as decisões de forma a não cometer nenhum ato ilícito, e de procurar soluções alternativas aos problemas.

A Prisão: espaço de práticas educativas

A criminalidade é um dos fenómenos que maior preocupação causa às sociedades europeias e, desde o século passado que existe uma tentativa de minimizar o fenómeno criminal. A ideia de aprisionar indivíduos incumpridores das leis vigentes não é de todo um processo recente. No entanto, desde o início do século XIX, “recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos” (Foucault, 2011, p.219), isto é, a prisão foi desde o início uma “detenção legal” encarregue de um objetivo corretivo, ou ainda um espaço de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite funcionar no sistema legal.

A última legislação datava de 1 de agosto de 1979, cuja finalidade consistia em orientar o recluso de forma a reintegrá-lo na sociedade, assim como afastá-lo da sociedade, prevenindo desta forma a prática de outros factos criminosos.

Ao longo dos últimos séculos, o sistema legislativo penitenciário vem sofrendo alterações, tendo o sistema de Auburn permanecido durante largos anos. Teve início em 1818, num sistema penitenciário Nova Iorquino, onde se verificava um rígida disciplina que não permitia que os presos comunicassem entre si. Este sistema penitenciário foi amplamente criticado sob o argumento de ser desumano, os indivíduos não podiam comunicar, restando-lhes a comunicação por gestos. Este sistema não visava a recuperação do criminoso, mas sim a obediência do recluso e a finalidade utilitária consistente na exploração da mão-de-obra carcerária. Reforçando com a descrição de Foucault (2011, p.224), o modelo de Auburn prescreve a cela individual durante a noite, o trabalho e as refeições em comum, mas, sob a regra do silêncio absoluto, os detidos só podiam falar com os guardas, com permissão destes, e em voz baixa”.

A partir de 1867, e renovando-se em 1884 surge o modelo penitenciário Filadélfia, onde os presos podiam regenerar-se através da disciplina, trabalho obrigatório e da educação religiosa. Contudo, neste modelo verificava-se o isolamento absoluto, onde não era pedida “a requalificação do criminoso ao exercício de uma lei comum, mas à relação do indivíduo com a sua própria consciência e com aquilo que pode iluminá-lo de dentro” (Foucault, 2011, p.224), tendo como conselheiro a sua consciência. Em contraposição com estes dois modelos, surgem alguns conflitos de origem religiosa, derivados da preocupação com o estado mental do indivíduo em reclusão, o pendor económico, assim como a arquitetura e a administração de forma a uma melhor vigilância dos detidos.

A longo do tempo foi começando a introduzir-se um modelo mais voltado para a de execução de penas mais progressivo, concedendo alguns privilégios pelo bom comportamento dos presos. Em 1936, Portugal elaborou uma ampla reforma prisional, no entanto esta ficou muito à quem das expetativas, já que não se preocupava em ajustar de forma equilibrada a ideia de ressocialização do delinquente e os seus direitos, segurança e ordem prisional. Em 1979 surge uma nova reforma, onde se definem normas que visam a flexibilização da execução da pena de prisão, aproximando-se cada vez mais de uma ideia de regime privativo de liberdade aberto à participação da

comunidade, numa interação integrativa e construtiva. Estabelecem-se também normas referentes aos principais aspetos da vida prisional, nomeadamente, vestuário, correspondência, saídas, entre outras.

Emergia uma reforma mais moderna, mais ajustada aos novos perfis do homem delincente, daí ter surgido um novo diploma - o Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade, em outubro de 2009. Atualmente as prisões são espaços de ressocialização do recluso na sociedade, deste modo assumem como missão prepará-lo para conduzir a sua vida de modo socialmente responsável, sem cometer crimes. A reforma de 2009 veio definir uma matéria que rara reflexão tem merecido, pese o facto de se tratar de um assunto de extrema importância para toda a sociedade e, em particular, para os cidadãos reclusos. Inovadora em alguns dos seus preceitos, o diploma contempla a cessação de práticas, introdução de novas, alteração de rotinas e mais trabalho para os diversos intervenientes processuais, no entanto para alguns autores não veio simplificar “a prática de execução de penas, antes exigir mais formalismo e maior reprodução de atos” (Rocha, 2011, p.115).

População Reclusa

Relativamente às finalidades do atual Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade, este visa a reinserção do indivíduo na sociedade, preparando-o para conduzir a sua vida de modo socialmente responsável, sem cometer crimes, assim como a proteção de bens jurídicos e a defesa da sociedade, visa também assegurar a satisfação das exigências cautelares que justifiquem a sua aplicação.

O respeito pela dignidade da pessoa, assim como o respeito pela personalidade do recluso e seus direitos e interesses jurídicos são princípios orientadores da execução, mencionados no art.º3º do mesmo Código, contudo importa referir que o n.º6 do mesmo artigo, reforça a promoção do sentido de responsabilidade, estimulando-o a participar no planeamento do seu tratamento prisional e no seu processo de reinserção social, nomeadamente através do ensino, da formação, trabalho e programas.

Este Projeto tem como âmbito o indivíduo que se encontra privado da liberdade, no entanto importa relatar de forma sucinta as diferentes perspetivas sobre a delinquência para uma perceção mais concreta do tema. Numa perspetiva sociológica, a

delinquência é vista em torno de dois modelos: o modelo de controlo social e o modelo da identidade/subcultura. No modelo de controlo social geram-se desvios que resultam de um desconcerto entre as estruturas de autoridade e de controlo social, mas também, o desvio surge como resposta a situações que os jovens se confrontam no processo de construção da identidade social. Ainda na mesma perspetiva, alguns autores defendem a influência do meio sociocultural no delinvente, ou seja, quanto mais desfavorecido e desprotegido for esse meio sociocultural, mais aumentam as probabilidades de aderência a comportamentos delinquentes.

Relativamente à perspetiva psicológica, o período da adolescência - normalmente onde se inicia a delinquência- e a transgressão, são também vistas como um transtorno antissocial de personalidade. No entanto surgem críticas relativamente a esta linha de pensamento, nomeadamente “por incluir delinquentes com características de personalidade diversas, obscurecendo a distinção entre determinantes socioculturais e económicas e a psicopatologia da personalidade”(Benavente, 2002, p.640), ou seja, verificou-se em diagnósticos realizados “a ausência de foco nos traços de personalidade”. No entanto, considera-se que o traço mais característico dos indivíduos que apresentam “comportamentos a inconstância da relação ao objeto, são a intolerância à frustração e a incapacidade para suportar a ansiedade” (Matos, 1978 citado por Benavente, 2002, p.641), predominando a não elaboração mental da frustração imposta pela realidade, havendo um estímulo acentuado no ato de agir.

A adolescência, enquanto fase evolutiva do ciclo de vida, é caracterizada por grandes transformações, quer a nível interno, biológico e psicológico, quer a nível externo, nas adaptações quer à realidade familiar e social, e é nessa fase etária que se normalmente se desenvolvem perfis de comportamentos desviantes. Nesta fase o adolescente tem dificuldade em controlar a sua motricidade e em exprimir verbalmente as suas emoções, surgindo desta forma o conflito interno, que por sua vez tende a resolver-se numa forma defensiva com as suas inquietudes, que nesta altura atingem uma grande intensidade, como também experimentar um sentimento de onipotência que geralmente acompanha as condutas desviantes, face a um ego fragilizado.

As estatísticas apresentadas pela Direção Geral da Reinserção e Serviços Prisionais, verificou-se que no final de Dezembro de 2012 existia um total de 13.614 reclusos, sendo que destes, 2.661 reclusos encontravam-se em prisão preventiva. Em

cumprimento de pena encontravam-se 10.722 reclusos e 231 reclusos em cumprimento de medidas de segurança. O recluso é colocado em regime de segurança quando a sua situação jurídica-penal ou o seu comportamento em meio prisional revelem, fundamentalmente, perigosidade incompatível com a afetação a qualquer outro regime de execução.

A criminalidade é acentuadamente uma prática executada por indivíduos do género masculino, verificando-se que 94,4% dos reclusos são homens e que desses, 56% têm idades compreendidas entre os 30 e 49 anos. Nas estatísticas apresentadas pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais constatou-se que 62% da população reclusa estudou até ao 2º ciclo, sendo que destes 4% da população reclusa não sabe ler nem escrever e 3,5% apenas sabe ler e escrever, no entanto não possui qualquer título académico. Fazendo referência a um ponto muito importante para este projeto de intervenção, que é perceber quantos reclusos a nível nacional (muito embora o projeto se centre num só estabelecimento prisional), estão ocupados quer com atividades escolares, formação profissional ou outras atividades (o documento é omissivo no tipo de atividades, no entanto pensa tratar-se de atividades laborais), pode-se constatar que dos 13614 reclusos existentes em estabelecimentos prisionais, apenas 12,5% destes frequentavam a escola no final de 2012; os cursos profissionais são frequentados por 3,7% reclusos (o documento é omissivo quanto aos motivos que estão na base destes dados, se resultam da reduzida adesão por parte dos reclusos ou se há inexistência de oferta do estabelecimento prisional); Em contexto prisional, 34% dos reclusos mantêm uma ocupação laboral.

Este projeto pode ser estimulante para os reclusos, já que a assiduidade e o empenho do recluso nas atividades laborais são tidas em conta para efeitos de flexibilização da execução da pena, assim como um subsídio de montante fixado por portaria do membro do Governo responsável pela área da justiça. As atividades podem também ser ocupacionais, em que se proporciona a realização de atividades ocupacionais de natureza artesanal, intelectual ou artística, em função das disponibilidades existentes em cada estabelecimento prisional.

Em suma, das estatísticas disponíveis pela Direção Geral da Reinserção e Serviços Prisionais, apenas 50,2% dos reclusos ocupam o tempo de forma vantajosa, isto diz-nos que 49,8% dos reclusos não mantêm qualquer ocupação do seu tempo na

prisão, assim como não desenvolve capacidades nem competências a nível académico, profissional, laboral ou artesanal, ou seja, metade da população prisional vive de forma ociosa.

Segundo as estatísticas apresentadas pela Direção Geral dos Serviços Prisionais a 31 de Dezembro de 2012, encontram-se a desempenhar funções 5.688 funcionários das mais diversas categorias, nomeadamente 15 dirigentes, 560 técnicos superiores, 487 assistentes técnicos, 212 assistentes operacionais e 4.414 guardas prisionais com diferentes categorias – chefe principal, chefe, subchefe principal, subchefe, guarda principal e guarda. Estes funcionários são espalhados pelos 55 estabelecimentos prisionais existentes em Portugal continental e ilhas.

A classificação dos estabelecimentos prisionais é determinada em função do nível de segurança e grau de complexidade de gestão. Em função do nível de segurança, os estabelecimentos prisionais são de segurança especial, alta e média, sem prejuízo de poderem incluir unidades de diferente nível de segurança. Contudo, atendendo ao grau de complexidade de gestão, a mesma comporta um grau elevado e um grau médio, e afere-se em função da classificação de segurança, da lotação, das características da população prisional, da diversidade de regimes, dos programas aplicados e da dimensão dos meios a gerir.

A prisão é deste modo vista como forma de privilegiar o que mais favorece a reinserção social, salvaguardando os riscos para o indivíduo e para a comunidade e as necessidades de ordem e segurança.

Estabelecimento Prisional do Montijo

O Estabelecimento Prisional do Montijo foi inaugurado a 28 de Maio de 1957 como cadeia comarca do Montijo. Está localizado no concelho do Montijo, distrito de Setúbal, tem atualmente a lotação de 132 reclusos e uma ocupação de 173 reclusos.

Trabalha diretamente com o 2º Juízo Tribunal de Execução de Penas de Lisboa, competindo-lhe acompanhar e fiscalizar a respetiva execução e decidir da sua modificação, substituição e extinção, assim como a execução da prisão e internamento

dos preventivos, devendo as respetivas decisões ser comunicadas ao tribunal, à ordem do qual o arguido cumpre a medida de coação.

Abrange as Comarcas do Montijo, Seixal, Barreiro, Moita, Benavente, Coruche. Quer isto dizer, todos os crimes cometidos nestes concelhos, e após determinação da medida privativa da liberdade, é emitido um mandado de condução à cadeia, para que o mesmo seja cumprido no Estabelecimento Prisional e Regional do Montijo.

Dos 173 reclusos que se encontram privados da liberdade no estabelecimento prisional do Montijo a cumprir pena ou a aguardar julgamento, verificam-se ainda 42 reclusos que cumprem pena de prisão por dias livres. Esta medida obedece ao disposto no presente Código da execução das Penas e Medidas Privativas da liberdade e no Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais, e consiste na privação da liberdade por períodos correspondentes a fins-de-semana, e tem aplicação no caso da pena de prisão aplicada possuir um limite máximo não superior a um ano e que não seja substituída por pena de outra espécie. Passado o fim-de-semana, o recluso é restituído à liberdade, voltando no fim-de-semana seguinte até perfazer a totalidade do tempo determinado pelo Juiz do Tribunal que o condenou. Esta medida, assim como a medida em regime de semidetenção, traduzem-se na privação da liberdade, no entanto permitindo ao condenado continuar a sua atividade profissional normal, assim como o contacto com a família e a comunidade onde está inserido. O estabelecimento do Montijo, estabelecimento onde decorreu a recolha de dados em estudo é de alta segurança e de grau médio na complexidade de gestão.

Dirigindo a atenção para a distribuição dos reclusos por estabelecimento prisional, encontramos no estabelecimento prisional do Montijo a particularidade de estar entre bairros sociais, onde se verifica a diversidade de etnias e de grupos rivais. Essa rivalidade que parte dos grupos de pares provenientes de bairros sociais vizinhos, ou os chamados *gangs*² é transportada para a prisão, onde coabitam no mesmo espaço e transportam consigo as rivalidades e as desavenças entre eles.

² Entre os criminólogos, não existe unanimidade quanto à definição de *gang*. No entanto a proposta apresentada por Klein (1971,111), citado por Maurice Cusson (2002), foi bastante bem recebida e o autor diz que um *gang* é um grupo característico de adolescentes, reconhecido interna e externamente enquanto tal e que se dedica a uma atividade delituosa que suscita a hostilidade da vizinhança e da polícia local.

Por vezes denota-se alguma tensão entre os reclusos de *gangs* opostos, sendo necessária a transferência de alguns reclusos para outros estabelecimentos prisionais com o intuito de reduzir a tensão prisional verificada no interior do estabelecimento.

Sendo uma prisão com uma diversas faixas etárias, denota-se que a maioria dos reclusos tem idades compreendidas entre 30 a 45 anos. Relativamente à escolaridade, verifica-se que 2,8% é analfabeta, verifica-se ainda que 33% dos reclusos concluíram o 1º ciclo; 35% concluíram o 2º ciclo; 39% concluiu o 3º ciclo e que 9% concluiu o ensino secundário, e apenas dois reclusos apresentam frequência universitária.

Segundo a Técnica Superior de Reeducação, por cada ano letivo inscrevem-se cerca de 100 a 120 reclusos, no entanto com o passar do tempo verifica-se um decréscimo acentuado, chegando mesmo a concluir o ano letivo com sucesso, cerca de 15 reclusos. Este fenómeno está associado à falta de atratividade dos conteúdos lecionados, reforçado com a ideia da Técnica Superior de Reeducação, que refere que os reclusos alegam o facto “dos conteúdos escolares não respondem aos interesses, portanto os conteúdos escolares são poucos atrativos para muitos deles”.

Relativamente à ocupação laboral, verificam-se apenas 57 postos de trabalho, sendo que a faxinagem acolhe a maior fatia – 19 postos de trabalho; seguida da cozinha, onde mantém 11 reclusos ativos. Seguem-se postos de ocupação laboral como lavandaria, oficina da Delta, secção das obras, barbearia, jardinagem. Importa salientar que a faxinagem apenas ocupa 1 hora no período da manhã e 1 hora no período da tarde, verificando-se que o recluso se encontra inativo nos horários subsequentes.

Objetivos do Projeto de Intervenção

O Estabelecimento Prisional Regional do Montijo é um estabelecimento prisional de pequena dimensão, que acolhe, maioritariamente, reclusos em regime de prisão preventiva. Tratando-se de um estabelecimento prisional de dimensões reduzidas e sem espaço envolvente, carece de atividades laborais, mas também atividades de cariz desportivo e cultural, ou seja, atividades para que os reclusos possam ocupar o tempo de forma útil e, que apresentem um potencial educativo. Tendo sempre presente que as prisões, na vertente da manutenção da ordem e segurança caracterizam-se pelo desenvolvimento de atividades em espaços de vida em comum no interior do

estabelecimento prisional e dos contactos com o exterior permitidos nos termos da lei. Os procedimentos e valores dominantes impostos aos reclusos, atribuem primazia absoluta ao controlo da população prisional, traduzindo assim a necessidade de utilizar as atividades e projetos educativos para conseguir a pacificação entre os reclusos, encarado como um espaço gerador de conflitos. Parece pertinente apostar na requalificação da educação em meio prisional como forma, por um lado, incentivar a oportunidade de voltar a estudar e por outro minimizar o tempo desocupado com iniciativas de cariz educativo.

O principal objetivo deste projeto é desenvolver práticas educativas dentro da prisão, de forma a promover o bem-estar físico e psíquico da população reclusa. De acordo com o objetivo geral apresentado, estabelecem-se os seguintes específicos: promover atividades que visem o exercício físico; desenvolver atividades que promovam a criatividade, a cooperação e a aprendizagem entre pares; motivar a população reclusa para a educação formal através da educação não formal; envolver a população prisional na reflexão sobre questões da atualidade; contribuir para a partilha de saberes e experiências entre a população prisional; dotar a comunidade reclusa de instrumentos de reflexão e de criatividade; e promover práticas que possam desenvolver saberes e competências facilitadoras da sua de reinserção social.

Metodologia

Este projeto surge como resposta aos problemas de ocupação de tempo, nomeadamente, na ausência de projetos educativos em contexto prisional, no estabelecimento prisional em causa. O projeto decorre do diagnóstico realizado e pelo “desejo de mobilizar as energias disponíveis com o objetivo de maximizar as potencialidades endógenas de um sistema de ação garantindo o máximo de bem-estar para o máximo de pessoas” (Guerra, 2002, p.126).

Esta vontade para a mudança é identificada por alguns autores como um dos elementos importantes para o projeto, no entanto, uma outra fase igualmente importante para o sucesso de um projeto é a identificação dos problemas e o seu diagnóstico, sendo referido por Guerra (2002, 127), como “um processo de pesquisa-acção participado”

tendo como principais características “um caráter sistémico, interpretativo e prospetivo”.

A diversidade de metodologias utilizadas nas ciências sociais leva a considerar os diferentes atores envolvidos num projeto, as suas necessidades específicas, assim como as suas particularidades. Neste caso os indivíduos que se encontram privados da liberdade por ter cometido factos puníveis segundo a lei vigente. Os reclusos manifestaram um grande interesse para colaborar na fase do diagnóstico, factor esse que evidencia também a importância que atribuem a esta vontade de mudança na dinâmica de ocupação do tempo no contexto prisional.

Neste caso, o diagnóstico foi também “um instrumento de participação e consciencialização dos atores intervenientes nesse sentido pode ser considerado como fazendo parte integrante do processo de intervenção porque é um instrumento de interação e comunicação entre atores face à compreensão da realidade e à identificação de necessidades” (Guerra, 2002, p.139).

Tendo em atenção a especificidade dos participantes, e a dificuldade em contactar com os mesmos, tornou-se fundamental recorrer à utilização de técnicas de recolha de dados – entrevistas individuais e entrevistas em grupos, a pesquisa de documentos e as conversas informais. A pesquisa documental, consistiu na recolha e utilização da informação existente em documentos elaborados pelo Serviço de Reeducação e, em documentos sobre o sistema penitenciário.

Foram efetuadas entrevistas de carácter individual e de carácter coletivo, dependendo da especificidade dos intervenientes. As entrevistas em grupo, tiveram como objetivo “identificar e caracterizar os significados construídos e as especificidades da experiência social vivida” (Dubet, 1995 citado por Afonso, 2001, p.100), pelos próprios reclusos em contexto prisional. Foram construídos três grupos de seis reclusos cada, perfazendo um total de dezoito reclusos entrevistados, na qual todos partilharam as suas necessidades ao nível da ocupação do tempo, assim como atividades que gostariam de ver desenvolvidas no estabelecimento prisional.

A população prisional portuguesa é constituída maioritariamente por jovens e adultos com baixos níveis de escolaridade e de qualificação, originados pelo abandono precoce do sistema educativo. As entrevistas coletivas aos reclusos ficaram a dever-se

ao facto dos reclusos apresentarem níveis baixos de autoestima e de comunicação, tentando desta forma que o grupo funcionasse como fator desbloqueador da comunicação. Ou seja, os sujeitos são encorajados a falarem sobre os seus interesses, revelando-se uma boa forma de obter novas ideias, assim ao refletirem sobre um tópico, podem estimular-se uns aos outros, avançando ideias que se podem explorar mais tarde, assim como nos diz (Biklen & Bogdan, 1994, p.138), que “as entrevistas em grupo podem ser úteis para transportar o entrevistado para o mundo dos sujeitos”.

A escolha das técnicas a utilizar depende do contexto em que se realiza o diagnóstico, no entanto pretende-se uma “ativa participação dos atores, eles deverão, desde o início, contribuir para o desenho do projeto”, foi de facto o que a autora pretendeu fazer com as entrevistas realizadas aos reclusos.

Complementarmente, no sentido de conhecer as atividades desenvolvidas na ocupação do tempo dos reclusos, assim como conhecer possíveis atividades a desenvolver, procedeu-se a entrevistas individuais aos dois Técnicos Superiores de Reeducação. Esta técnica possibilita a recolha de dados descritos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador “desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Biklen & Bogdan, 1994, p.134) e neste caso específico o modo como percebe a ocupação do tempo na prisão. Na transcrição da entrevista verifica-se a riqueza de detalhes e de exemplos dados pelos próprios reclusos.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, obedecendo a um guião, o qual foi construído a partir das questões de pesquisa e dos eixos de análise do projeto. Situação que vem de exemplo ao mencionado que a sua “estrutura típica tem um carácter matricial, em que a substância da entrevista é organizada por objetivos, questões e itens ou tópicos”. O entrevistador permite a fluidez da conversa, por parte dos entrevistados.

A obtenção da informação através das diferentes técnicas de recolha de dados aqui apresentadas permite a elaboração do diagnóstico, onde se identifica os problemas detetados. O diagnóstico serve de base para a definição de estratégias e elaboração de um plano de ação, onde é descrita de “forma detalhada e sistémica, o que se pretende fazer, quando se pretende fazer, quem será encarregado das diferentes tarefas e quais os recursos necessários para as concretizar” (Guerra, 2002, p.170). Esse plano de ação é

traçado após a transcrição integral do discurso dos interlocutores, e análise de conteúdo dos interlocutores.

Sintetizando, de acordo com os dados apresentados, pode-se afirmar que a análise de conteúdo das entrevistas aos reclusos resultam determinados elementos que podemos realçar como potenciais pontos de partida, nomeadamente o modo como os reclusos ocupam o tempo; quais as atividades existentes em curso e quais gostavam que existissem; quais os momentos mais adequados para a prática das atividades; qual a disponibilidade para participar e para preparar as atividades, assim como qual a disponibilidade para partilhar saberes e competências com a restante população prisional. Por outro lado, e como domínios a intervir, destaca-se a necessidade de duração do projeto, no entanto pode-se também afirmar que da análise de conteúdo das entrevistas aos Técnicos Superiores de Reeducação resultam determinados elementos que vão completar os potenciais pontos de partida, sobretudo na perceção dos técnicos sobre a ocupação do tempo dos reclusos; quais as estratégias da organização para ocupar o tempo de inatividade do recluso; e por último, que outras propostas estão preparadas

Capítulo III

Análise dos dados recolhidos

Apresentação e Análise dos dados recolhidos

Primeiramente, importa esclarecer que antes de se proceder à apresentação e análise dos dados propriamente ditos, torna-se relevante a pertinência dos mesmos para a elaboração da caracterização. De mencionar que após a recolha de dados para a caracterização e conseqüente elaboração do diagnóstico, foram planeadas atividades para superar o problema identificado, e neste sentido a preparação e implementação do projeto não se circunscrevem apenas a uma fase final do trabalho.

Caracterização e Análise da organização do Projeto

A educação, sendo um direito fundamental que permitirá ao cidadão integrar-se ativamente na sociedade. Todavia, a prática educativa em contexto prisional reconheceu-se através do Despacho-Conjunto nº 451/99 de 1 de Junho assegurada pelo o Ministério da Educação em articulação com o Ministério da Justiça. A oferta de ensino deve corresponder às necessidades educativas da respetiva população prisional e assenta num projeto educativo estruturado em função da vida própria de cada estabelecimento prisional. O projeto educativo integra os planos curriculares, os programas e o regime de avaliação adotados para o ensino recorrente, com ajustamentos do estabelecimento prisional, devendo ainda contemplar componentes de formação sociocultural, atividades extracurriculares, designadamente de natureza desportiva e de animação sociocultural. Compete ao Ministério da Justiça, através da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais incentivar o ensino recorrente nos estabelecimentos prisionais, por forma a contribuir para o aumento dos níveis de escolaridade da população reclusa.

Dos 173 reclusos que se encontram privados da liberdade, tomamos para a realização do diagnóstico, 17 reclusos que se dispuseram a participar na entrevista, tendo os participantes sido agrupados em 3 grupos.

De entre os reclusos participantes verificou-se que a sua média de idades é de 38 anos, sendo que o mais novo tem 25 anos e o mais velho tem 62. Pode verificar que 88% dos reclusos entrevistados possui até ao 3º ciclo, e apenas 1 recluso possui o 12º

ano e 1 recluso desconhece-se o seu grau académico. Relativamente às profissões, as mesmas apresentam-se diversificadas, sendo que 41% trabalha na construção civil ou ligadas ao ramo, e os restantes dividem-se em profissões como: trabalhador rural, motorista de pesados, barman, pescador, técnico de frio, motorista de mercadorias, assistente administrativo, educador social e relações públicas. Quanto à reincidência, verificou-se que apenas 17 % dos reclusos é primário, sendo que 83 % dos reclusos já esteve preso uma ou mais que uma vez.

No seguimento da recolha de dados através de entrevistas semiestruturadas verificou-se que a maioria dos reclusos incluídos nas atividades, estão inseridos no sistema educativo prisional. Deixando desde modo, a maioria dos reclusos excluídos de atividades que têm como objetivo a ocupação do tempo na prisão. Partindo do principal problema do estabelecimento prisional ao nível da ocupação do tempo dos reclusos, o mesmo foi identificado anteriormente pela autora, durante a sua atividade profissional. Por conseguinte, a recolha de dados para fornecer pistas para a caracterização de todo o projeto, era uma das finalidades da planificação do projeto.

Proceder-se-á neste capítulo, à apresentação da informação recebida através da técnica de recolha de dados - a entrevista. A técnica da entrevista visa sobretudo possibilitar ao investigador pistas de reflexão, tomar consciência dos aspetos e das dimensões de um dado problema, assim como aprofundar o problema inicialmente detetado. E neste sentido, este foi um instrumento exploratório que permitiu entrar no terreno e observar o problema a partir de várias perspetivas, oferecidas por quem de alguma forma o vivência. Segundo o autor, “a finalidade da entrevista consiste na recolha de dados de opinião que permitam não só fornecer pistas para a caracterização” (Estrela, 1994, p.342), assim como conhecer os intervenientes de todo o processo.

Salienta-se que a técnica de entrevista semiestruturada foi aplicada para recolha de dados, de duas formas distintas: entrevista semiestruturada individual, aplicada às técnicas superiores de reeducação; e a entrevista semiestruturada em grupo, aplicada aos reclusos participantes. Esta diferenciação deveu-se ao facto dos reclusos apresentarem características específicas e expressam-se com mais facilidade em grupo, retirando desde modo mais informações que contribuirão em muito para um bom diagnóstico. Foi efetuado um guião para ambas as entrevistas, no entanto tendo sempre o guião presente durante a entrevistas aos diversos grupos de reclusos, as “entrevistas qualitativas

oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.135). Os intervenientes na entrevista em grupo, como foi referido anteriormente, são públicos com determinadas especificidades na sua forma de comunicar, por norma são indivíduos com dificuldades de expressão, sentindo-se mais apoiados quando em grupo.

Em simultâneo, complementar-se-á com as respetivas análises efetuadas. As entrevistas foram analisadas à luz de um procedimento de análise de conteúdo, tendo antecipadamente pré-definido os critérios para análise.

Análise do conteúdo das entrevistas

Neste ponto iremos analisar as informações recolhidas através das entrevistas efetuadas aos reclusos e aos técnicos superior de reeducação. Os resultados serão apresentados em função das categorias que emergiram da análise de conteúdos das entrevistas. A entrevista efetuada aos técnicos superior de reeducação compreende informações distintas da entrevista efetuada aos reclusos, remetendo desde modo, para questões de perceção sobre a ocupação do tempo dos reclusos; questões sobre as estratégias de organização para ocupação do tempo dos reclusos; e questões sobre novas propostas e qual a contribuição desde tipo de projetos numa prisão. Contudo era de extrema importância ouvir os maiores interessados – os reclusos. Primeiramente teve interesse o modo como ocupam o tempo, e foram colocadas questões sobre a descrição do rotina diária e se gostariam de o ocupar de outra forma; questões sobre atividades de interesse que gostariam de ver desenvolvidas em contexto prisional; quais os momentos mais indicados para desenvolver essas mesmas atividades; e por último, qual a disponibilidade e participação dos reclusos em atividades propostas.

Conforme as etapas sugeridas pelo autor Albano Estrela (1994, p.455), fez-se uma primeira leitura das entrevistas para uma melhor apreensão global das características e avaliação das possibilidades de análise, seguindo-se da determinação dos objetivos da análise de acordo com as hipóteses emitidas. A escolha das categorias e das subcategorias recaiu sobre os tema e subtemas que se pretendiam ver abordados, no

entanto ao longo da análise de conteúdo foram sendo reformulados alguns, à medida que iam surgindo novos elementos. A escolha da unidade de contexto corresponderá à resposta dada pelos entrevistados a questões colocadas pela entrevistada. Posto isto, e sendo esta a última fase do trabalho de análise e interpretação dos dados que resultará da apresentação e discussão dos resultados.

Através do discurso apresentado pelos entrevistados, foi possível identificar que perceberam o único modo de ocuparem o tempo é a escola e a atividade laboral, no entanto, quanto inicia o ano letivo, há uma grande afluência, o que não se verifica passado algum tempo, sendo que os reclusos consideram a escola, um espaço onde os *“conteúdos escolares não correspondem aos interesses, portanto os conteúdos escolares são pouco atrativos”*(E1), terminando desde modo o ano letivo apenas com vinte e cinco por cento dos alunos. A atividade profissional ocupa 33% da população prisional, sendo que a maioria das atividades laborais – a faxinagem, ocupa em média duas horas por dia, o que vai ao encontro da resposta dada por um entrevistado *“vinte por cento tem uma ocupação, estudam ou trabalho, agora os outros oitenta por cento não fazem nada, não tem ocupação”*(G1R3). Quanto às representações pessoais acerca do modo como passam o dia a dia na prisão, os discursos realçam a importância da atividade laboral para lhe ocupar o tempo: *“vou trabalhar e é o melhor do dia, o tempo passa mais rápido, vai-se passando melhor o tempo”* (G3R3), assim como a importância da escola na vida de alguns reclusos: *“durante o dia venho à escola, estudo, ou então estou no pátio, mais nada”*(G1R3). Sendo que essa importância pode ser vista como o modo de rentabilizar o tempo carcerário: *“agora comecei a estudar um pouco de inglês para melhorar um pouco”*(G2R4), ou ainda, *“aproveito para terminar os estudos que lá fora não consegui terminar, aproveito este regime”*(G2R3).

Ainda no mesmo domínio, mas sobre a categoria: percepção sobre a forma como os reclusos ocupam o tempo, os sentimentos são unânimes: *“as pessoas estão fechadas, são um grupo de pessoas que estão juntas (no pátio) muitas horas, começa por vezes a existir stress”*(G1R3). Sobre esta questão, foi visível o desconforto causado aos reclusos que não frequentam o ensino e que não tem qualquer atividade profissional, tratando-se de um estabelecimento prisional sem qualquer zona envolvente ao edifício principal, dificulta em termos de outras atividades laborais como o trabalho no campo, jardinagem, oficinas de automóveis, entre outros. Restando os trabalhos internos de limpeza, cozinha, lavanderia, barbearia. Salienta-se a importância da interação entre os

reclusos de forma saudável: *“quando estamos no pátio, acabamos por não conviver tanto e o espírito de equipa, não existe”*(G1R3), visto que maioria dos reclusos vê o pátio como um espaço vazio e sem interesses: *“quando se anda ali, fala-se com este e com aquele, anda ali de um lado para o outro sem nada para fazer e ocupar a mente, não há mais nada para fazer, ao fim ao cabo, os temas de conversa acabam por ser todos os dias os mesmo”*(G3R2), ainda outros entrevistados manifestaram que *“as pessoas lá fora estão em stress, não há nada para fazer”*(G3R4); *“como não há exercício físico, nem nada para se fazer, aumenta a tensão”*(G3R5). , Outro aspeto que emerge desta análise relativa à perceção sobre como gostariam de ocupar o tempo, remete para a vontade de interagir uns com os outros, até mesmo conviverem uns com os outros, a criação de climas tranquilos: *“o simples facto de a gente jogar à bola, cria-se um clima de amizade (...)* *“acabamos por interagir mais uns com os outros, que será uma coisa bastante importante”*(G1R3). Os entrevistados manifestaram bastante interesse em ocupar o seu tempo em atividades desportivas, nomeadamente torneios de jogos de mesa, torneios de jogos de bola: *“devia haver uma sala de jogos, jogos de mesa e depois outra parte no ginásio”*(G1R2), no entanto verificou-se a necessidade de ajudar os outros, como o exemplo de reparar material em escolas e infantários, assim como a vontade expressa de partilhar com os outros a história de sua vida, principalmente a jovens. Esta partilha de história de vida, surge na tentativa que o seu testemunho seja suficientemente dissuasor para alguns jovens, assim como poder contribuir para o bem estar de crianças e jovens: *“contar a nossa vida, preparar os mais pequenos para eles não entrarem na cadeia(...), fazer para eles teatro, fazer coisas para eles como cadeiras, mesas, ajudar para a escola”*(G2R2).

Contrariamente ao tema anterior, o domínio das atividades foi avaliado entre as atividades implementadas e as que gostariam de ver implementadas. Atualmente poucas são as atividades implementadas e, as que se verificam são organizadas na escola e para os alunos da escola, sendo que os entrevistados referem que qualquer recluso pode frequentar: *“o teatro é aberto a todas as pessoas, mais aos alunos da escola”*(G1R3), no entanto, as pontuais atividades existentes surgem da iniciativa e da boa vontade dos professores: *“há o espaço dentro do ensino desenvolvido também pelos professores, há a oficina de teatro, e há a banda de hip-hop (...) a professora Cristina é que está a desenvolver esse projeto”*(E1). A biblioteca surge como um espaço controverso, na medida em que os reclusos manifestam *“que a maioria dos reclusos não pode ir á*

biblioteca (...) e raramente é utilizada”(G2R2), e ainda um outro que expressou vontade de frequentar a biblioteca: “uma coisa que faz falta é (...) acesso à biblioteca, o acesso é restrito”(G1R2). Contrariamente à percepção dos reclusos, através da entrevista pode também conhecer-se a percepção dos técnicos superiores de reeducação relativamente ao acesso à biblioteca: “a utilização da biblioteca é feita através de requerimento, eles fazem o pedido do livros que pretendem, através da consulta de um catálogo que está na zona prisional, e assim tem acesso à biblioteca”(E1), contudo, e mencionada por diversos entrevistados como atividade que gostariam de ver implementada, mas que não está a ser conseguida na percepção dos reclusos: “outra coisa que também podia ser mudada, é que a maioria dos reclusos não pode ir à biblioteca, a biblioteca está aqui e raramente é utilizada(...)uma pessoa que nunca tenha lido muito na sua vida, chega ao portfólio, fica ali um bocado perdido, ele não sabe o nome das obras”(G2R2). Verificou-se a importância do acesso a jogos de mesa, porém a falta de espaços para a sua realização é uma constante, não havendo um espaço próprio para os reclusos jogarem, conforme o entrevistado (G3R1) refere “no bar só existem três ou quatro mesas para se jogar, se estão ocupadas, acabou, pois é a única área que existe para qualquer jogo(...) não há uma sala que disponha de meios para se poder jogar, que seja mais ou menos polivalente, onde possamos ocupar o tempo de variadas formas”. Salienta-se ainda sobre a mesma questão, a importância da prática desportiva – além de valorizar socialmente o indivíduo, proporciona uma melhoria no autoconceito, a aprendizagem de uma modalidade desportiva constitui uma das mais significativas experiências que o ser humano pode viver com o seu próprio corpo. O desporto pode ser algo de muito benéfico na vida de qualquer ser humano, ainda que se encontre em reclusão, ajudando-o na sua educação e na formação pessoal, assim como a fomentação do cumprimento de regras. O desporto foi uma das atividades que os entrevistados assinalaram como necessária, chegando mesmo a referir como “peça fundamental no sistema prisional, ajuda a combater o consumo de drogas, consumo de tabaco”(G2R1) e “no desporto vem a descarga do psicológico , também acho que é importante os hábitos de vida saudável” (E1). O teatro é uma das atividades existentes na prisão, porém verificou-se que era direcionado para os alunos da escola e desenvolvido pelos professores dos Cursos EFA (Educação e Formação de Adultos), conforme mencionado pela técnica superior de reeducação: “ínhamos o teatro que já acabou , pois estava inserido na escola”(E2). De acordo com o discurso das técnicas superior de reeducação que o teatro é uma “atividade lúdica que eles gostam” (E2). Se

por um lado, a técnica superior de reeducação refere o teatro como uma atividade atrativa para os reclusos, os mesmos fizeram referência à atividade alegando a falta de incentivo, ou seja os reclusos mencionaram que *“não há ninguém a incentivar”*(G1R3). As atividades mencionadas pelos reclusos têm um papel fundamental na resolução do problema – a falta de atividades lúdicas e desportivas em contexto prisional , que se procedem com fatores associados à gestão do tempo e do espaço, assim como a capacidade que os motiva a participar na organização das atividades. Constatou-se através das respostas dadas pelos reclusos entrevistados, as artes são atividades que gostavam de ver implementadas, nomeadamente, a pintura, o artesanato, a música, conforme citado por (G2R1) *“a pintura é uma aposta fundamental, a música(...)há muitas pessoas que gostavam de aprender a tocar viola, órgão, dentro das condições que existem, podia-se ter uma bateria”*, ainda outro recluso entrevistado referiu que a *“pintura (...)seria uma ótima opção, desenvolver a capacidade do pessoal porque a pintura não é só pegar num pincel e em tintas e pintar”*(D3R2). Alertam para a necessidade de uma *“sala com uma certa polivalência onde até mesmo em simultâneo poderia haver pintura, desenho”*(G3R1), com o objetivo de interagir uns com os outros de forma saudável e ocupar o tempo da melhor forma possível. O facto de apenas restar o pátio e a própria cela para conviver com os restantes colegas, deixa-os inquietos e sem saber que fazer, conforme diz (G3R2) *“quando se anda ali, fala-se com este e com aquele, anda ali de um lado para o outro sem nada para fazer e ocupar a mente, não há mais nada para fazer, ai fim ao cabo, os temas de conversa acabam sempre por ser todos os dias os mesmos”*, daí surgir a necessidade de uma sala polivalente onde cada um pudesse frequentar conforme a vontade e criar a peça que lhe apetecesse.

Questionando quais os momentos que achavam mais adequados para a prática de atividades e, segundo (G1R3) *“a manhã acaba por ser maior”*, no entanto, outros entrevistados responderam que *“durante a tarde também há tempo para irmos, por exemplo para um atelier de pintura ou ensaiar para um teatro ou grupo de música (...)durante a tarde pode fazer muita coisa”*(R1G1). Ainda seguindo a mesma dimensão, os espaços para desenvolver as atividades são muito importantes, e verificou-se a existência de um espaço destinado às atividades escolares, com diversas salas de aulas e uma biblioteca, no entanto esse só poderia ser utilizado para outras atividades a quando as férias escolares. Surge através dos entrevistados que o espaço ideal é a sala de visitas e, encontra-se desocupada durante a semana, visto tratar-se de um sala

destinada à recepção dos visitantes quando efetuam a visita aos reclusos: “*eu tenho uma ideia (...)sala de visitas, como é um espaço grande*”(G1R5); “*um espaço que tu tens é a sala de visitas, pode ser repartido com quatro panos e cada departamento está ali no seu espaço, sem ter nada que ver com os outros que estão ali ao lado*”(G3R1). Efetivamente a sala de visitas é um espaço muito amplo e que pode acolher qualquer tipo de atividade à exceção da prática desportiva. Esta seria num outro pavilhão tendo sido concebido para esse mesmo efeito como refere a técnica superior de reeducação: “*espaço destinado à prática dos exercícios das atividades desportivas existe e até é um bom espaço para ser utilizado para esse fim*”(E1), contudo encontra-se inoperacional, aguardando que possa acolher brevemente os reclusos na prática do desporto.

Quando questionado sobre a vontade de participar, assim como a disponibilidade em ajudar na organização e na conceção das atividades, verifica-se vontade em participar sempre que são apresentadas atividades lúdicas ou desportivas: “*eles até são muito motivados, motivam-se com coisas práticas*”(E1), e quando “*bem articulado e consistente, eles aderem facilmente, tanto aderem com coisas que se identificam à partida como coisas que quase nem lembra a ninguém e eles aderem na mesma*”; e ainda outra opinião, vinda da técnica superior de reeducação: “*mostram-se muito interessados e participam, desenvolvem as atividades que lhe são propostas e podemos contar, esse é um aspeto que resulta sempre muito bem, portanto sempre que lhe propomos algo diferente da vida quotidiana, eles assimilam muito bem, participam e isso é uma mais valia para eles*”(E2). Relativamente à disponibilidade na participação assim como organização verificou-se uma enorme aderência, como refere (G1R4) “*tenho curso de monitor de educação física (...)teria todo o prazer em ajudar certas pessoas com limitações*”; e “*é que com atividades que nós pudéssemos desenvolver quem sabe se poderíamos ganhar verbas para investir no ginásio. Nós poderíamos desenvolver alguns trabalhos, rifá-los para as pessoas colaborarem para conseguirmos algum equipamento aqui para os reclusos, para comprar alguns utensílios para desenvolver atividades como música, a nível cultural, do teatro(...)podemos lançar algumas criações aqui nos reclusos para ajudar algumas escolas, e essas escolas ajudavam-nos e, quem sabe também para os lares*” (G2R3).

Podemos concluir que a prisão também pode ser visto como espaço de partilha de saberes, onde cada um pode partilhar conhecimentos adquiridos com o outro: “*arte marcial não provoca violência à pessoa, eu até gostaria de aprender com eles*

isso”(G2R5), conforme expõe um recluso quando se refere a uma prática desportiva que o próprio gostaria de aprender.

Segundo os entrevistados, os objetivos da organização de atividades de ocupação de tempo, são: *“adquirirem mais competências escolares, profissionais, e às vezes também descobrir competências que eles desconhecem(...)no sentido de lhe facilitar de certo modo o enquadramento na sociedade ”*(E2), diz-nos outra técnica que *“quanto mais ocupados estiverem e fora do pátio e dos espaços comuns, melhor!”*(E1). No entanto verificam-se algumas dificuldades na organização, principalmente por haver défice de técnicos superiores de reeducação, assim sendo, atualmente só existe atividades ligadas à escola e direcionadas para os que a frequentam. Quando os professores se encontram em período de férias, deixa de haver qualquer tipo de atividades.

Por último, quando questionado qual a contribuição de este tipo de projetos para a ocupação do tempo dos reclusos, as técnicas mencionaram ser importante e fundamentaram que *“a integração deles nas atividades é muito importante (...)é uma ferramenta que eles podem aprender, que adquirem e que podem utilizar quando forem para a rua”*(E2), ainda a mesma técnica refere que lhe *“ocupa-lhes o tempo, enquanto estão ocupados naquela atividade, não estão a pensar em fazer coisas que não devem ser feitas”*(E2).

Diagnóstico

Neste ponto, pretende-se sistematizar os dados apresentados anteriormente, de forma a identificar os principais problemas existentes em cada dimensão analisada. Segue-se uma “fase de hierarquização dos problemas”, conforme (Guerra, 2002, 135), e um aprofundamento e discussão dos problemas, das potencialidades e prioridades do projeto em causa. De acordo com (Guerra, 2002, 131) “um bom diagnóstico é garante da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projeto de intervenção”. O diagnóstico apela desde logo a um conjunto de saberes por parte da autora. Saberes científicos certamente, mas também saberes relacionados com questões penitenciárias, lugar onde se efetua o diagnóstico e que possui características específicas por se tratar de um público com tendências para

negação às regras implementadas pelo sistema judicial. A finalidade do diagnóstico é “analisar de que forma as condições presentes afetam as condições de vida” (Guerra, 2002, p.139) dos reclusos e desde modo criar o projeto de intervenção como solução para os problemas detetados.

Foram diversas as questões levantadas ao longo do processo de recolha de dados, contudo, nem todas as informações poderão ser aqui enfatizadas, tentamo-nos circunscrever à problemática principal desde projeto. Salienta-se que a objetividade de problemas que emergiram na recolha e análise de dados, não implica colocar em causa, a pertinência de outras necessidades que não serão aqui analisadas. Focalizamo-nos em questões subjacentes aos objetivos do trabalho e das prioridades estabelecidas previamente.

No âmbito da ocupação do tempo dos reclusos, os principais problemas centram-se no domínio da fragilidade encontrada ao nível da organização e funcionamento de atividades implementadas em contexto prisional. Neste campo e, através das entrevistas foi possível identificar instabilidades no que se refere ao papel dos técnicos superiores de reeducação, visto serem apenas dois técnicos para uma população prisional com cerca de 200 reclusos, daí tornar-se insustentável a organização e o acompanhamento de atividades lúdicas e desportivas direcionadas aos reclusos.

Outro problema associado a este processo, remete para a questão das poucas atividades existentes no estabelecimento prisional, as mesmas são organizadas pelos professores e logo direcionadas para os alunos reclusos que frequentam a escola.

Relativamente a atividades já anteriormente implementadas, verificou-se um certo saudosismo por parte dos reclusos, já que metade da população prisional é reincidente na prisão ou permanece há já alguns anos. Relataram atividades que gostaram particularmente e que gostavam de ver novamente implementadas, como o caso do desporto. Referente às atividades físicas, todos os grupos de entrevistados mencionaram a prática do desporto como algo que os ajuda a passar o tempo, mas principalmente um estimulador na descarga de energias negativas acumuladas.

Um outro problema verificado é a necessidade de um espaço onde os reclusos possam permanecer de forma a interagir uns com os outros e principalmente conviver, partilhar saberes e descobrir novas potencialidades artísticas, mas também o espaço para

prática desportiva. O espaço para a prática do desporto existe e conforme os entrevistados é um ótimo espaço, no entanto encontra-se encerrado por motivos desconhecidos aos entrevistados.

Curiosamente, um último problema surgiu, através da análise dos conteúdos apresentados – a biblioteca. Verificam-se duas perspectivas completamente distintas, por parte dos grupos de reclusos entrevistados e por parte dos técnicos de reeducação. Para os técnicos a deslocação à biblioteca está bem organizada, e mencionam que existe poucos reclusos interessados na leitura de livros. Por outro lado, os três grupos de reclusos entrevistados manifestaram que não tem acesso à biblioteca, tendo apenas acesso a um portefólio com o nome dos livros para requisição, não tem assim qualquer contato antecipado com o livro pretendido.

O principal problema detetado é a inatividade da maioria dos reclusos, a existência de poucos postos de atividades laborais, sendo que essas atividades ocupam diariamente poucas horas, restando-lhe permanecer no pátio ou fechado na cela.

Projeto a implementar

Na fase anterior procedeu-se à identificação dos principais problemas encontrados no diagnóstico de situação, permitindo agora estabelecer estratégias de intervenção para cada um deles, em função dos objetivos e dos recursos existentes ou até explorar outros recursos. Indo ao encontro da ideia de (Guerra, 2002, p.166) “uma vez definidos os objetivos, é necessário analisar as formas de os atingir”, delineando linhas condutoras da ação, como possibilidades de resposta aos problemas identificados em cada dimensão analisada. De salientar, contudo, que embora para cada problema possa ser definida uma estratégia, existe efetivamente uma diversidade de soluções, dependendo do ponto de vista sobre o qual se analise esse determinado problema. Toma-se como referência para delinear as estratégias, “um contexto de articulação entre os recursos e objetivos e visando a elaboração de um pensamento diretor em torno do qual se estruturam, de forma mais ou menos coerente, as decisões fundamentais” (Guerra, 2002, p.167). Essas decisões fundamentais serão os alicerces das estratégias, e essas por sua vez, serão as grandes opções que o projeto faz, face às possíveis linhas de orientação.

Tratando-se de um grupo de pessoas com características diferentes pelo lugar onde estão, é necessário ter em atenção alguns parâmetros implicados na situação e possivelmente haverá dificuldades em prosperar algumas estratégias. Pressupõem-se então, o conhecimento do meio da autora, assim como das potencialidades, visto tratar-se de uma prisão com elevados níveis de segurança. As propostas apresentadas são entendidas como instrumentos que vão ao encontro de uma situação desejada, na perspetiva de resolução de problemas identificados anteriormente. Na decisão de estratégias, foram considerados instrumentos existentes, atendendo ao cenário e às características do contexto onde se desenvolve este projeto, segundo (Guerra, 2002, p.168) “os critérios das estratégias estão, sobretudo, relacionados com a política da instituição”.

Este projeto assenta no campo de práticas educativas, assim como o “reconhecimento da centralidade da pessoa num processo de aprendizagem que, necessita e desejavelmente, combina uma grande diversidade de modalidades, corresponde a entender o processo educativo como um *continuum* que integra e articula diferentes graus de formalização da ação educativa” (Canário, 2006, p.39). A escola é encarada como ecossistema de aprendizagem que integra simultaneamente, tanto atividades formais – características de sala de aula, assim como atividades educativas não formais que ocorrem normalmente fora da sala de aula. O projeto de intervenção assenta na educação não formal, sendo encarada como um conjunto de metodologias e recursos que permite complementar as formações anteriores e, ao mesmo tempo, aprofundar interesses culturais específicos. Importa ainda referir que uma das virtualidades educativas da educação não formal “consiste em incitar, motivar, potenciar, enquadrar a educação formal através de atividades que conferem sentido, partilha, interação e envolvência ao ato de educar” (Lopes, 2008, p.406). Um dos objetivos do projeto de intervenção é precisamente enquadrar a educação formal através das atividades propostas no âmbito da educação não formal.

Os problemas identificados anteriormente fundem-se num só grande problema – a falta de ocupação do tempo dos reclusos em contexto prisional. De acordo com as dimensões analisadas, procedeu-se ao desenvolvimento de diversas atividades, que se distribuem em quatro áreas de ação – área da criatividade, área da música, área do teatro, e área do desporto. Contudo, estas diversas áreas estão dispostas em pequenos ateliers que formam uma Oficina de Artes, inserida em práticas de educação não formal.

Os sistemas de educação não formal, constituem um recurso fundamental para o desenvolvimento de atividades de ócio ligadas ao fenómeno da animação sociocultural, e, através deles, “processos de aprendizagem pessoal são vividos pelo sujeito num interagir permanente com o outro”(Lopes, 2008, p.454).

Especificando cada uma das áreas a desenvolver na Oficina de Artes, a área do desporto possui um pavilhão próprio para a sua prática, fechado temporariamente, mas que brevemente reabrirá. Neste atelier desenvolvem-se desportos coletivos, nomeadamente futebol salão, basquetebol e serão realizados torneios entre equipas. A existência de reclusos com formação em educação física facilita este atelier, na medida em que partilha com os restantes os seus saberes, adquiridos sua formação desportiva. A existência do ginásio com máquinas onde se desenvolve exercícios de manutenção e tem como instrutores, reclusos praticantes da modalidade no exterior é uma mais valia para a prática desta modalidade. Ainda dentro da área desportiva, temos um atelier de dança de rua, nomeadamente o hip-hop, break dance ou também chamado de b-boy, são um estilo de danças de rua, parte da cultura do hip-hop criada por afroamericanos e latinos na década de 70 em Nova Iorque, inicialmente era utilizadas como manifestações populares e alternativa de jovens para não entrarem em gangs de rua. A instituição onde se desenvolve o projeto fica geograficamente situada perto de bairros com população oriunda de países africanos, ou seja, na instituição verifica-se uma elevado numero de indivíduos associados à cultura africana. Relativamente a este grupo de dança, com a ajuda dos reclusos, contactam-se indivíduos pertencentes a grupos de dança no exterior e convida-se a transmitir passos utilizados através de workshops apresentados na instituição, nomeadamente na sala de visitas. Havendo reclusos que também dominam esse tipo de dança, fica como instrutor de dança e terá o prazer de partilhar com os restantes colegas interessados em aprender. A dança caracteriza-se pelo uso do corpo, seguindo movimentos previamente estabelecidos ou improvisados, como no caso das danças de rua, tendo um sentido libertador.

A área da música é uma área um pouco mais técnica, no entanto, alguns reclusos manifestaram ser uma atividade interessante. A existência de instrumentos no estabelecimento prisional facilita a construção desde atelier, no sentido de faltar apenas um especialista na área da música. Do mesmo modo, com a ajuda dos reclusos, contactar-se-ia escolas de música ou indivíduos que saibam tocar instrumentos e estejam disponíveis para se voluntariar a ensinar reclusos. Possivelmente, de entre a

população prisional haja reclusos músicos e cantores que ensinariam aos restantes. Uma banda de musica seria o objetivo a alcançar com este atelier, posteriormente poderão deslocar-se a outros estabelecimentos prisionais para dar a conhecer a banda.

Relativamente à área do teatro, contactava-se o Teatro do Oprimido de Lisboa na tentativa que alguns elementos voluntários partilhassem do seu gosto por este tipo de teatro. O teatro do oprimido trabalha diretamente com populações desfavorecidas, formando grupos comunitários de teatro fórum que criam espetáculos a partir de situações reais por si vividas, e que são, posteriormente, apresentadas à restante comunidade. Os voluntários partilham dos seus saberes aos reclusos através de workshops e numa fase mais avançada, tornam-se, eles próprios, multiplicadores da metodologia, orientando o grupo com o objetivo de promover a transformação social e ajudar na reflexão de temas subjacentes ao contexto prisional. A sala de visitas é o palco adequado para os ensaios e para apresentar o teatro à comunidade prisional. Esta atividade admite a existência de espetadores e “promove o teatro como uma tecnologia, ao serviço de uma determinada estratégia social, cultural e educativa”(Lopes, 2008,p.350). Segundo a prática do teatro, compreende a previa preparação de uma peça, de uma situação dramática ou até ao improvisado, atempadamente idealizando, que vai servir para formar e informar, estimular as consciências e provocar reações nas pessoas. O teatro do oprimido, assenta “ nas vivências do povo e ser para o povo” (Lopes, 2008, p.351).

A área da criatividade, estaria presente através da pintura e do artesanato, é um atelier com livre acesso onde cada um expressa aquilo que gosta. A sala de visitas é o lugar adequado pela sua amplitude, podendo manter vários reclusos ocupados em simultâneo. Neste atelier são necessários materiais de pintura, como telas, tintas, pinceis, aguarelas, papel, entre outros, conforme a imaginação de cada um. A primeira aquisição de material é solicitada junto de empresas, adquiridos pelos reclusos mais abonados, ou ainda materiais recicláveis. Posteriormente, a aquisição do material mais dispendioso passa pela venda dos artigos criados junto dos visitantes que visitam a prisão e toda a verba conseguida é gerida pelo administrador do projeto.

Na Oficina das Artes, os reclusos tem um papel muito importante, na medida em que também eles tem que agir e não aguarda que os outros procurem por eles, desta forma “agir é um processo que faz alterar a análise dos problemas, das formas de ação e

das relações internas à organização”, como refere (Guerra, 2002, p.172), relativamente à importância dos reclusos na participação e organização das atividades. Não esquecendo que a “valorização do trabalho de cada um, salienta a importância da cooperação e encontrar formas de fazer realistas e adequadas ao contexto são formas de alimentar um projeto coletivo” (Guerra, 2002 p.172).

O projeto decorre num período de seis meses e a sua continuidade depende da aderência e motivação dos reclusos, tendo sempre presente as dificuldades ao nível de alguns materiais no que concerne à segurança do estabelecimento e da integridade humana de cada um.

Conclusão

A educação de adultos é um movimento nascido de uma ideia de mudança social, como tal a UNESCO viu-a como forma de “humanização da civilização” e como ferramenta essencial para o desenvolvimento da sociedade. Pode dizer-se que a educação de adultos progrediu de forma a acompanhar a evolução da sociedade, tentando responder as necessidades do seu tempo. A educação de adultos entrou no mundo profissional através da formação profissional, através da formação contínua que supostamente preparava os trabalhadores para estarem à altura das exigências do mercado de trabalho. Contudo, a educação de adultos não ficou pelo mundo do trabalho, tendo entrado também no mundo do lazer, através do polo da animação sociocultural, que apareceu com o intuito de responder a um conjunto de rápidas mudanças sociais. Essas mudanças não são apenas mudanças de resposta ao tempo livre, mas também uma estratégia de intervenção social. A animação sociocultural inserida nas práticas de educação não formal, constitui hoje “um campo fundamental da ação educativa que abrange públicos muito diversos” (Canário, 2008, p.71), nomeadamente públicos que se encontram em contexto prisional. O público encontrado em contexto prisional é um público masculino, com baixo nível académico e metade da população prisional é reincidente na prática de crimes.

As práticas da educação não formal são diversificadas e estão presentes em vários polos da educação de adultos, encontrando-se em “meios dirigidos fundamentalmente à assimilação de conhecimentos a nível intelectual, assim como a formação de atitudes e aquisição de capacidades psicomotoras” (Bernet, 2003, p.32). A prisão é um campo de práticas educativas, nomeadamente por via da escola, da formação profissional e de atividades de educação não formal. Sendo esta última, onde assenta o projeto de intervenção. No percurso da conceção do projeto, analisou-se o modo como é realizada a ocupação do tempo entre os reclusos no contexto prisional, tendo verificado que a maioria dos reclusos passa o dia no pátio a andar de um lado para o outro, conversando com quem aparece e quase se consegue adivinhar o tema da conversa seguinte. Identificaram-se experiências, motivações e interesses dos adultos reclusos, que em muito contribuíram para o projeto, através dos partilha de interesses, concebeu-se um diagnóstico e definiram-se estratégias a implementar no projeto. As estratégias de ação vão permitir aos reclusos participar ativamente, assim como organizar as próprias

atividades, solicitando às instituições, às empresas, materiais que possam doar para a prisão. A prática desportiva é vista como forma de promover a atividade física, libertadora de energia acumulada, sobre pressão, sai de forma conflituosa e agressiva. Esta prática foi mencionada com atividade que gostariam de ver desenvolvida, concluímos que é indispensável para os reclusos em geral. O teatro também é visto como um meio para atingir um fim, também se pode e deve fazer teatro no sentido de “fomentar a capacidade expressiva, reforçar a componente comunicativa, reforçar a coesão social, potenciar a criatividade e a confiança” (Lopes, 2008, p.352). O atelier de pintura e artesanato tem o objetivo de permitir aos reclusos criar objetos, assim como aprender a reaproveitar materiais recicláveis.

No âmbito da competição, são organizados torneios de futebol de salão e de basquetebol no pavilhão indicado para o efeito, far-se-ão também torneios de jogos de mesa, na sala de visitas. Haverá dois períodos da semana que a sala está aberta para a prática de jogos de mesa, sendo que os restantes períodos são distribuídos entre os ensaios da dança, da música, do teatro e das atividades de pintura. A sala de visitas concluiu-se que é um espaço adequado para a implementação de ateliers de pintura e artesanato, ateliers de música, ateliers de danças de rua, e ateliers de teatro, já que se trata de uma sala ampla e que durante a semana não se encontra ocupada. Como os ateliers comportam várias atividades, dividem-se por períodos pré-estabelecidos. Em simultâneo, e conforme a resposta às solicitações para voluntariamente apresentar workshops, ensinando as diversas áreas de interesse. Está pensado também para atenuar a frieza da sala de visitas, pela sua amplitude e cor da parede (amarelo torrado), no atelier da pintura, a conceção de pinturas em tecido, para forrar as paredes, aligeirando um pouco de forma graciosa e criativa.

Relativamente ao acesso à biblioteca, é necessário articular com os técnicos superior de reeducação e com os serviços de vigilância um outra possibilidade de frequentar a biblioteca.

A conceção do projeto de animação permite a ocupação do tempo dos reclusos através de atividades que promovem a valorização das suas experiências, a troca de saberes, a criatividade e a reflexão, esse foi sempre o objetivo principal e esteve presente em todo o projeto.

Bibliografia

Afonso, N. (2001). *Investigação Naturalista em educação, um guia prático e crítico*. Edições ASA, Porto.

Benavente, Renata (2002). *Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia*. *Análise Psicológica*, Novembro, vol.20, nº.4, pp.637-645.

Bernet, J. T.(2003). *Lá Educación fuera de lá escuela: ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Editorial Ariel.

Biklen, S. & Bogdan, R..(1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, pp. 134-139.

Canário, R. (2003). Formação e Situações de Trabalho. In Canário, R. (Org.). *A aprendizagem ao longa da vida: Análise crítica de um conceito e de uma política*. Porto: Porto Editora.

Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In CNE. *A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, p.207-267.

Canário, R. (2007). A educação e o movimento popular do 25 de Abril. In Canário, R. (Org.). *Educação popular e movimentos sociais*. Lisboa: Educa.

Canário, R. (2008). *Educação de Adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

Carré, P. e Caspar, P. (1999). *Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Carvalho, R. (2008). *História do Ensino em Portugal – desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cavaco, C. (2003). *Fora da escola também se aprende. Percursos de formação experiencial*. Educação, Sociedade & Culturas, 20, pp.125-147.

Cusson, M.(2002). *Criminologia*. Lisboa: Casa das letras.

Decreto-Lei n.º 265/79, de 1 de Agosto. *Execução das medidas privativas de liberdade*. Ministério da Justiça – Direção Geral dos Serviços Prisionais.

Despacho-Conjunto n.º 451/99 de 1 de Junho de 1999.

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.

Fernández, F.S. (2008). Modelos atuais de Educação de pessoas adultas. In Canário, R. & Belmiro, C. (orgs.). *Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, p.74-96.

Finger, M. & Asún, J. (2003). *A Educação de Adultos numa Encruzilhada: Aprender a nossa saída*. Porto: Porto Editora.

Finger, M. (2008). A Educação de adultos e o futuro da sociedade. In Canário, R. & Belmiro, C. (orgs.). *Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, p.15-30.

Gonçalves, R.A. (2008). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. Editora Quarteto.

Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de ação: O planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.

Lei n.º 115/2009 de 12 de Outubro. *Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade* - Ministério da Justiça – Direção Geral dos Serviços Prisionais.

Lima, L. (2008). A Educação de Adultos em Portugal (1974-2004): entre as lógicas da educação popular e da gestão de recursos humanos. In Canário, R. e Cabrito, B. (Org.) (2008). *Educação e Formação de Adultos: mutações e convergências*. Lisboa: Educa.

Lopes, M. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção, pp.403-408.

Portaria n.º 13/2013 de 11 de Janeiro.

Reis, J. (1993). *O Analfabetismo em Portugal no século XIX: uma interpretação*. Revista Colóquio Educação e Sociedade – edição Fevereiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rocha, J. (2011). *Da brandura de costumes à execução das penas*. In Ousar integrar – Revista de reinserção social e prova, nº8, pp.109-116.

Roths, L. et al. (2006). Para uma caracterização de formas de organização e de dispositivos pedagógicos de educação e formação de adultos. In Lima, I. (org.). *Educação Não Escolar de Adultos. Iniciativas de Educação e Formação em Contexto Associativo*. Braga: Universidade do Minho, pp.182-204.

Anexos

Anexo 1

Exmo. Senhor Diretor-Geral

Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
Travessa da Cruz do Torel, nº1 - 1150-122 Lisboa

Eu, Anabela Rosinha Grifo Cunha, aluna do Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, a frequentar, no ano letivo 2012/2013, o 2º ano do Grau de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Formação de Adultos, sob a orientação da Professora Doutora Cármen Cavaco, venho por este meio solicitar autorização para realizar o Trabalho de Projeto, inserido no referido Mestrado, no Estabelecimento Prisional do Montijo.

No âmbito do mestrado, pretendo conceber um projeto de intervenção que tem como título: “Práticas Educativas em Contexto Prisional”. Através deste projeto procura-se, numa primeira fase, elaborar um diagnóstico sobre a ocupação do tempo dos reclusos e, na segunda fase, conceber e desenvolver um projeto educativo no espaço prisional, de modo a promover o bem-estar físico e cognitivo dos reclusos e a sua motivação para a aprendizagem.

Através do diagnóstico, pretendo ir ao encontro das necessidades dos reclusos, recorrendo fundamentalmente a dois tipos de recolha de informação: a análise documental (de diagnósticos já existentes ou outros documentos que se reconheça como pertinentes); e a entrevista a interlocutores privilegiados (técnicos superiores de reeducação, professores, guardas prisionais e reclusos). Informo ainda que as entrevistas aos reclusos serão realizadas em grupos de 4 a 6 elementos (no máximo de 3 grupos). Garanto o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos, os quais serão apenas usados no âmbito do referido trabalho académico.

Solicito a V.Ex.ª, autorização para a realização do diagnóstico. Enviarei, com antecedência, os guiões das respectivas entrevistas para análise. Numa fase posterior, enviarei o projecto educativo a implementar com os reclusos, para que possa ser analisada a pertinência e possibilidade da sua implementação.

Atendendo ao facto de prestar serviço como guarda prisional no Estabelecimento Prisional do Montijo e conhecer a realidade desta instituição, estou particularmente interessada em realizar o trabalho académico neste contexto e nesta instituição.

Na expectativa que possa dar um parecer positivo a esta solicitação, apresento os melhores cumprimentos.

Junto em anexo o requerimento subscrito pelo responsável do Instituto da Educação- Universidade de Lisboa.

Anexo 2

Declaração

Declaro que autorizo a utilização dos dados recolhidos através da entrevista, ficando garantido o anonimato e a confidencialidade dos mesmos, sendo apenas usados para investigação académica no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – área de especialização Formação de Adultos.

O entrevistado

Anexo 3

Guião de Entrevista aos Reclusos

Blocos Temáticos	Objetivos Especificados	Tópicos para o Formulário de Perguntas	Observações
<p>Apresentação e Legitimação da Entrevista</p>	<p>Apresentação dos entrevistadores;</p> <p>Legitimar a Entrevista;</p> <p>Criar um ambiente adequado;</p> <p>Obter a autorização para gravar a entrevista;</p>	<p>Dar a conhecer ao entrevistado o contexto em que se insere a entrevista;</p> <p>Reforçar a ideia de que a colaboração do entrevistado é fundamental para a realização do trabalho;</p> <p>Mencionar a possibilidade de rever a entrevista depois de esta ser transcrita</p>	<p>Não interferir com o testemunho do entrevistado, de modo, a que este se sinta à vontade para expor a sua opinião.</p>
<p>Ocupação do tempo</p>	<p>Obter informação sobre o modo como os reclusos ocupam o tempo.</p>	<p>O que fazem desde que se levantam até que se deitam? Por exemplo que fazem de manhã? E de tarde?</p> <p>Gostariam de ocupar o tempo de outra forma? E como</p>	<p>Deixar a conversa fluir.</p>

	<p>Obter informação sobre a necessidade da ocupação do tempo na prisão.</p>	<p>gostaria de o ocupar?</p> <p>Quais as vantagens e desvantagens em meio prisional para os reclusos que tentam ocupar o tempo ?</p>	
<p>Atividades de interesse</p>	<p>Obter informação sobre as atividades de interesse, aliadas à adequação do espaço prisional.</p>	<p>Que atividades participaram ou conheceram que podem ser úteis e adequadas em contexto prisional?</p> <p>Que atividades gostariam de ver desenvolvidas na prisão ?</p> <p>Pensam que essas atividades possam despertar interesse nos restantes colegas?</p>	<p>Escutar ativamente os entrevistados.</p>
<p>Momentos de ocupação</p>	<p>Perceber quais os momentos indicados para desenvolver atividades.</p>	<p>Quais os momentos mais indicados para desenvolver atividades ?</p>	
<p>Disponibilidade e Participação</p>	<p>Perceber qual o grau de interesse na participação assim como a sua disponibilidade.</p>	<p>Estariam dispostos apenas a participar nas atividades ou também a ajudar na sua preparação?</p> <p>Qual a vossa a disponibilidade para partilhar conhecimentos/competências sobre uma área onde se sintam confortáveis?</p>	

<p>Finalização da entrevista</p>	<p>Entender se o entrevistado pretende acrescentar mais alguma informação;</p> <p>Agradecer a disponibilidade.</p>	<p>Deseja acrescentar mais algum aspeto que não tenha sido referido?</p>	
---	--	--	--

Anexo 4

Transcrição da Entrevista Grupo 1

Entrevistadora – Estou a desenvolver um projeto de intervenção que tem como objetivo ocupar o tempo dos reclusos, e uma das perguntas que eu gostaria de fazer, é o que vocês fazem desde que se levantam até que se deitam? Que fazem de manhã e o que fazem à tarde?

Recluso 1 – Posso começar eu! Uma pessoa levanta-se e vem tomar o pequeno-almoço, não é?

Entrevistadora – Podem falar o que vocês quiserem.

R2 – Depois vou para a escola, da escola vou almoçar, ao almoço faço a faxina ou não, depende do dia, se é o nosso dia ou não, de fazer a faxina. Se não for o dia de fazer a faxina fica-se na cama até ser aberto para ir novamente para a escola. Vem-se outra vez para a escola, sai e vai-se jantar, do jantar vai-se para a cela e não passa disso.

R3 – A única ocupação que havia e que há aqui neste estabelecimento prisional para além da escola é mesmo o desporto, o que agora nos foi cortado. Era a única maneira que a gente, até a nível de saúde e para libertamos um bocadinho a nossa mente é através do desporto. Acho que é uma coisa que ajuda bastante, é uma coisa que deveria ter mais incentivo, não só a pessoas consideradas saudáveis como a pessoas com um certo tipo de problemas, pessoas já com uma certa idade que lhes faria bastante bem, porque o desporto não é aplicado só a jovens, também é aplicado a pessoas de uma certa idade como manutenção. Isto é um lugar diminuto, em que as pessoas pouco se movimentam, há aqui pessoas com certas carências físicas que necessitavam com uma pouco de acompanhamento, se calhar até podia ser dado por certos reclusos, já que há muitos que tem habilitações para isso.

Entrevistadora – Mas no fundo, o que é que o senhor faz concretamente no durante o dia?

R2 – Tenho a escola e além da escola só o desporto. Jogar as cartas, que também pode ser considerado desporto.

R3– Nós tínhamos (pausa), no ano de 2010 nós tínhamos aqui o atelier dos trabalhos manuais, onde se faziam os tapetes de Arraiolos, pinturas, até isso acabou aqui.

Entrevistadora – Mas atualmente, o que é que faz durante o dia?

R3 – Durante o dia venho à escola, estudo, ou então estou no pátio, mais nada.

R4 – Eu levanto-me, vou para a cozinha trabalhar, por volta do meio-dia e meia, conforme acabo o trabalho vou ligar para casa, ou vou até ao pátio, conforme a vontade, ou então vou para a cela ver televisão ou fazer a faxina. Depois normalmente somos fechados às duas e descanso.

Entrevistadora – Mas no pátio o que é que fazem?

R3 – No pátio só apanho sol, costumo ir ao pátio para apanhar sol, pois o resto do pessoal está fechado, quando eles estão abertos raramente me deixam, mas pronto. Na hora de almoço é ver o telejornal, fazer a faxina, tomar banho. E às três horas volta-se para o trabalho até às seis e meia. Por volta das seis e um quarto acabamos o trabalho, depois fazemos alguma coisa, ou ligamos ou vamos ao bar até ele estar aberto, ou tomamos banho e depois somos fechados e depois de estarmos fechados joga às cartas ou vejo televisão, ou leio revistas, ou escrevo uma carta ou outra, ou oiço música.

R5 – Eu é a mesma coisa que ele disse.

Entrevistadora – Você trabalha na cozinha?

R5 – Trabalho na cozinha.

Entrevistadora – Então acaba por estar todo o dia na cozinha?

R5 – Sim. Trabalho com ele na cozinha, por isso é igual a ele.

R6 – Dá-me licença? Há um desporto que se podia fazer, mas tinham que dar autorização no pátio sul que era o voleibol.

R4 – Podiam aproveitar ao máximo.

Entrevistadora – Como é que gostariam de ocupar o tempo?

R2 – Eu gostava de ocupar o meu tempo com alguns trabalhos manuais, ou poder exercer algum trabalho em grupo, ou uma coisa assim, eu gostava poder ocupar mais, mas aqui não há nada assim.

Entrevistadora – Mas você gostava de ocupar o seu tempo em trabalhos de grupo, como por exemplo?

R2 – Tipo! Não sei, como por exemplo preparar na altura do natal um presépio, quatro ou cinco pessoas montar um presépio, fazemos um presépio bonito na sala de visitas, não aqui... não vejo nada disso, já passei por certos estabelecimentos prisionais que as coisas são feitas assim, aqui é o único estabelecimento prisional em que as coisas não são feitas assim. Fazer um grupo de pessoas e na altura do natal preparar a decoração do natal. Há sempre alguma coisa para fazer, em havendo ideias, as coisas fazem-se.

R2 – Agora... se o estabelecimento prisional não fornecer as coisas, não nos der hipótese, vamos ter que esperar.

Entrevistadora – O Senhor... como gostaria de ocupar o seu tempo ?

R3 – Haver mais desporto, haver interação entre... (pausa) como ele disse fazer o presépio, aparecem sempre mais coisas.

R2 – Fazerem uma sala de filmes, para passarem uns filmes de vez em quando, por exemplo.

R3 – É uma boa ideia, neste estabelecimento prisional, e eu já passei por alguns quatro ou cinco e este é o único onde não se vê uma televisão no bar, não há nada. Isto é uma árvore sem maçãs.

Entrevistadora – Mas neste caso há as sementes, não há?

R2 – Em princípio, agora falta saber se eles as querem semear.

Entrevistadora – Pois isso, vamos juntos tentar descobrir.

R3 – Pois neste estabelecimento prisional pelo que eu vejo, não há falta de se querer fazer as coisas, há falta é de as deixar fazer, quando se pensa fazer alguma coisa, geralmente há sempre uma erva daninha que acaba por estragar.

Entrevistadora – Mas, vocês acabam por ter iniciativas? Ou não?

R3 – E lutamos com bastantes dificuldades, ah! ah!

Entrevistadora – Mas propõem às técnicas de reeducação?

R3 – Está proposto um torneio de pingue-pongue, e nunca mais se avançou com isso. Nós realmente demos a ideia, mas tem que ser alguém de direito superior a fomentar, a dizer “vamos fazer, marca-se estes dias”. Ou então que nos deixem organizar, que nos deem os ovos para a gente fazer as omeletas, não digam “pensem lá em qualquer coisa” e depois não nos deixam pôr em andamento os nossos projetos. Acho que há qualquer

coisa aqui que fazem questão de matar, eu falo por mim, o que nós notamos bastante é o que se passa com o nosso grupo de teatro.

Entrevistadora – Então existe um grupo de teatro?

R3 – É aberto a todas as pessoas, mais os alunos da escola, temos mais conhecimentos porque se calhar ninguém tenta informar, não há ninguém a incentivar.

R2 – Há pouca informação.

Entrevistadora – Como é que você gostaria o Senhor de ocupar o tempo? Como o senhor trabalha, possivelmente gostaria de ocupar o tempo de outra forma?

R5 – Uma ideia como tinha anteriormente na sala de visitas.

Entrevistadora – Em termos de atividades que possam despertar algum interesse, como já falamos aqui, mas gostava de ocupar o tempo de que modo?

R5 – Não tenho ideia....hummm, como trabalho! Gosto daquilo que faço, gosto imenso do que faço, embora ocupe o tempo todo. O meu interesse é ocupar o tempo todo, por isso..... Há outras coisas... mas isso é que é o principal.

Entrevistadora – Podemos transportar lá para fora, temos o nosso trabalho e gostamos de ter outras atividades.

R5 – Mas aqui não é possível, tem o fecho das celas.

Entrevistadora – Mas o senhor conseguia trabalhar e ocupar o tempo assim?

R5 – Aqui dentro não, temos pouco tempo abertos, no tempo em que estamos abertos temos que telefonar a família, tomar banho, ficamos com pouco tempo. Depois somos fechados as duas horas, abertos às três horas, vamos para a cozinha até as seis e meia da cozinha, somos fechados as sete e vinte, sete e meia, ou seja temos só quarenta minutos para ir ao pátio para ir fumar, está a perceber?

Entrevistadora – Vocês estão lá todo o dia ?

R5 – Eu estou lá na cozinha no meio, corto carne, corto peixe, ajudo ...etc. embora goste do que estou a fazer.

R2 – Uma das coisas que faz falta aqui por exemplo, agora já esta um pouco melhor, mas mesmo assim a coisa é pouca, é o acesso à biblioteca, o acesso é restrito. É complicado! dá pouca hipótese, uma vez por semana de levar um livro.

R4- Para a gente se cultivar mais, podes vir trocar alguns livros !

Entrevistadora – Possivelmente, os reclusos que andam na escola tem mais hipótese de levantar livros, ou não?

R2 – Sim, porque acho que os de fora não.

Entrevistadora – Mas que atividades que vocês tenham já participado lá fora, que atividades conhecem, ou que já participaram e que possam ser úteis aqui dentro?

R4 – Eu tenho o curso de monitor de educação física, que até esta entregue aqui, não me custava nada e até era uma coisa que gostava e teria todo o prazer em realmente ajudar, isso ajudar certas pessoas com mais limitações.

Entrevistadora – Que tipo de atividade física?

R4 – Todo o tipo de desporto, praticamente desportos a nível de ginásio, passadeira, bicicleta, mesmo caminhadas, mesmo dentro aqui do pavilhão, à volta, pequenos exercícios, com pessoas com certas dificuldades de mobilidade que as ajudaria bastante, não me importava nada de ocupar o meu tempo.

Entrevistadora – Alguém tem mais alguma atividade que conheça de fora ou de outros estabelecimentos em que esteve? Você já falou na sala de filmes e do presépio.

R2 – Colocarem uma sala, outra vez, para fazermos pinturas, para podermos fazer quadros, pois há muitas pessoas com vontade de fazer essas coisas, só que não existe (pausa), existiu em tempos, agora já não existe. Realmente esta lá o papel junto do gradão, mas deve ser só para alguém ver.

Entrevistadora – O Senhor que já esteve noutra estabelecimento prisional, o que faziam lá?

R5 – Noutra cadeia fazia a mesma coisa, também fazia o tempo todo de faxina, não fazia mais nada.

R3 – Podia haver alguém que organizasse mesmo torneios a nível de jogos de cartas, de xadrez ...

R2 – De tudo o que é possível aqui dentro,

R3 – Já que ocupa e cria a camaradagem aqui dentro. O simples facto de a gente jogar a bola, cria um certo clima de amizade que acabamos por perder agora com a proibição

de utilizarmos o pavilhão. Porque se acaba por não ter tanto contacto, porque quando estamos no pátio acabamos por não conviver tanto e o espírito de equipa não existe.

Entrevistadora – Sim, e esse espírito de equipa, de interatividade ...

R3 – Pois acabamos por interagir mais uns com os outros, que será uma coisa bastante importante, aqui este exemplo, se estiver no pátio, eu estou junto do meu grupo, cada um junto do seu, e por aí fora ...e eu ao ver isto acho que seria bom...

Entrevistadora – Possivelmente alguns de vocês que estão aqui, nunca se tinham falado.

R3 – Sim...Sim! No nosso caso não.... Sim, mas possivelmente muitas que entram aqui que não falam sequer uns com os outros.

Entrevistadora – Mais ideias, estavam aí há bocado todos dispostos a dar ideias.

R6 – Noutras cadeias, há hipóteses de ter outras coisas que aqui não dá, como cultivar, mas isso é só o RAVI, também existe desportos rurais, desporto rural, jogo da malha, etc...

Entrevistadora – Jogos tradicionais?

R3 – Eu penso que não cabe na cabeça de ninguém, dentro de um estabelecimento prisional só haver um jogo de xadrez, e acho que é uma coisa bastante importante.

Entrevistadora – Poderiam fazer torneios de xadrez?

R3 – Sim, só há um jogo de xadrez, para duzentos homens há um jogo de xadrez, pelo menos podiam autorizar que entrassem, não vejo qual o problema ...ou que vendam no bar.

Entrevistadora – Assim acabariam por jogar dentro das celas, mas aqui a ideia era as atividades que podiam fazer em grupo.

R2 – Deveria haver uma sala de jogos, jogos de mesa e depois a outra parte no ginásio, ... não é? Jogos de bola, treino de ginásio, mas aqui devia haver um local onde as pessoas pudessem todos os dias ...

R4 –ter livre acesso.

R2- Exatamente, terem salas com X pessoas de manha e X pessoas de tarde.

R4 – Para as pessoas se cultivarem, para estarem entretidas, no silêncio, terem turnos por exemplo ... hoje, iam seis, amanhã iriam outros seis, isto evitava muita confusão no pátio, uma pessoa vinha mais relaxada.

Entrevistadora – Como é que outros colegas que não estão aqui, a participar nesta entrevista, acham que também estavam disponíveis para participar?

R2 – Não, nem todos.

R3 – Não, nem todos, cá está a tal coisa, se não nos derem as oportunidades não sabemos, não criamos hábitos.

Entrevistadoras – Importam-se de ser mais esclarecedores?

R3 – Mas você sabe que toda a gente critica, mas acho que seria bom, e quem quer aproveitar aproveita, e quem não quer aproveitar não aproveita e continua a ter a vida que quer ter aqui dentro.

Entrevistadora – Quais são os momentos mais indicados para desenvolver atividades, neste caso acabam por ser as manhãs?

R2 – A manhã é maior ...

R3 – Sim, porque estamos abertos desde as 8:15 horas até às 12:30 horas e ...(pausa), pode fazer-se muita coisa nesse tempo.

R2 – A manhã acaba por ser maior, a manhã por uma coisa, a tarde por outra.

R1 – Mas durante a tarde também há tempo para irmos, por exemplo para uma atelier de pintura ou ensaiar para um teatro ou grupo de música...(pausa), sim, durante a tarde pode-se fazer muita coisa.

R3 – Facilitar a nível de leituras, e desses jogos, o que é que acontece, como estamos seis homens, estamos dez, estamos doze numa cela, passamos muitas horas fechados, então acho que se nos facilitassem um pouco mais jogos de xadrez, acabamos por nós (pausa), ai sim, esse tempo que estamos aí (pausa), conseguirmos ocupar esse tempo, que esse tempo é o que ocupa mais dentro da cadeia, quando estamos abertos ouvimos falar, falamos uns com os outros, mas agora o tempo que estamos fechado? Esse sim, custa mais a passar, ou arranjar ocupação para o tempo que as pessoas estão fechadas, são um grupo de pessoas que estão juntas muitas horas (pausa) começa por vezes a existir *stress*.

R5 – Eu estive no EP de Elvas, os reclusos lá tinham a sala de (pausa), como é que eu hei de explicar? De trabalhos manuais, pintavam, faziam tapetes, e ao fim da tarde podiam pegar na telazinha deles, pegar no rolinho deles e levarem para a cela deles e continuarem a fazer enquanto estão fechados.

R3 – É isso que eu estou a dizer.

R5 – Mandar vir por encomenda o fio de coco com umas missangas para se fazer uns colares, para vender ou para oferecer, até o próprio estabelecimento prisional fazia uma feira semestral, uma coisa assim, lavavam as coisas deles para vender.

Entrevistadora – Também é uma boa ideia, uma feira semestral para vender os vossos trabalhos.

R5 – Era o que acontecia lá em Elvas, eles faziam os tapetes, reuniam tudo e levavam para aquela feira, do dinheiro que faziam era para repor para o material e do que sobrava era para eles.

R2 – Era a coisa mais adequada que podia fazer aqui dentro deste estabelecimento prisional, era fazer uma sala destas aqui dentro para alguém que tenha gosto, não quer dizer que tenha que ser só com tapetes de arraiolos, pode ser com certas invenções (pausa), com pinturas.

R4 – Antigamente fazia aqui também coisas com tapetes de Arraiolos.

R5 – Aqui na biblioteca, abalou um homem que sabia pintar, fecharam logo aquilo.

R2 – Se fizerem um curso de tapetes (pausa), também podia ser fazer tapetes.

Entrevistadora – Certamente, há reclusos que sabem pintar e desenhar, ou não?

R2 – Com a prática é que nós vamos aprendendo a fazer as coisas.

Entrevistadora – Claro!

R3 – Tu podes mandar vir uma tela, mandar vir pincéis, podes mandar vir tintas, há pessoas que tem possibilidades ... sim, não é? ... Não quer dizer que o estabelecimento prisional tenha que dispor de verbas.

R5 – Chegava ao fim da tarde, e perguntavam-nos: que material é que levas? E nós respondíamos: levo um rolo de fio, levo a tela, uma agulha e uma tesoura, amanhã de manhã tens que apresentar as coisas!

R3 – Claro, concordo plenamente.

R5- Era o que faziam lá e eu achei bonito, tu ires para o pátio com a tela e estares ali no pátio a fazer sem problema.

R3 – Ou a pintar.

R5 – Seja o que for, eu por acaso achei engraçado. Como também acho que já fizeram o pedido para entrar uma viola para os ciganos, não era mau, acredita que não era mau, por vezes como eu vi em Elvas a comunidade cigana esta toda dentro daquela cadeia, os jovens ficavam no cantinho deles com a viola deles. As três horas apanhavam a viola, passavam ali a tarde deles, chegava a hora do fim do pátio entregavam a viola no chefe de ala.

Entrevistadora – Se tivessem um espaço, seria melhor, ou não?

R5 – Ficavam ali no cantinho deles, não chateavam ninguém.

R3 – No Pinheiro da Cruz havia banda.

Entrevistadora – Voltando um pouco atrás, um dos senhores disse que tinha formação em educação física?

R3 – sim

Entrevistadora – Estariam dispostos a colaborar? A ajudar na preparação de algumas atividades?

R3 – Sim, e já respondi que estava disponível.

Entrevistadora – Isto é, na disponibilidade de partilhar conhecimentos ou competências, mas certamente que haverá outras pessoas que possam ter algum conhecimento numa área que possa e queiram partilhar?

R3 – Tem gente variada, temos pessoas com cursos superiores, temos muita coisa, há gente aqui dentro do estabelecimento prisional de todo o tipo.

Entrevistadora – Caso houvesse, um projeto destes aqui para se implementar, participariam? Ajudariam também na preparação?

R3 – Sim!

R2 – Estamos dispostos a participar, eu até fazia força para essa dita sala que já falei, dos trabalhos manuais, assim uma pessoa podia estar entretida ...até me podia dizer se estava disposto a organizar, eu dizia logo que sim.

R3 – Dentro das minhas disponibilidades eu dizia logo que sim.

R5 – Eu tenho uma ideia, que como a senhora falou há pouco na sala de visitas, como é um espaço grande era um género de bowling, era fazer as bolas e os pins através dos trabalhos manuais e utilizar esse espaço para jogar bowling, era uma ideia ... com garrafas de litro e meio, e o bowling é uma coisa que toda a gente gosta.

R3 – É como os jogos tradicionais.

Entrevistadora – Alguém quer acrescentar alguma que não tivesse sido explorada?
Agradeço a vossa colaboração e a vossa disponibilidade.

Anexo 5

Transcrição da Entrevista Grupo 2

Entrevistadora – O que é que fazem desde que se levantam até que se deitam, por exemplo o que é que fazem de manhã e o que é que fazem à tarde?

Recluso1 – Eu pessoalmente cerca do quarto para as oito já estou acordado, sempre me levantei cedo, mesmo antes de estar aqui, logo de manha é o pequeno-almoço, depois disso vou jogar as cartas ali no bar com o pessoal, depois mete-se a hora de almoço, quando somos fechados na hora de almoço gosto de ler, nunca me deito à hora de almoço, não tenho por habito aquela cesta, gosto de ler revistas, jornais (pausa) e depois a partir das três da tarde faço um treino de ginásio, neste momento não temos ginásio fazemos o treino no pátio ...(pausa) depois tomamos banho, a seguir o jantar (pausa) depois somos fechados, à noite jogamos as cartas uns com os outros na cela, e o vicio das telenovelas e das series. A ocupação não é muita, as condições também não, é mais há base disso.

R2 – Eu acordo oito horas, tomo o pequeno-almoço, depois xadrez, depois escola, almoço, depois de almoço...(pausa) escola. À tarde, às vezes escola, às vezes desporto. Depois jantar, e ...(pausa) depois deitar.

R3 – Faço minhas, as palavras dos meus colegas, levantar cedo, costume levantar sete e um quarto, costume fazer uma corrida matinal no pátio, depois tomar o pequeno-almoço. Como estou nesta condição na cadeia, aproveito para terminar os estudos que lá fora não consegui terminar, aproveito neste regime ... (pausa), dedico-me à escola, para terminar o 9º ano. E, depois da escola, que é todos os dias, vamos ao almoço, à tarde volta-se para escola que é pela uma e meia, depois da escola conforme os dias de ginásio, consílio a escola com o treino, quando podíamos ir ao ginásio, que agora está limitado, não podemos lá ir, treinamos no pátio entre nós aqui. Depois tomamos um duche, o pessoal vai jantar, recolhemos à cela, lê-se qualquer coisa, alguns de nós a nível da disciplina de português estamos a ler alguns livros, para depois interpretarmos nas aulas. Depois é ver as notícias, depois o único entretenimento que temos é ver a tv,

ver a telenovela (risos). As pessoas lá fora não vêm, mas aqui acabamos por aliciar uns aos outros a ver as telenovelas. Depois dormimos e mais um dia se passou.

R4 – São as mesmas atividades aqui do meu colega, só acrescentando que à quarta-feira na hora de almoço temos um grupo de teatro, costumamos ensaiar, e sexta também. De resto quando estou na cela, agora comecei a estudar um pouco de inglês, para melhorar um pouco no inglês, por vezes leio um pouco.

Entrevistadora – Esse grupo de teatro pertence a escola? Ou seja, só os reclusos da escola o podem frequentar?

R4 – Pertence a escola, mas eu acho que toda a gente pode participar.

R5 – Eu acordo por volta das oito, tomo o pequeno-almoço, venho para a escola, depois vou almoçar, vejo o telejornal, entretanto já esta na hora de vir novamente para a escola de novo, depois vou jantar. Vejo as novelas e depois cama. Basicamente também é assim o dia-a-dia. Como ando na escola, gostava que existir aqui aulas até ao 12º ano, pois já tenho o 10º incompleto. Entretanto ando na escola para relembrar.

Entrevistadora – Frequenta as aulas como forma de ocupar o tempo? Acaba por ser interessante, já tem o nono ano completo, mas frequenta as aulas como forma de ocupar o tempo.

R5 – A matemática vou fazendo alguma coisa, porque como não gostava muito de matemática ia-me baldando as aulas, e assim sempre vou aprendendo coisas novas.

Entrevistadora – E está a gostar mais de matemática?

R5 – Nem por isso, pode ser que algum dia precise.

Entrevistadora – Claro.

R6 – Eu acordo cedo todos os dias, tomo o pequeno-almoço, queria vir para a escola mas já tenho o 9º ano feito.

Entrevistadora – Porque não tem a mesma atitude que o seu companheiro? Nem que fosse só para passar o tempo?

R6 – Não sabia que isso era possível.

Entrevistadora – Então o que é que faz durante o dia?

R6 – Leio na cela também, jogo às cartas, antes ia ao ginásio, mas depois deixei de ir por motivos pessoais, algumas coisas já estão ser ultrapassadas... (pausa), se é que algum dia vão ser ultrapassadas.

Entrevistadora – Vocês gostavam de ocupar o tempo de outra forma? E como é que gostaria de ocupar o tempo?

R1 – A forma como agora é feito não é boa, porque o ser humano quando esta detido num estabelecimento prisional, independentemente de ser homem ou mulher, tem que ser reinserido na sociedade, mas para se reinserir alguém na sociedade é um trabalho da direção geral, eles devem investir nesse lado, não se tem sentido muito, talvez porque não consigam, ou porque não haja possibilidades disso, por questões financeiras, há muitas coisas que se podem fazer no sistema prisional e que não é necessário dinheiro, não é? E eu observo muito isso, há muitas atividades que se podem fazer, umas das coisas que eu reparo que faz muita falta no sistema prisional é a formação principalmente dos jovens, eu até digo de todos, a nível de competências sociais, da competência comportamental, há muitos que não tem aquela forma de estar, a forma como se comportam numa biblioteca, como é que falam com as pessoas, nós no fundo não somos iguais, eu tenho uma forma estar com os meus amigos mais próximos, tenho uma forma de falar com os guardas, de falar com os professores, e eu pelo vejo cerca de 75% dos reclusos não tem essa noção da forma como falar com as pessoas, da forma como se dirigirem às pessoas “oh! Pa”, e gritam logo.

Entrevistadora – E que acha que se podia fazer cá dentro para melhorar esse aspeto?

R1 – Poderiam fazer-se workshops, pequenas formações para competências sociais, isto era muito importante, na minha experiência profissional (pausa), eu vejo, e já trabalhei em tudo o que era bairros sociais, eu acho que qualquer projeto para começar dentro do sistema prisional deve começar por aí. Pela formação das pessoas, para começarem a ter a noção da forma como se comportarem, como utilizarem as coisas, de aprenderem a estimar aquilo que é deles. Isso é muito importante, aquilo que eles fazem, já ouvi muitas vezes “temos que arranjar alguém para vir arranjar isto”, e o melhor era eles arranjam as suas coisas para eles quando virem estragado ficam furiosos porque foram eles que o arranjam, e isso seria importante. E isso não era algo em que se gaste dinheiro, aí era onde a direção geral devia apostar, digo eu. Isto também faz parte da reinserção social das pessoas, com isto tudo mete muita coisa, pois as pessoas começam a falar umas com as outras, começam a estimar aquilo que é deles, aprenderem a fazer

aquilo mais e melhor, vão acabar por aprender coisas novas uns com os outros. Ao fim todos os dias aprendemos coisas novas uns com os outros, nós estamos a prender desde o primeiro dia quando nascemos até que morremos, aprendemos sempre coisas novas, e uma aposta nisto era um excelente começo para um projeto a nível do sistema prisional. Primeiro a formação das pessoas, apostar nisso, o espírito de sacrifício, a força de vontade também se consegue, acho que se devia ir por aí. O desporto é uma peça fundamental no sistema prisional, ajuda a combater o consumo de drogas, consumo de tabaco, tudo isto, e o desporto...

Entrevistadora – Quem faz desporto tem tendência a não consumir?

R1 – Exatamente, por exemplo a luta, os desportos de luta, só em Portugal, é que é violento, vai criar gangues e vão se virar contra os guardas, não corresponde à verdade, se nos formos ver na rua onde as pessoas tem mais liberdade é muito difícil encontrarmos um desportista de boxe, de jiu-jitsu, que ande a aplicar aquilo que aprende, porque um dos princípios deste tipo de desporto é: aquilo que tu aprendes não se aplica aqueles que estão na rua, serve para tu começares a ver a vida de outra forma. E, eu já vi isto, eu conheço um campeão de jiu-jitsu ...

Entrevistadora – Nesta prisão já houve desportos desse género, nomeadamente boxe.

R1 – Nós costumamos fazer jiu-jitsu lá fora, mas quando começamos a treinar no pátio disseram logo “ vê-la se tens problemas, ainda pensam que estão a treinar para se virar contra os guardas”. Era um bocado esta ideia, não é? A subchefe X foi logo chamar o chefe Y, é que isso era artes marciais e não podíamos fazer. Aquilo, é para nós nos sentirmos bem uns com os outros, não é? É um exercício.

Entrevistadora – Para se praticar esse tipo de desporto, não há necessidade de um espaço grande?

R1 – Não, aliás o montijo é uma cadeia que nesse aspeto tem tudo o que é condições para praticar esse tipo de desporto. Eu apanhei a paixão pela luta (pausa), surgiu dentro da prisão. Mas um dos princípios que me foi dito a mim, porque ensinar também é óbvio que o que aprendes aqui não se aplica ali fora. Se o fizeres não treinas aqui mais, e és completamente excluído de poderes aqui treinar. Porque o que praticamos aqui não é para fazer mal aos guardas, é para tu te sentires bem contigo próprio, para não teres necessidade de fumares cigarros, nem droga, em vez de estares ali ocupado, em vez de estares a fazer negócios no pátio. Esta mais que provado que vale a pena, senão não

valia tanto e não havia cada vez mais investimento, infelizmente aqui no nosso país estamos muito atrasados. Noutros países há torneios entre cadeias. Eu conheço um campeão do mundo que se chama Arnaldo Sousa, vive em Portugal, foi campeão do mundo porque quando ele esteve preso, ele começou a treinar na cadeia, veio para fora e apaixonou-se por aquilo. Ele entrou por assaltos e roubos, hoje em dia ele foi campeão nacional e do mundo, ele tem um ginásio em que dá aulas, tornou-se empresário, portanto a vida dele mudou completamente.

Entrevistadora – Mas ideia é mesmo essa, que algumas atividades remexam um pouco com vocês. Já percebi que gostam muito de desporto, mas há outras atividades sem serem desportivas, o caso das artes, as pinturas, que até podem despertar algum interesse?

R1 – A pintura é uma aposta fundamental, a música, mas não é como eu já percebi no sistema prisional, se calhar pode haver outras coisas noutras cadeias. Há muitas pessoas que gostavam de aprender a tocar viola, órgão, dentro das condições que existem podia-se ter uma bateria. E há muitos cantores perdidos, de certeza que dentro destes catorze mil reclusos deve haver pessoas que ainda não descobriram que são boas para a música. Como se descobriu um campeão de artes marciais, também se podia descobrir um cantor dentro do sistema prisional, mas para isso é preciso apostar, é preciso abrir as portas, dar oportunidade as pessoas. Há jovens que não sabem que são bons a pintar, no teatro, na música porque a vida deles, como foi a vida deles desde que nasceram até chegarem aqui, qual foi o acompanhamento que ele teve, lidou com os pais, com quem foi criado, é isto que tem que ser visto. Acho que a aposta nas artes, na música, no teatro, no desporto era muito importante.

Entrevistadora – Gostariam de ocupar o tempo de outra forma?

R2 – Nós podemos aproveitar para ajudar escolas e infantários, fazer algumas coisas, pintar para eles, não sei, fazer reuniões, contar a nossa vida, preparar os mais pequenos para eles não entrarem na cadeia. Por exemplo, falar com eles sobre o que nós fizemos e por isso estamos na cadeia, assim eles não irão fazer o mesmo, fazer para eles teatro, fazer coisas para eles como cadeiras, mesas, ajudar para a escola. Lidar com crianças, assim eles já não vão querer vir para a cadeia.

R1 – Acabam também por tocar ao recluso...(pausa).

R2 – Eles ao verem a realidade já não vão querer vir para a cadeia.

R1 – Eu já estive num projeto desses, nomeadamente no Bairro da Princesa e de Santa Madalena, íamos com eles ao Estabelecimento Prisional de Lisboa. E quem começou com isto, foi um projeto na América, eles é que foram dos primeiros países a desenvolver esse projeto, mas ainda na Holanda ...

Entrevistador – Em Portugal também já foi feito, conhecem?

R1 – Já ouvi falar.

Entrevistadora – É mais ou menos assim, um grupo de alunos adolescentes que já tinham antecedentes com crimes ou atos criminosos, passavam o dia numa prisão. Desde entrarem na carrinha celular, entrarem no estabelecimento prisional, serem revistados, almoçarem no refeitório, e durante um período ficavam sozinhos numa cela. O dia era passado como se realmente estivessem detidos. Acabavam por perceber um pouco como é estar preso.

R1 – Mas a minha ideia nunca foi essa, eu até acho que o jovem, o adolescente não vai perceber isso. Junto da Câmara onde eu trabalho eu disse que não ia dar certo, porquê? Porque o adolescente está com a testosterona em alta, e quando vai lá ele acha aquilo “*dred*, fixe, grande cena, eu vi aquilo, até é uma cena fixe”, e eu disse aos meus superiores hierárquicos que aquilo não ia dar certo. Como eles pensavam que poderia dar.

Entrevistadora – Acha que poderia ter um efeito contrário?

R1 - Aquilo era um risco, na minha ideia não era isso. A minha ideia era, eu vou buscar um condenado, vou buscar uma pessoa conhecida no meio prisional, e se calhar já tem algum nome, nome não do lado bom, mas do lado mau nível da sociedade. Digamos um criminoso conhecido e vou pô-lo a conversar com esses adolescentes, que já ouviram falar dele, e é ele que vai conversar com esses jovens. Ele vai estar aqui, vai conversar com estes jovens, eu fiz, eu fiz aquilo, isto era aquilo que eu queria implementar. Isto é o que eu vejo no trabalho com os jovens.

Entrevistadora – Continuando a nossa entrevista, que mais ideias tem para ocupar o tempo de outra forma?

R3 - Gostei muito da ideia do Dimitri, o interagir com os jovens, quem sabe se não podíamos interagir com a 3ª idade também, isso depende de organização, tempo e de alguma verba, é tentar ajudar essa 3ª idade, não é?

Nós começamos novos, mas vamos para velhos, por isso temos que ser um pouco atenciosos com os idosos, quem sabe, temos que fazer também algum trabalho manual, e oferecer aos idosos aos idosos que estejam em lares uma peça de teatro. Se todos estes projetos fossem avante não só para os jovens como para os idosos, dando apoio moral aos jovens, mas aos idosos também. Tal como o meu irmão disse, dando alguma formação, se nós conseguíssemos implementar para todos nós, depois poderíamos por em prática essa formação cívica que íamos desenvolver, que íamos desenvolver aqui na cadeia, para depois a fornecermos a essas crianças e talvez também aos idosos. Demonstrar algum desenvolvimento que nós adquirimos e por em prática com esses jovens com música, formação cívica, pintura. Isto no que refere á arte e cultura, no que se refere ao desporto organizando torneios de ping-pong, xadrez, essas coisas assim.

R2 – Aqui esta cadeia tem aqui muito trabalho, muito trabalhado de borla, barato, nós podemos ganhar dinheiro para a cadeia, para comprar coisas para a cadeia, fazer coisas para as escolas, para aí.

R1 – Isso depende do sistema prisional, do espaço de manobra, a nível de regras e normas.

Entrevistadora – Atualmente é mais a nível das verbas ...

R3 – Até podíamos ganhar alguma verba para se adquirir algum equipamento que fosse necessário. É que equipamento de desporto temos pouco e com essas verbas por exemplo poderíamos adquirir muito mais, por exemplo na área da musculação, o que temos é muito precário e, está deteriorado, há poucos pesos, para quem quer desenvolver a nível treino muscular tem pouco material. É que com atividades que nós pudéssemos desenvolver quem sabe se poderíamos ganhar verbas para investir no ginásio. Nos poderíamos desenvolver alguns trabalhos, rifá-los, para as pessoas colaborarem para conseguirmos algum equipamento aqui para os reclusos, para comprar alguns utensílios para desenvolver atividades como a música, a nível cultural, do teatro, essas coisas. Com esse trabalho que nós pudéssemos desenvolver dava umas para as outras, podemos lançar algumas criações aqui dos reclusos para ajudar algumas escolas, e essas escolas ajudavam-nos, e quem sabe também para os lares. Temos que estar solidários, com país conforme está, e acabam por ser coisas bonitas. Assim acabamos por criar desenvolvimento e entretenimento entre os reclusos, e dar uma boa imagem para as pessoas lá fora.

Entrevistadora – E você como é que gostaria de ocupar o tempo?

R4 – A minha área é mais o desporto, e como os meus colegas falaram há certo corte de verbas, o custo é mínimo, podemos falar de torneios de ping-pong, de xadrez, temos condições para isso, temos voleibol, futebol, há vários tipos de torneios que esta cadeia tem condições e poderia fazer se uma equipa de desporto, e conforme o comportamento do recluso, assim ele iria ficar lá ou não, poderia interferir muito no comportamento do recluso, pois o mesmo não iria quer comportar mal para depois sair dessa equipa. É uma coisa que não é difícil de fazer, e interagir com crianças é uma coisa que aqui as pessoas, os mais velhos tem filhos, estão habituados a lidar com pessoas, era bom! Porque se podia mostrar esta vida a eles, para irem por outro caminho. Não tenho mais nada a acrescentar.

Entrevistadora – E o senhor como é que gostava de ocupar o tempo?

R5 – Eu estou de acordo com eles com as artes marciais, eu acho que a arte marcial não provoca a violência à pessoa, eu até gostaria de aprender com eles isso, tenho muito jeito para a arte e design, eu até gostaria que existisse aqui, pois há pessoas que tem jeito para bordar, para desenhar, isso até acho que houve aqui neste EP. Eu por acaso gostava de existisse e aqui era a música, mas isso lá está... é a falta de verbas. Pois como o Carlos disse, um órgão também não é assim muito caro, o piano é caro, mas um órgão não, e pudesse aprender piano num órgão. Havia as aulas de guitarra também, seria coisa possivelmente barata e até um voluntario que quisesse vir ensinar, por exemplo, eu gostava de aprender a tocar bateria, eu sei que a bateria é cara, mas a guitarra seria aulas muito fáceis de dar, só é preciso duas guitarras.

Entrevistadora – Ou então, algum colega que saiba e tenha conhecimento poderia partilhar com os que quisessem aprender.

R2 – O cigano sabe.

R1 – Por exemplo eu tenho um bom professor de música, que se nós o requisitássemos para as atividades mesmo com os miúdos, que ele pode de certeza absoluta.

Entrevistadora – Depois já desenvolvemos a parte do voluntariado.

R2 – Outra coisa que também podia ser mudada, é que a maioria dos reclusos não pode ir à biblioteca, a biblioteca está aqui e raramente é utilizada.

Entrevistadora – O grupo de ontem também já se queixou.

R2 – É um pouco limitado, limitam muito o acesso à biblioteca e não sei porque, isso é verdade.

Entrevistadora – Então como é que vocês adquirem livros? Eu já percebi que é mais fácil para quem anda na escola, e quem não anda na escola, como é que é?

R2 – Não pode vir. Existe um portfólio no gabinete do chefe de ala, mas não é a mesma coisa.

Entrevistadora – Quem quer explicar melhor esta questão?

R2 – Uma pessoa que nunca tenha lido muito na sua vida, chega ao portfolio, fica ali um bocado perdido, ele não sabe o nome de obras. É muito mais fácil para o recluso poder vir até à biblioteca, ler a introdução do livro, ler algumas páginas do livro, só para ver se gosta ou não.

Entrevistadora – Ou seja, requisitam-se os livros por catálogo, não têm mesmo acesso?

R3 – Podem fazer os pedidos, mas eles extraviam-se.

R2 – Uma pessoa pode interessar, mas depois quando olha para a lista desmotiva-se. Chegar e olhar para os livros é muito mais interessante. Por exemplo se houvesse aulas de arte e design, o produto dessas aulas poderia ser vendido, há muitas cadeias que fazem isso, por exemplo eu já estive preso em Inglaterra, olho para esta cadeia e comparado com as cadeias que eu já tive, não tem nada a ver, eu não quero luxo, mas lá pelo menos dão muita importância à reabilitação da pessoa. Porque é assim a obrigação do estado para mim não é só encarcerar a pessoa, a perda da liberdade para castigar, a reabilitação é muito importante.

Entrevistadora – E como era a nível de atividades?

R2 – Há bastantes, nem se compara, além das aulas lá, existe ténis de mesa, há futebol de mesa, há hip-hop e snooker. E ao mesmo tempo ocupa a cabeça do recluso.

Entrevistadora – E lá não estragam nada?

R1 – Às vezes.

Entrevistadora – lá também?

R1 – Há sempre um ou outro, existe sempre uma ovelha negra em todo o sitio, mas no geral eles portam-se melhor porque lá também os castigos são, além de serem

imediatos, por exemplo lá um recluso não pode faltar ao respeito à frente de um guarda, há logo uma ou duas semanas de castigo, mandam logo arrumar as coisas e castigo.

Entrevistadora – Quer dizer que o castigo é imediato ... mas havia grupos de teatro, de dança?

R1 – Havia, halterofilismo, como eu estava a dizer eu estive numa prisão, que de três em três dias havia campeonatos de aula contra aula, nem era entre cadeias, também havia entre cadeias, mas mesmo de três em três dias havia de “matrecos”, que é o futebol de mesa, o ténis de mesa, paintball. A atividade, o ocupar a cabeça das pessoas, assim não se metem em confusões.

R3 – Nós somos homens, todos os homens tem que trabalhar, e depois vem os jogos. Trabalhar porque, eu tenho vício de trabalhar, eu trabalho, eu ganho de dinheiro, aqui pode criar porcos, pode criar qualquer coisa, para poder comer, poder vender, qualquer coisa é boa para a cadeia e tempo livre para desporto.

Entrevistadora – Não sei se você sabe, mas em Portugal há prisões... (pausa), mas já houve mais! Entretanto a verba vai escasseando e começam a abandonar algumas atividades. Por exemplo, eu trabalhei em Tires, e havia lá, desde lavandarias, agricultura, criação de porcos, um sem número de atividades ocupacionais.

R3 – Devia ter porcos aqui, para criar e depois comer, ter agricultura também, depois criavam equipas para tomar conta das coisas, uns trabalhavam de manhã e á tarde iam jogar, e os outros ao contrário. Íamos trabalhar e ajudávamos a cadeia a ganhar dinheiro.

Entrevistadora – Esta prisão é de pequenas dimensões e não tem espaço para esse tipo de atividades.

R6 – Eu acho que deviam fazer panfletos, para combater mais a procura das drogas (pausa), de forma a dissuadir das drogas.

Entrevistadora – Curiosa essa observação.

R6 – Alertar sobre as drogas duras, drogas leves, álcool, todo o tipo de drogas, pessoalmente já tive problemas com drogas. Já tive problema com cocaína. E hoje em dia odeio isso e não desejo isso a ninguém. E acho que as pessoas deviam estar sempre alertadas, diariamente terem panfletos na parede para poderem ler.

Entrevistadora – Uma forma de dissuadir, como o exemplo dos maços de tabaco que têm frases que alertam para a gravidade do consumo.

R6 – Eu acho que as drogas deviam ser mais combatidas e também se devia combater o consumo de álcool.

Entrevistadora – Mas você como é que gostaria de ocupar o tempo? Pareceu dizer que não frequenta a escola e nem trabalha.

R6 – Gostava de ocupar o tempo em treinos, desporto, só que também eu ia ao ginásio, depois deixei de ir por causa de problemas pessoais, a morte dos meus pais, isso tudo e depois as pessoas que estavam lá também na altura, não eram muito bons companheiros para estarem lá, só eles é que treinavam, só eles é que podiam, com essa confusão deixei de ir. Mas agora já parece que as coisas melhoraram, as pessoas já são outras, mais adultas, no meu ver está diferente, existe mais igualdade. Este é o meu ponto de vista, combate às drogas acho que é uma das prioridades.

R3 – No meu país leem a Bíblia.

R6 – Eu todos os dias leio a Bíblia, para me dar força, pelo meu bem-estar, pelo bem-estar da minha família, dos meus companheiros, todos os dias faço a minha oração, é sagrado.

Entrevistadora – Há um projeto que eu conheço, fica na zona de Cascais, e todas as semanas há uma atividade que se chama “conversa sobre”. As pessoas interessadas sobre o respetivo tema, inscrevem-se e depois há uma pessoa que vai falar sobre esse determinado assunto. Tem como objetivo que as pessoas reflitam. Pegando na ideia do Sr. Flávio, podia convidar-se alguém, ou até mesmo um colega que já tivesse tido problemas com drogas, falar sobre esse assunto.

R6 – Explicar aos mais novos por exemplo, aos mais jovens que estão aqui. Pelo menos, os adultos já tem outra maneira de ver as coisas, agora os mais jovens acabam por se iludir um pouco, mesmo com as drogas leves, eles pensam que é diferente, mas não, droga é droga.

Entrevistadora – Vocês tem a noção que eles vêem os mais velhos como ídolos?

R3 – Não.

Entrevistadora – Não tem a noção disso?

R3 – Não.

R2 – Eu já tenho um bocado.

Entrevistadora – Que atividades participaram ou conheceram adequadas neste contexto prisional? Pensam que essas atividades podem despertar o interesse na restante população?

R6- Eu acho que o que eles disseram sobre as artes marciais, pode atrair muitos dos jovens.

Entrevistadora – E através de música, de bandas?

R2 – Tinha-se que se aliciar os mais novos aos poucos, isto é, se todos nós levarmos um ou dois a essas atividades de certeza que alguns vão ficar. Assim, poderíamos dizer que o trabalho está feito, que já atingimos algum objetivo, quer dizer que já estão ali uns quantos que já estão bem encaminhados. E os outros que não forem para a música podiam ir para a pintura por exemplo, para o desporto, há vários tipos de desporto. Acho que podemos ter aqui grandes artistas só que não sabem porque não experimentaram, é que só experimentando é que só podem saber se gostam ou não.

Entrevistadora – Alguém deseja acrescentar mais alguma coisa? ...(pausa) Como não tem mais nada a acrescentar, resta-me agradecer a vossa disponibilidade.

Anexo 6

Transcrição da Entrevista Grupo 3

Entrevistadora – Inicialmente gostaria que me descrevessem o vosso dia a dia, ou seja, o que fazem desde que se levantam até que se deitam?

Recluso 1 – Eu levanto-me, vou tomar o pequeno-almoço, depois vou ter com a pessoa que está a tomar conta das obras e ver o que é que tenho para fazer.

Entrevistadora – O senhor trabalha nas obras?

R1 – Senão estou nas obras, estou na oficina. E vou andando assim.

Entrevistadora – E no período da tarde?

R1 – A tarde é igual. E vou levando assim a cadeia.

R2 – No meu caso, levanto-me de manhã, depois de me preparar vou tomar o pequeno-almoço, depois do pequeno-almoço espero pelas nove e meia para poder vir aqui para a biblioteca. Estou aqui (biblioteca) até ao meio dia, chega a hora da refeição, vamos almoçar, estamos até há uma e meia, à espera que as aulas abram. Volto para aqui novamente, e estou aqui até cerca das cinco horas. Depois é limpar isto aqui, ler alguma coisa, ceder alguns livros que são pedidos. De vez enquanto, dar uma vista de olhos nos livros, pois por vezes alguns estão fora do sítio, e levamos assim o dia, saio daqui as cinco horas. Depois vamos jantar, depois do jantar somos fechados, cá está a tal dita meia hora. Depois somos abertos novamente para irmos tomar banho. Eu, neste momento tomo banho na hora de almoço, e a noite é depois de telefonar para a família, como sempre, a ver se está tudo bem com a família, vem a hora da medicação, somos fechados até ao outro dia. O meu companheiro de cela, estou numa cela de dois, desde que estou aqui, vai fazer vinte e cinco meses, sempre estive numa cela de dois. E, isto é o meu dia-a-dia. Já estive em várias atividades, estive na cozinha, a lavar pratos, depois sai da cozinha por motivos de saúde, fui para o armazém, estive lá um ano e pouco, também fui retirado por motivo de saúde, até que me mandaram para aqui e aqui estou. Espero estar aqui até ao dia que me mandem embora e é assim o dia-a-dia.

R3 – O meu dia acaba por ser praticamente igual, nós temos a ocupação laboral desde a manhã.

Entrevistadora – Por acaso este grupo trabalha quase todo, não é?

R3- De manhã tomo o pequeno-almoço, depois vou trabalhar e é o melhor do dia, o tempo passa mais rápido, vai-se passando melhor o tempo, depois o almoço, a tarde é igual.

Entrevistadora – E se não fosse trabalhar?

R3- Não tínhamos absolutamente nada, realmente é de lamentar.

R4 - O meu basicamente é igual, levanto-me de manhã, a higiene pessoal, espero pelas nove horas. Às vezes um pouco mais cedo, eu e o meu camarada de cela vamos trabalhar, fazer as nossas obrigações, porque conseguimos fazer o nosso trabalho logo de manhã, e ficamos com a tarde desocupada. Outras vezes deixamos algumas coisas por fazer para podermos ocupar a tarde, quando fazemos tudo logo de manhã e ficamos com a tarde livre, eu venho por vezes a escola, outras vezes não consigo conciliar as duas coisas, faço o possível por conseguir conciliar o trabalho e a escola. Depois é o almoço, a tarde ou vou à escola ou fico a descansar um pouco, por isso por vezes falto a algumas aulas. Outras vezes não consigo vir mesmo as aulas. As três horas vou fazer o que tenho que fazer, ver se há mais algum trabalho para fazer, se não houver mais nada para fazer, volto para o meio prisional, depois é esperar pelo jantar.

R5 – O meu é a mesma coisa, quando me levanto de manhã trato da higiene pessoal, depois vou tomar o pequeno-almoço. Depois às nove e um quarto venho para aqui fazer a faxina das salas de aulas, e enquanto estão a decorrer as aulas, venho para aqui para a biblioteca ter com eles, fico aqui a ler ou a ajudar naquilo que posso até começar a hora de começar o meu trabalho.

Entrevistadora – O senhor limpa as salas depois das aulas, quando os professores saem, é isso?

R5 – Depois de sair daqui vou jantar, e depois se tiver que ir telefonar, vou, senão fico ali com os outros no bar, até chegar a hora de sermos fechados. Depois de sermos fechados conversamos na cela, e até ao outro dia.

R6 – Não querendo repetir, mas é a mesma coisa. Levanto-me de manhã naturalmente, faço o que tenho a fazer, arrumo as minhas coisas dentro da cela para ficar tudo em ordem, depois vou tomar o pequeno-almoço, entretanto abre aqui o espaço e venho para aqui (pausa), estou até ao meio dia, às vezes saio cinco ou dez minutos mais cedo. E

depois de almoço normalmente tomo um café, estou por ali na conversa com um ou outro. A seguir venho para aqui, aqui estou até às cinco da tarde, saio às cinco, que não me interessa sair mais cedo, pois o ambiente lá fora é pesado.

Entrevistadora – Pesado? Importa-se de explicar?

R6 – O ambiente do pátio ou nos corredores é muito mais pesado, é um ambiente com um barulhão enorme, depois de sair daqui é esperar um pouco pela hora do jantar, que é quinze ou vinte minutos que estou ali naquele barulhão infernal. Depois de jantar, regresso à área de habitação, aí tenho sempre um livro ou dois, uns jogam as cartas, eu normalmente leio, porque eu tenho sempre alguma coisa para ler, leio porque gosto, porque gosto de dar informação as pessoas que vem a procura de leitura, alguns já sei o que eles gostam de ler. E pronto, tento estar desperto, estar atento nessas coisas.

Entrevistadora – Já tinha hábitos de leitura lá fora?

R6 – Sim, sempre tive, tinha o hábito de ler, praticamente todas as semanas comprava um livro. E hoje mantenho os hábitos de leitura. Gosto de ler e há muitos conhecimentos que nos chegam dos livros.

Entrevistadora – Como é que vocês gostavam de ocupar o tempo, ou acham que a forma como ocupam é a mais indicada?

R1 – Se não nos desocuparem, já é bom sinal! (risos).

Entrevistadora – Certamente, vocês quando entraram na prisão, ainda tiveram um tempo sem trabalhar. Querem explicar como eram passados esses dias?

R1 – Nesse caso é muito difícil de conseguir ocupar o tempo, pode-se jogar um bocado xadrez, às damas, às cartas mas é muito limitado. Não há um jogo para estarem quinze ou vinte pessoas a jogarem ao mesmo tempo, portanto em termos de distração de ocupação do tempo livre há muito pouco em que o ocupar. No bar só existem três ou quatro mesas para se jogar, se estão ocupadas, acabou pois é a única área que existe para qualquer jogo, não há uma sala que disponha de meios para se poder jogar, que seja mais ou menos polivalente, onde possamos ocupar o tempo de variadas formas, como o exemplo da poesia, com teatro, com pintura, por exemplo era uma excelente ideia, trabalhos manuais. Temos aí muitos gente que sabe trabalhar com artesanato, ainda hoje estive a ouvir um que sabia trabalhar com artesanato angolano, com figuras quase todas feitas em madeira, coisas simples. Usam-se técnicas, mas são técnicas que não precisam

de meios substanciais, que são rudimentares onde uma outra peça chega para... (pausa), uma coisa que corte um pouco. De maneira estou convencido que seria uma área a explorar, uma sala com uma certa polivalência onde até mesmo em simultâneo poderia haver pintura, desenho. Um espaço que tu tens na sala de visitas pode ser repartido com quatro panos e cada departamento está ali no seu espaço, sem ter nada que ver com os outros que estão ali ao lado, as pessoas não perde a atenção com o que o outro diz, com uma graça deste ou do outro. Isto seria um método de ocupar muita gente e inicialmente no meu entender, os grupos não devem ser grandes, devem ser no máximo grupos de doze pessoas, pois alguns desistem, mais tarde voltam, alguns desistem, mas o grupo fica mais coeso. E, vai evoluindo.

Entrevistadora – Inicialmente, uns podem achar que não tem jeito para determinada atividade, e ao experimenta-la, verifica que até consegue e gosta.

R1 – Exatamente, ao ver o que é que o outro está a fazer, perceber que ele próprio...(pausa).

Entrevistadora – (...) também gostava de experimentar.

R1 – É capaz de ser mais, ter mais aptidão para aquilo que o outro esta a fazer, do que para aquilo que ele próprio escolheu e nesse caso as aptidões favorece com as experiências que observa nos outros, cada um tem papel a desempenhar.

R2 – Talvez...(pausa), eu pensei nisto os torneios, um torneio de xadrez, de sueca, um torneio de ping-pong, de futsal, um tipo de torneio que englobasse várias atividades e que desse para ocupar o tempo dos reclusos, porque a maioria dos reclusos só fala em futebol, porque se for preciso inscreve-se a cadeia toda para um torneio de futebol. Já aconteceu várias vezes, já deve ter havido muitos torneios...(pausa), eu não sei porque é a primeira vez que estou preso, e espero ser a última. No ano passado houve um torneio de futebol e o qual eu participei e houve bastantes equipas, e bastantes reclusos que se inscreveram nesse torneio. Torneio de damas por exemplo, torneio de xadrez, porque há ai muitos que não sabem jogar xadrez. Um torneio de sueca, torneio de dominó. O que der para ocupar o tempo durante uma semana ou duas, para os abstrair daquele ambiente ali do pátio, quando se anda ali, fala-se com este e com aquele, anda ali de um lado para o outro sem nada para fazer e ocupar a mente, não há mais nada para fazer, ao fim ao cabo, os temas de conversa acabam sempre por ser todos os dias serem os mesmo,

porque já conviveram tanto tempo que se calhar já conhecem a pessoa que está ao lado dele melhor que eles próprios.

R3 – Pintura como ali o companheiro referiu, seria uma ótima opção, desenvolver a capacidade do pessoal, porque a pintura não é só pegar num pincel e em tintas e pintar, tem áreas mais abrangentes.

Entrevistadora – Uma arte que não sai cara, por exemplo, pintar com o café. Nunca tinham ouvido falar? O líquido do café...(pausa), com o café a técnica é a mesma das aguarelas, colocam café mais concentrado ou mais diluído, ou seja, colocam as tonalidades que querem conforme a densidade de café. Nunca tinha ouvido? Fica um trabalho muito giro.

R3 – E onde se arranjava café? Teríamos que ter verbas.

Entrevistadora – Por exemplo a Delta, se solicitassem junto da instituição, um ou dois pacotes de café, certamente que a Delta não ia negar.

R3 – Existem alguns organismos que já falei com a Dr.^a Rita, disse-lhe para enviar uns emails, tenho consciência que ela tem mais que fazer e isso passa ao lado. Eu sugeri-lhe acerca dos livros, enviar uns emails para as editoras, as câmaras municipais podem enviar muito material que pode ser útil, e ela disse-me “tenho lá um jornal de Aveiro “, nós também tínhamos ai um jornal, mas desde que o homem que estava ai e costumava escrever se foi embora, deixamos de ter gente a fazer, qualquer dia vou fazer isso ai.

R2 – Eu também sou dessa opinião, criar um jornal no estabelecimento, eu já participei num, foi feito aqui.

R3 – A ideia não é ficar só por aqui é expandi-lo, leva-lo para outros sítios para terem uma ideia disto, por exemplo vem aqui os serviços centrais , eles terem uma ideia de como trabalha a biblioteca, quantos reclusos fazem o jornal.

R2 – Havia também torneios entre cadeias e cortaram com isso.

Entrevistadora – Há também em algumas prisões, bandas de música, que depois vão atuar noutros estabelecimentos prisionais.

R3 – Eu estive em Vale de Judeus e havia lá essa banda e ensaiavam muitas vezes. Esta cadeia tem a particularidade de estar virada para o preso preventivo, tem alguns condenados devido há sobrelotação das cadeias de condenados, o que faz que não esteja tão virada para essa situação do recreativo, está direcionada para ter um individuo até ao

juízo, e depois dar-lhe seguimento para outros estabelecimentos. Nunca se apostou muito no recluso preventivo, no desenvolvimento de áreas da distração, da manutenção da cabeça das pessoas porque a inação provoca fricção...(pausa), a fricção por si só, provoca atrito, e esse atrito é onde nós estamos, esse stress.

R4 – E por isso, as pessoas lá fora estão em stress, não há nada para fazer. Vinte por cento tem uma ocupação, estudam ou trabalham, agora os outros oitenta por cento não fazem nada, não te ocupação.

R5 – A minha ocupação é sair do trabalho, comer tomar banho, ir telefonar a família, ver televisão e deitar. Sábados e domingos se tiver visita é ir à visita, se não tiver visita, não saio da cama, saio para almoçar, jantar.

Entrevistadora – Acham que os restantes reclusos...(pausa) ou seja, os que não andam na escola, nem trabalham, vocês acham que participariam nestas atividades também?

R4 – Penso que participavam...porque se eu for, ia desafia-los a ir também para passar o tempo, por exemplo eu faço e ele não faz nada, como me dou bem com ele digo-lhe para vir fazer. Penso, que sendo desafiados eles acabam por ir uns atrás dos outros, um fala com o outro, outro fala com outro, e eles como estão todos no mesmo meio, e eles acabam por ir na conversa do colega, serem arrastados.

R5 – É como o ginásio...(pausa) agora não há ginásio, onde é que o pessoal está a treinar no pátio, se houvesse ginásio...(pausa), o pessoal estava lá. Só como não há, tem que se juntar ali no pátio para treinar. Como não há exercício físico, nem nada para se fazer, aumenta a tensão. O pessoal precisa disso, há malta nova que precisa disso, de distração.

Entrevistadora – Os mais velhos acabam por ter influencia nos mais novos?

R5 – Eu desde que aqui estou ainda não entrei no ginásio para treinar.

R1 – Uma ocupação que devia haver é mais formação. Mesmo com algum tipo de curso, mesmo não remunerado, eu acredito que havia gente que se inscrevia.

Entrevistadora – Cursos em que áreas?

R1 – Algo que possa servir lá fora, pintura...(pausa), por exemplo.

Entrevistadora – Ou seja, referem-se à formação profissional?

R3 – Desde que dê uma formação e o que nós queremos, é estar ocupados. Eu penso que muitos que agora como tem este curso, muitos dos que estão no curso não tinham

trabalho, nem tinham nenhum tipo de atividade, alguns andavam na escola, mas penso que andam a tirar o curso nem é pelo dinheiro, é pela oportunidade que vão ter lá fora, como já tiraram este curso, vais-lhe dar um certificado e com a oportunidade que vão ter lá fora, é mais fácil desempenhar as funções que aprenderam aqui. Penso que isso será benéfico para eles, porque tirando um curso, tendo uma formação, é já estar avançado naquele trabalho, ladrilhador como é este o caso agora, construção civil, todo esse aglomerado de cursos que podem apresentar, penso que eles um dia mais tarde quando saíssem daqui não iriam voltar ao meio criminal. Como já tem aquela formação, podem seguir com as habilitações que tem e ver o que vai dar.

R1 – Podem aproveitar o grupo que tem aqui dentro, por exemplo o grupo das obras, e em vez de estar a mandar vir pessoas de fora a fazer as coisas, as pessoas do estabelecimento faziam. Porque há muito trabalho aqui, há ai muitos detidos que sabem fazer muita coisa.

Entrevistadora – Por vezes é a falta de dinheiro, agora é um problema grande.

R5 – Mas às vezes quando há dinheiro, preferem pagar para virem fazer, em vez de ser a cadeia a fazer.

Entrevistadora – Agora a politica já não é essa, agora já vão buscar mão de obra interna. Por exemplo em Caxias, o estabelecimento está a ser todo reparado, e a mão-de-obra é toda prisional.

R5 – Antigamente tudo o que se passava nas cadeias, lembro-me de visitar alguns amigos, e que tudo o que era feito de pintura, ladrilhadores, tudo o que era feito de obras dentro da própria cadeia era os presos que fazia, e não eram remunerados nessa altura, foi antes do 25 de Abril, o meu avô esteve preso no hospital de Caxias, e eles pintaram toda a cadeia. Pintaram a cadeia, arranjaram celas, repararam tudo, tudo feito pelos presos. Não sei porque é que isto agora não existe. Aqui nesta cadeia, como podemos ver está muito deteriorada, há ai coisas que se podiam fazer, pintar portas, limpar certas paredes que estão ai imundas, não é a questão do dinheiro, penso que a cadeia deve saber onde é que há-de ir buscar material, há por ai fábricas e empresas que oferecem, isto era feito e a apresentação era outra, por exemplo a minha família pergunta-me o que é isto aqui dentro, isto aqui é a sala de visitas, isto é uma coisa...(pausa), lá dentro é outra, é outro mundo. Eu, não é dizer mal dos companheiros, mas é outro mundo, há gente boa, gente educada, mas há gente que enfim...(pausa) não sei, talvez debaixo do

stress. Eu fui criado num bairro de Lisboa onde havia de tudo, que é a Mouraria, onde havia respeito, havia asseio, as próprias pessoas preocupavam-se umas com as outras. E a gente aqui dentro, neste caso os mais velhos, não desfazendo os mais novos, e há mais novos que também chamam a atenção aos outros, podiam chamar a atenção para não fazerem, nem sujarem. Quando se chama a atenção, cria-se logo ali um problema.

Entrevistadora – Humm! Chamam a atenção uns dos outros?

R5 – Por vezes cria-se logo ali um problema e só não avança mais por que há sempre um que apazigua ali a situação.

R1 – Na própria higiene da cadeia...(pausa), se houvesse material e meios, acho que tinha logo outro aspeto.

R4 – Eu estive noutra cadeia, e como os próprios presos é que faziam a limpeza, tinha logo outro aspeto, tinha logo outras condições de asseio, ali não se cuspiam para o chão. Não se podia cuspir, não se podia mandar coisa para o chão, sujou, limpa e era uns assim com os outros, chamavam a atenção uns aos outros. Assim aquilo andava sempre limpinho.

R2 – Mas sabes que aqui o Montijo esta situado numa zona...(pausa).

R5 – Se formos a ver é uma zona problemática, a população que aqui está, vem de bairros problemáticos, mas isto tem uma solução. As pessoas que estão aqui a olhar para que o ambiente esteja tranquilo, deviam ouvir e conspirar, depois era dizer a um ou outro, amanhã é você a limpar estas paredes. No dia seguinte já era outro, ir alternando nas pessoas que fazem a limpeza, assim era uma maneira de responsabiliza-los. Sem violência, era uma maneira de responsabiliza-los e de ter a cadeia limpa. Eu trabalhava no 1º piso e era muito complicado, tentava manter sempre o piso limpo, mas eles conseguiam sempre sujar num instante, podiam ver o chão limpo e tentar não sujar, mas não.

Entrevistadora – Eu à pouco referi isto...(pausa), a biblioteca agora está limpinha, se estivéssemos aqui com papéis, se amachucasse um papel e o atirasse para o chão, e se o chão estivesse limpo, já não havia tendência para atirar, ia coloca-lo no caixote, mas se o chão estivesse sujo, era mais um.

R5 – Isso não, nós chamávamos logo a atenção ... (risos).

R3 – Aqui a questão da segurança também é limitada, não é a questão de faltar mais guardas. As pessoas em si também pouco ou mais nada podem fazer. Isto não é estar a envaidecer a parte da segurança, mas é mesmo assim. Porque vê-se muitas coisas aqui no pátio, exageradas que o próprio guarda vê e que não pode intervir, devia, mas não pode, por que depois vai ter muitas chatices. Eu, na minha cela, que partilho com o meu camarada, a primeira coisa que eu disse logo foi que o meu armário estava aberto, e ficava aberto, é como quem diz estás a vontade, se precisares de alguma coisa, está à vontade para tirar sem problema...(pausa), coloquei-o à vontade. E penso que nas camaratas devia ser igual, mas acho que isso não acontece, nalgumas é capaz de existir, mas agora noutras não deve existir. Pondo uma pessoa como responsável, isso acarreta trabalho e responsabilidades. Estávamos aqui cinco indivíduos, o mais velho dizia que íamos zelar por isto, isto é o nosso meio, onde a gente vive, é onde a gente dorme, vamos tentar ser o mais asseados possível para não prejudicar ninguém, manter a higiene. Mas sei que isso não acontece em algumas camaratas, quando se entra nelas temos que colocar a mão no nariz e disser “ o que é isto? é alguma pocilga?”. Cheira mesmo mal, eu já tive a ocasião numa altura trabalhava na zona, e fazia a distribuição dos líquidos, e havia camaratas que se abria a porta nem valia a pena colocar os líquidos lá dentro, porque ainda tinham lá o líquido da semana anterior e eles não limpavam. E pensava “estou-me lixando que isto não é nada meu”. Há mesmo pessoas que não têm higiene nenhuma, que não tomam banho, não trocam de roupa, e nem querem sabem dos produtos de higiene. Há muitos que nem se podem estar perto deles, não tomam banho, não trocam de roupa, estar perto deles até agonia com o cheiro.

R5 – É uma questão de nós tomarmos a iniciativa, e de darmos uma palavrinha a pessoa, incentiva-lo a tomar banho e tratar da sua higiene pessoal.

Entrevistadora – Mudando um pouco o rumo da conversa, uma última pergunta, vocês estariam dispostos a participar nessas atividades, assim como ajudar na preparação das atividades?

R2 – Eu estou disposto a ajudar na preparação das atividades, é só dizer o que temos que fazer.

Entrevistadora – Podiam escrever cartas a instituições...(pausa), a empresas pedindo material. Por vezes há empresas com material com algumas imperfeições e que podem estar recetivos a doações.

R3 – Ora ai está, temos que ter a orientação para quem temos de enviar os pedidos, tem que haver uma informação, um jornal, para espalhar a informação de como solicitar os produtos. As pessoas em si, mesmo com muita vontade que tenham de fazer, não conseguem sozinhas.

Entrevistadora – Todos podiam colaborar.

R5 – Falar com as educadoras é escusado, porque elas têm mais que fazer, elas não tem tempo para nos atender, são poucas. Falar com a parte da guarda, eles não tem a ver com eles, pois esse tipo de assunto é com os serviços de educação. E, eu penso quem nos podia auxiliar, era um jornal mensal onde se podia recolher informações, por exemplo no Montijo deve existir.

R4 – Existe e é gratuito.

Entrevistadora – Outra ideia que tem surgido aqui, tem a ver com...(pausa), por exemplo aqui o Sr. Pedro tem competência em determinada área, podiam aproveitar para ensinar aos restantes que quisessem aprender.

R5 – Por acaso, não tenho assim nada específico.

Entrevistadora – Por exemplo, aqui o Sr. António tem gosto pela pintura, e por exemplo podia partilhar esses conhecimentos com os outros.

R5 – Por exemplo pintura de faixadas, numa parede fazer ali meia dúzia de desenhos e fazer dali uma obra de arte.

Entrevistadora – A ideia era vocês ou outras pessoas que tenham algum conhecimento em determinada, e transmiti-la aos outros.

R4 – Bom, eu na minha área, posso transmitir. Por acaso o que eu fazia lá fora, era marketing e publicidade. Construção de painéis, tudo o que tinha a ver com painéis de publicidade, nessa área sei como começar a fazer um projecto de raiz. Já tenho conhecimentos para poder dar uma formação, posso assim dizer. Podia dar uma formação a vários colegas meus aqui dentro, e como fazer um projeto de publicidade desde raiz.

Entrevistadora – Os interessados inscreviam-se e você dispunha-se a transmitir esses conhecimentos.

R4 – No meu ponto de vista um dos maiores investidores é mesmo a publicidade, é o que movimenta muitos milhares de euros por todo o mundo. Hoje em dia estamos a ver televisão e a maior parte das coisas que se veem na televisão é publicidade. Publicidade na parte de construir um painel, fazer umas colagens em vinil, montar uma lona, fazer a impressão da lona, a pintura da lona ou do vinil, essas coisas todas...(pausa), teria totalmente disponibilidade para poder partilhar.

R2 – Temos que fazer é na prática, no papel é pouco interessante.

R5 – Por exemplo, eu estou a fazer um trabalho em TIC, sobre uma das cadeia mais famosas dos EUA, que foi Alcatraz. E, já estou a terminar o trabalho é para mim...(pausa), foi um trabalho mega gratificante, porque aprendi muito com aquele trabalho que fiz. E eu não percebia nada daquilo, estou a fazer em PowerPoint com slides, eu nem sabia mexer em computadores e desde que entrei para a escola que já mexo bem em computadores, a minha capacidade desenvolveu-se, para mim foi muito gratificante ter feito o trabalho, levei muito tempo a fazer, mas já estou na parte final. Depois vai ser apresentado aos meus colegas da turma. Assim, tanto eu como os meus colegas da turma podemos dizer que deixamos de ter tanta ignorância no que refere a esta matéria. É como ler, também se aprende muito.

Entrevistadora – Alguém quer acrescentar mais alguma coisa? ...(pausa), resta-me a agradecer a vossa colaboração.

Anexo 7

Análise de conteúdo das entrevistas aos reclusos

Dimensão A – Ocupação do tempo

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
Gestão do dia	O dia a dia na prisão	<p>“A única ocupação que havia e que há aqui neste estabelecimento prisional para além da escola é mesmo o desporto, o que agora nos foi cortado”(G1R3); “(...)além da escola, só o desporto. Jogar às cartas que também pode ser considerado um desporto” (G1R2); “Durante o dia venho à escola, estudo, ou então estou no pátio, mais nada” (G1R3); “vou para a cozinha trabalhar”(G1R4); “Trabalho na cozinha”(G1R5); “noutra cadeia fazia a mesma coisa, também fazia o tempo todo de faxina, não fazia mais nada”(G1R5); “o pequeno-almoço, depois disso vou jogar as cartas ali no bar com o pessoal, depois mete-se a hora de almoço”(G2R1); “o pequeno-almoço, depois xadrez, depois escola, almoço, depois de almoço escola”(G2R2); “costumo levantar sete e um quarto, costumo fazer uma corrida matinal no pátio”(G2R3); “o único entretenimento que temos é ver a tv, ver a telenovela”(G2R3); “à quarta-feira na hora de almoço temos um grupo de teatro, costumamos ensaiar, e sexta também (...)agora comecei a estudar um pouco de inglês, para melhorar um pouco no inglês, por vezes leio um pouco”(G2R4); “Eu acordo por volta das oito, tomo o pequeno-almoço, venho para a escola, depois vou almoçar, vejo o telejornal, entretanto já está na hora de vir novamente para a escola de novo, depois vou jantar. Vejo as novelas e depois cama”(G2R5); “já tenho o 10º incompleto. Entretanto ando na escola para relembrar”(G2R5); “Leio na cela, também jogo às cartas”(G2R6); “vou tomar o pequeno-almoço, depois vou ter com a pessoa que está a tomar conta das obras e ver o que é que tenho para fazer”(G3R1); “tomo o pequeno-almoço, depois vou trabalhar e é o melhor do dia, o tempo passa mais rápido, vai-se passando melhor o tempo, depois o almoço, a tarde é igual”(G3R3); “Outras vezes, deixamos algumas coisas por fazer para</p>

<p>Percepção sobre a ocupação do tempo</p>	<p>Sentimentos negativos em relação ao modo como ocupam o tempo</p> <p>Sentimentos</p>	<p>podermos ocupar a tarde(...)As três horas vou fazer o que tenho que fazer, ver se há mais algum trabalho para fazer, se não houver mais nada para fazer, volto para o meio prisional, depois é esperar pelo jantar.”(G3R4); “enquanto estão a decorrer as aulas, venho para aqui para a biblioteca ter com eles, fico aqui a ler ou a ajudar naquilo que posso até começar a hora de começar o meu trabalho”(G3R5); “aqui estou até às cinco da tarde, saio às cinco, que não me interessa sair mais cedo, pois o ambiente lá fora é pesado”(G3R6); “A minha ocupação é sair do trabalho, comer tomar banho, ir telefonar a família, ver televisão e deitar”G3R5).</p> <p>“A única ocupação que havia e que há aqui neste estabelecimento prisional para além da escola é mesmo o desporto, o que agora nos foi cortado(...)era a única maneira que a gente, até a nível de saúde e para libertamos um bocadinho a nossa mente é através do desporto”(G1R3); “Isto é um lugar diminuto, em que as pessoas pouco se movimentam, há aqui pessoas com certas carências físicas” (G1R3); “Isto é uma árvore sem maçãs” (G1R3); “O teatro(...)é aberto a todas as pessoas, mais os alunos da escola(...)não há ninguém a incentivar” (G1R3); “está proposto um torneio de pingue-pongue e nunca mais se avançou com isso”(G1R3); “uma coisa que faz falta é (...)acesso à biblioteca, o acesso é restrito”(G1R2);”quando estamos no pátio, acabamos por não conviver tanto e o espírito de equipa não existe(...)se estiver no pátio, eu estou com o meu grupo, cada um está junto do seu” (G1R3); “as pessoas estão fechadas, são um grupo de pessoas que estão juntas muitas horas, começa por vezes a existir stress”(G1R3); “quando se anda ali, fala-se com este e com aquele, anda ali de um lado para o outro sem nada para fazer e ocupar a mente, não há mais nada para fazer, ao fim ao cabo, os temas de conversa acabam sempre por ser todos os dias serem os mesmo”(G3R2); “Vinte por cento tem uma ocupação, estudam ou trabalham, agora os outros oitenta por cento não fazem nada, não te ocupação”(G3R4).</p> <p>“aproveito para terminar os estudos que lá fora não</p>
--	--	---

	<p>positivos em relação ao modo como ocupam o tempo</p> <p>Sentimentos em relação ao modo como gostariam de ocupar o tempo</p>	<p>consegui terminar, aproveito neste regime”(G2R3);</p> <p>“há sempre alguma coisa para fazer, em havendo ideias, as coisas fazem-se”(G1R2); “sala de filmes, para passarem uns filmes de vez em quando.”(G1R2); “tu podes mandar vir uma tela,(...)pinceis(...), tintas(G1R3). “todo tipo de desporto(...)não me importava nada de ocupar o meu tempo”(G1R4); “desportos a nível de ginásio, passeadeira, bicicleta, mesmo caminhadas, mesmo dentro aqui do pavilhão, à volta, pequenos exercícios”(G1R4); “Colocarem uma sala, para fazermos pinturas, para podermos fazer quadros, pois há muitas pessoas com vontade de fazer essas coisas, só que não existe”(G1R2); “alguém que organizasse mesmo torneios a nível de jogos de cartas, de xadrez”(G1R3); “o simples facto de a gente jogar à bola, cria um certo clima de amizade”(G1R3); “acabamos por interagir mais uns com os outros, que será uma coisa bastante importante”(G1R3); “devia haver uma sala de jogos, jogos de mesa e depois a outra parte no ginásio(...)jogos de bola, treino de ginásio”(G1R2); “era fazer uma sala destas aqui dentro para alguém que tenha gosto, não quer dizer que tenha que ser só com tapetes de arraiolos, pode ser com certas invenções, pinturas”(G1R2); “Nós podemos aproveitar para ajudar escolas e infantários, fazer algumas coisas, pintar para eles, não sei, fazer reuniões, contar a nossa vida, preparar os mais pequenos para eles não entrarem na cadeia(...)fazer para eles teatro, fazer coisas para eles como cadeiras, mesas, ajudar para a escola”(G2R2); “há muitas coisas que se podem fazer no sistema prisional e que não é necessário dinheiro”(G2R1); “o interagir com os jovens, quem sabe se não podíamos interagir com a 3ª idade” (G2R3); “tenho muito jeito para a arte e design, eu até gostaria que existisse aqui(...)eu por acaso gostava de existisse e aqui era a música”(G2R5).</p>
--	--	--

Dimensão B – Atividades

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
Atividades implementadas	<p data-bbox="443 237 659 349">Sentimentos sobre as atuais atividades</p> <p data-bbox="443 1671 659 1783">Atividades que gostaria de ver implementadas</p>	<p data-bbox="675 237 1372 1581">“depois não nos deixam pôr em andamento os nossos projetos(...)acho que há qualquer coisa aqui que fazem questão de matar”(G1R3); “Outra coisa que também podia ser mudada, é que a maioria dos reclusos não pode ir à biblioteca, a biblioteca está aqui e raramente é utilizada”(G2R2); “Uma pessoa que nunca tenha lido muito na sua vida, chega ao portfolio, fica ali um bocado perdido, ele não sabe o nome de obras”(G2R2); “é muito difícil de conseguir ocupar o tempo, pode-se jogar um bocado xadrez, às damas, às cartas mas é muito limitado”(G3R1); “Não há um jogo para estarem quinze ou vinte pessoas a jogarem ao mesmo tempo, portanto em termos de distração de ocupação do tempo livre há muito pouco em que o ocupar”(G3R1); “No bar só existem três ou quatro mesas para se jogar, se estão ocupadas, acabou pois é a única área que existe para qualquer jogo(...)não há uma sala que disponha de meios para se poder jogar, que seja mais ou menos polivalente, onde possamos ocupar o tempo de variadas formas, como o exemplo da poesia, com teatro, com pintura, por exemplo era uma excelente ideia, trabalhos manuais”(G3R1); “as pessoas lá fora estão em stress, não há nada para fazer”(G3R4); “Como não há exercício físico, nem nada para se fazer, aumenta a tensão”(G3R5); “leio porque gosto, porque gosto de dar informação as pessoas que vem a procura de leitura”(G3R6); “O que der para ocupar o tempo durante uma semana ou duas, para os abstrair daquele ambiente ali do pátio”(G3R2); “o que nós queremos, é estar ocupados”(G3R3).</p> <p data-bbox="675 1682 1372 2018">“Haver mais desporto”(G1R3); “gostava de ocupar o meu tempo com alguns trabalhos manuais (...) exercer algum trabalho em grupo”(G1R2); “preparar na altura do natal um presépio, quatro ou cinco pessoas montar um presépio(...)fazer um grupo de pessoas e na altura do natal preparar a decoração do natal.”(G1R2); “sala de jogos(G1R2); “mandar vir fio de coco com umas missangas para se fazer uns</p>

<p>Atividades de interesse</p>	<p>colares(...)até o próprio estabelecimento prisional fazia feira artesanal”(G1R5); “se fizessem um curso de tapetes de arraiolos, também podia ser fazer tapetes”(G1R2); “Eu tenho uma ideia (...)sala de visitas, como é um espaço grande era um género de bowling, era fazer as bolas e os pins através dos trabalhos manuais e utilizar esse espaço para jogar bowling (...)com garrafas de litro e meio, e o bowling é uma coisa que toda a gente gosta”(G1R5); “Acho que a aposta nas artes, na música, no teatro, no desporto era muito importante”(G2R1); “há muitas atividades que se podem fazer, umas das coisas que eu reparo que faz muita falta no sistema prisional é a formação principalmente dos jovens, eu até digo de todos, a nível de competências sociais, da competência comportamental(G2R1); “Poderiam fazer-se workshops, pequenas formações para competências sociais, isto era muito importante”(G2R1); “para começarem a ter a noção da forma como se comportarem, como utilizarem as coisas, de aprenderem a estimar aquilo que é deles”(G2R1); “O desporto é uma peça fundamental no sistema prisional, ajuda a combater o consumo de drogas, consumo de tabaco”(G2R1); “é uma cadeia que nesse aspeto tem tudo o que é condições para praticar esse tipo de desporto(...)jiu-jitsu”(G2R1); “A pintura é uma aposta fundamental, a música(...)Há muitas pessoas que gostavam de aprender a tocar viola, órgão, dentro das condições que existem podia-se ter uma bateria”(G2R1); “Aqui esta cadeia tem aqui muito trabalho, muito trabalhado de borla, barato, nós podemos ganhar dinheiro para a cadeia, para comprar coisas para a cadeia, fazer coisas para as escolas”(G2R2); “Até podíamos ganhar alguma verba para se adquirir algum equipamento que fosse necessário(...)equipamento de desporto temos pouco e com essas verbas por exemplo poderíamos adquirir muito mais”(G2R3); “Gostava de ocupar o tempo em treinos, desporto, só que também eu ia ao ginásio”(G2R6); “Temos ai muitos gente que sabe trabalhar com artesanato(...)um que sabia trabalhar com artesanato angolano, com figuras quase todas</p>
--------------------------------	---

		feitas em madeira, coisas simples(...)seria uma área a explorar, uma sala com uma certa polivalência onde até mesmo em simultâneo poderia haver pintura, desenho”(G3R1); “eu pensei nisto os torneios, um torneio de xadrez, de sueca, um torneio de ping-pong, de futsal, um tipo de torneio que englobasse várias atividades e que desse para ocupar o tempo dos reclusos”(G3R2); “Pintura (...) seria uma ótima opção, desenvolver a capacidade do pessoal, porque a pintura não é só pegar num pincel e em tintas e pintar”(G3R2); “criar um jornal no estabelecimento”(G3R2); “Uma ocupação que devia haver é mais formação”(G3R1); “exercício físico(...)o pessoal precisa disso, há malta nova que precisa disso, de distração”(G3R5).
--	--	---

Dimensão C – Momentos de ocupação

categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
Tempo	Momentos indicados	A manhã é maior (G1R2); A manhã acaba por ser maior(G1R3) (...)durante a tarde também há tempo para irmos, por exemplo para uma atelier de pintura ou ensaiar para um teatro ou grupo de música(G1R1); (...)durante a tarde pode-se fazer muita coisa(G1R1); “terem salas com x pessoas de manhã e x pessoas à tarde”(G1R2); “para estarem entretidos, no silêncio, terem turnos(...) hoje iam seis, amanhã iriam outros seis”(G1R4);
Espaço	Espaço indicados	“tu ires ao pátio com a tela e estares ali no pátio a fazer sem problemas”(G1R5); “no pátio(...)os ciganos(...)ficavam no cantinho deles com a viola deles”(G1R5); “sala de filmes, para passarem uns filmes de vez em quando.”(G1R2); “devia haver uma sala de jogos, jogos de mesa e depois a outra parte no ginásio(...)jogos de bola, treino de ginásio”(G1R2); “era fazer uma sala destas aqui dentro para alguém que tenha gosto, não quer dizer que tenha que ser só com tapetes de arraiolos, pode ser com certas invenções,

		<p>pinturas”(G1R2); “Eu tenho uma ideia (...)sala de visitas, como é um espaço grande”(G1R5); sala de visitas, como é um espaço grande era um género de bowling, era fazer as bolas e os pins através dos trabalhos manuais e utilizar esse espaço para jogar bowling (...)com garrafas de litro e meio, e o bowling é uma coisa que toda a gente gosta”(G1R5); “Um espaço que tu tens na sala de visitas pode ser repartido com quatro panos e cada departamento está ali no seu espaço, sem ter nada que ver com os outros que estão ali ao lado”(G3R1).</p>
--	--	--

Dimensão D – Disponibilidade/Participação

Categories	Subcategorias	Unidades de sentido
Processos de participação e disponibilidade	Sentimentos sobre a vontade de participar	<p>“com a prática, é que nós vamos aprendendo a fazer coisas”(G1R2); “o custo é mínimo, podemos falar de torneios de ping-pong, de xadrez, temos condições para isso, temos voleibol, futebol, há vários tipos de torneios que esta cadeia tem condições e poderia fazer se uma equipa de desporto”(G2R4); “houve um torneio de futebol e o qual eu participei e houve bastantes equipas, e bastantes reclusos que se inscreveram nesse torneio”(G3R2); “sugeri-lhe acerca dos livros, enviar uns emails para as editoras, as câmaras municipais podem enviar muito material que pode ser útil”(G3R3); “nós também tínhamos ai um jornal, mas desde que o homem que estava ai e costumava escrever se foi embora, deixamos de ter gente a fazer, qualquer dia vou fazer isso ai”(G3R3); “Eu estou disposto a ajudar na preparação das atividades, é só dizer o que temos que fazer”(G3R2); “Penso, que sendo desafiados eles acabam por ir uns atrás dos outros(...)eles acabam por ir na conversa do colega, serem arrastados”(G3R4).</p>
	Sentimentos sobre a disponibilidade de ajudar na	<p>“ou então deixem-nos organizar, que nos deem os ovos para a gente fazer as omeletes”(G1R3); “eu gostava de aprender a tocar bateria”(G2R5); O desporto (...) se calhar até podia ser dado por certos reclusos, já que há muitos que tem habilitações para</p>

	<p>organização e conceção das atividades</p> <p>Sentimentos sobre as relações de partilha de conhecimentos</p>	<p>isso (G1R3); “tenho curso de monitor educação física(...)teria todo o prazer em ajudar(...)certas pessoas com mais limitações(G1R4); “Estamos dispostos a participar, eu até fazia força para essa dita sala que já falei, dos trabalhos manuais, assim uma pessoa podia estar entretida ...até me podia dizer se estava disposto a organizar, eu dizia logo que sim”(G1R2); “Dentro das minhas disponibilidades eu dizia logo que sim”(G1R3); “É que com atividades que nós pudéssemos desenvolver quem sabe se poderíamos ganhar verbas para investir no ginásio. Nos poderíamos desenvolver alguns trabalhos, rifá-los, para as pessoas colaborarem para conseguirmos algum equipamento aqui para os reclusos, para comprar alguns utensílios para desenvolver atividades como a música, a nível cultural, do teatro(...)podemos lançar algumas criações aqui dos reclusos para ajudar algumas escolas, e essas escolas ajudavam-nos, e quem sabe também para os lares”(G2R3).</p> <p>“aprenderem a fazer aquilo mais e melhor, vão acabar por aprender coisas novas uns com os outros (...)todos os dias aprendemos coisas novas uns com os outros”(G2R1); “arte marcial não provoca a violência à pessoa, eu até gostaria de aprender com eles isso”(G2R5); “Bom, eu na minha área, posso transmitir(...)podia dar uma formação a vários colegas meus aqui dentro, e como fazer um projeto de publicidade desde raiz”(G3R4).</p>
--	--	--

Anexo 8

Guião de Entrevista a Técnicos Superior de Reeducação

Blocos Temáticos	Objetivos Especificados	Tópicos para o Formulário de Perguntas	Observações
Apresentação e Legitimação da Entrevista	<p>Apresentação dos entrevistadores;</p> <p>Legitimar a Entrevista;</p> <p>Criar um ambiente adequado;</p> <p>Obter a autorização para gravar a entrevista;</p>	<p>Dar a conhecer ao entrevistado o contexto em que se insere a entrevista;</p> <p>Reforçar a ideia de que a colaboração do entrevistado é fundamental para a realização do trabalho;</p> <p>Mencionar a possibilidade de rever a entrevista depois de esta ser transcrita</p>	<p>Não interferir com o testemunho do entrevistado, de modo, a que este se sinta à vontade para expor a sua opinião.</p>
Perceção sobre a ocupação do tempo dos reclusos	<p>Obter informação sobre o modo como ocupam o tempo na prisão.</p>	<p>Para o desenvolvimento de atividades socioculturais e desportivas são necessários espaços adequados. Como caracteriza a prisão a</p>	

	<p>Obter informação sobre a importância da ocupação do tempo na prisão.</p>	<p>nível de espaços?</p> <p>Como é que os reclusos ocupam o seu tempo?</p> <p>Considera a ocupação do tempo na prisão relevante para a reinserção dos reclusos na sociedade? De que forma?</p> <p>Considera que a prisão tem atividades socioculturais e desportivas satisfatórias, a fim de assegurar o bem estar físico e psíquico do recluso?</p>	
<p>Estratégias da organização para ocupar o tempo dos reclusos</p>	<p>Obter informação sobre estratégias adotadas na organização das atividades para ocupação do tempo dos reclusos.</p> <p>Recolher informação sobre a participação/adesão da população reclusa nas atividades e na sua conceção.</p>	<p>Considera que a prisão pode ser um espaço de partilha de saberes, de competências entre pares?</p> <p>Atualmente, que tipo de atividades têm em funcionamento para ocupar o tempo dos reclusos?</p> <p>Que outro tipo de propostas já apresentaram anteriormente aos reclusos, como forma de ocuparem o tempo?</p> <p>Que objetivos têm subjacentes quando se motiva a população prisional a participar em atividades?</p>	<p>Identificar estratégias para ocupar o tempo dos reclusos.</p>

		<p>Qual a participação/adesão por parte dos reclusos nessas atividades?</p> <p>Com que dificuldades se confrontam na organização e execução das atividades junto dos reclusos?</p> <p>Como se desenrolam as atividades na prisão? Essas atividades são da iniciativa do próprio grupo ou são propostas por terceiros?</p>	
<p>Propostas para ocupação do tempo dos reclusos</p>	<p>Perceber que tipo de propostas existe no estabelecimento prisional para ocupar o tempo dos reclusos.</p>	<p>Os reclusos mostram-se receptivos a novas propostas?</p> <p>Considera que este tipo de iniciativas podem contribuir para a ocupação do tempo dos reclusos? E que tipo de aprendizagens podem ser retiradas?</p> <p>Para além das atividades desenvolvidas, que outras poderiam ser desenvolvidas em contexto prisional?</p> <p>Qual a importância da escola no dia a dia da população reclusa?</p> <p>Acha que a escola pode contribuir para a reinserção social dos reclusos?</p> <p>Considera que são os</p>	<p>Perceber quais as propostas para ocupar o tempo e a sua receptividade.</p>

		<p>técnicos, ou outros intervenientes que incentivam os reclusos a frequentar a escola ou são os reclusos que se auto-propõem ?</p> <p>Para além da educação formal, considera que a educação não formal pode ter um papel importante em contexto prisional? De que forma?</p>	
Finalização da entrevista	<p>Entender se o entrevistado pretende acrescentar mais alguma informação;</p> <p>Agradecer a disponibilidade.</p>	<p>Deseja acrescentar mais algum aspeto que não tenha sido referido?</p>	

Anexo 9

Entrevista a Técnica Superior de Reeducação 1

Entrevistadora – Para o desenvolvimento das atividades socio culturais e desportivas são necessários espaços, como caracteriza a prisão a nível de espaços?

Entrevistada 1 - A nível de espaços de utilização?...Hum, espaços existem! Existem na minha opinião, penso que deveria existir no interior da zona prisional ou existir aquela passagem do interior da zona prisional até ao pavilhão que fica no exterior, mas essa é uma questão mais relacionada até a nível de segurança e de ordem. Mas espaços destinados há prática dos exercícios das atividades desportivas existe e até é um bom espaço para ser utilizado para esse fim, as instalações estão um bocadinho degradadas, precisavam de uma remodelação. E, os utensílios, os aparelhos, isto no caso do desporto, por exemplo, que é o que existe, e existe um pavilhão para esse efeito, o que acontece é que o próprio pavilhão está muito degradado e os próprios aparelhos também..

Entrevistadora – E relativamente a tempos disponíveis que não prejudiquem o regulamento, ou o regular funcionamento da prisão?

E1 – Na minha opinião, penso que o que falha aqui neste estabelecimento tem a ver com os poucos postos de trabalho, acho que deveria de haver mais postos de trabalho, também a nível do ensino penso que embora seja uma população reclusa com baixo nível habilitacional, penso que também deveria ser importante haver o ensino secundário, o que não existe. Isto é muito por disparidades, ou seja, há os reclusos que são pouco letrados, por exemplo, o EBAF1 está cheio, o EBAF2 tem menos. Os reclusos que tem um pouco mais de habilitações não têm forma de se ocuparem, outra coisa que era importante, era e a existência de mais cursos de formação profissional. Sendo reclusos com nível habilitacional baixo são muito mais motivados para as questões práticas de um curso de formação que lhes dê uma certificação profissional no exterior, do que propriamente estar a aprender a nível académico e a nível habilitacional, na minha opinião seria uma mais-valia cursos de formação profissional, curso de pedreiro, de canalizador, coisas que eles quando saíssem...(pausa), porque para além de ser uma população com um nível habilitacional que não é muito

alto...(pausa). Eu acho que um jovem que não tem nenhuma certificação profissional, acho que seria uma mais valia, acho que estes aspetos seriam muito importantes para ocuparem os reclusos, mais postos de trabalho...(hum), acho que passa por aí, hábitos de trabalho que não têm, cursos de formação profissional para quem não tem nenhuma prática profissional e vir a adquirir essa qualificação profissional que não têm.

Entrevistadora – Na sua opinião como acha que eles ocupam o tempo?

E1 – O tempo está ocupado pelo ensino, nestes vários níveis habilitacionais. Trabalho!...(pausa) nos postos como faxinagem. O desporto agora está parado. Está a decorrer o curso de formação profissional, de canalizador, que iniciou agora em Abril, no início do mês, mas fora isso não há mais, quer dizer...(pausa) através do ensino, há agora a atividade do teatro, que também alberga os reclusos, alguns quinze. Fora isso não há muito mais diversidade.

Entrevistadora – Acaba por ocupar quantos reclusos mais ou menos?

E1 – Ora bem...(pausa) temos o curso com quinze reclusos, que não são os mesmos que estão a trabalhar porque fizemos questão que os reclusos tivessem a mesma oportunidade de estar ocupados, por isso os que estão a frequentar a formação profissional estavam inativos. Depois temos à volta de quarenta e cinco postos de trabalho, incluindo o RAI, com dez reclusos, ou seja anda a volta de uns trinta e cinco cá dentro na zona prisional distribuídos pelos vários sectores. Depois na escola iniciamos o ano escolar com cem reclusos, e agora já não temos esses cem. Temos menos.

Entrevistadora – Quantos? Metade?

E1 – Sim. Com tendência para cair há medida que o tempo vai avançando. Mas devem estar ocupados uma média de sessenta reclusos, mais ou menos.

Entrevistadora – Nem metade da população!

E1 – Sim, nem metade da população. É difícil, porque, eles até são muito motivados, motivam-se com coisas práticas, eles motivam-se muito com a questão da prática da coisa. Depois por exemplo, o ensino recorrente é uma grande emoção porque é o ícone do início, mas depois vêm que aquilo é um pouco mais do mesmo e depois vão desistindo à medida que o ano curricular vai andando, pronto!...(pausa). Acaba-se para

ai com uma turma com cinco reclusos quando de inicio se começa para ai com dezasseis, ou vinte.

Entrevistadora – Pois, eles acabam por não ter esse hábito de estudar, e ...(pausa).

E1 – (...) Depois também depende, muitos se questionam o que de futuramente o que é que aquilo lhe vai dar, porque eles depois começam a pensar, eles no inicio estão ocupados e tem um horário e vão lá, vão ter com os professores e não sei o quê...(pausa) mas depois começam a desmotivar e começam a surgir todas as questões que estão por detrás, “o que é que eu vou utilizar, quando sair em liberdade, não é o ensino que me vai dar um trabalho lá fora”, e depois desistem. A questão é essa!

Entrevistadora - Considera que a ocupação do tempo na prisão é relevante para a integração e reinserção do recluso na sociedade?

E1 – Sem dúvida, eu acho que a ocupação, não é ter os reclusos ocupados por estarem ocupados. Eu acho que acima de tudo a reinserção passa por trabalho, trabalho e certificação profissional, no entanto esse tipo de Projeto ajuda-os a descobrirem outras valências, e sempre é uma forma de descontração. Certificação profissional do carpinteiro, do canalizador, de um multifacetado, do tipo que tapa umas fendas nas paredes, acho que passa por ai, não passa nem pela escola...(pausa) mas se concilhassem as habilitações académicas com a certificação profissional, seria neste caso, excelente! A habilitação académica só por si, acho que não, e o resto é brincadeira. O resto é para ocupar o tempo, o desporto é mais uma ocupação para passar o tempo. A reinserção social pouco peso tem, acho que passa efetivamente pelo trabalho. Pelo trabalho, criar hábitos de trabalho, levantar cedo e deitar cedo, cansar-se. Eu acredito e tenho o pelouro do trabalho, e assim, quando vejo que há vagas, quando há a possibilidade de pôr mais um recluso, eu faço questão de pôr, ou quando é para o RAI, se o homem tem condições, porque não há de ir...(pausa) e proponho.

Entrevistadora – Considera que a prisão tem condições satisfatórias a fim de assegurar o bem-estar físico e psicológico do recluso?

E1 – No desporto, vem a descarga do psicológico, também acho que é importante os hábitos de vida saudável, sem dúvida que o desporto é importante, faz parte, é importante também como descarga psicológica porque eles estão aqui sobre grande tensão, são os problemas externos, são os problemas internos, a nível jurídico, é a cantina, são os produtos que não têm, e acho que o desporto é importante é nessa

vertente lúdica. E tudo o resto que sejam atividades de ocupação de tempos livres, atelier de artes, biblioteca, acho que é importante é nessa perspetiva lúdica, psicológica da descarga emocional. E da tensão que eles têm diariamente, é importante.

Entrevistadora – Considera que a prisão pode ser um espaço de partilha de saberes entre eles?

E1 – Por exemplo, há um recluso que se chama Paulo que participou num atelier de artes, e que ao fim de algum tempo já tinha três reclusos que já andavam atrás dele, para ele lhes ensinar a pintar. Eu lembro-me de ir lá atrás e dizer-lhe “Então Paulo, como está?” e ele responder: “Então doutora! o não sei das quantas não tem muito jeito mas ele está motivado”. E eu acho que são estes aspetos positivos que se tem que se ir buscar e criar espaços para que isto surja, porque se não existirem estas atividades, não surgem. Não é no pátio e no recreio que vão surgir, por exemplo tem que haver uma coisa base, uma atividade base para que depois todo o resto surja e flua convenientemente. Por acaso esse foi engraçado, porque a determinada altura, não era só o Paulo, também estava lá o Vítor que estava nos arraiolos, e ele não tinha jeito para os arraiolos, mas ele esforçava-se. Mas o interesse nem era estar a fazer corretamente, o interesse era ver a motivação deles, aquilo nem era o arraiolos verdadeiro, mas se eles estavam empenhados numa coisa, estavam! Estavam a fazer aquilo com motivação, se estava a retirar alguma coisa positiva, estava! E depois era engraçado estava lá...(pausa) porque a determinada altura o Vítor já tinha uns três ou quatro seguidores, tanto que eles fizeram um tapete tão grande de um outro recluso que se foi embora e estava lá o Alfredo, aquilo eram cerca de uns quinze e pegavam todos no mesmo tapete ...(risos).

Entrevistadora – Engraçado!

E1 – Um fazia, o que tinha assim mais jeitinho fazia os desenhos, os contornos e as contagens. Eu não percebo nada do arraiolos, mas aquilo estava bonito.

Entrevistadora – Acabam por se ensinar uns aos outros?

E1 – Exatamente, estavam a transmitir o conhecimento, se aquilo era realmente o ponto de arraiolos e podia ser vendido como arraiolos, não! Mas era, o final estava bem. O produto final, eu acho que era positivo para eles, sim eu acho que o atelier das artes foi uma pena se ter perdido. Não só porque quanto mais eles estiverem ocupados e fora do pátio e dos espaços comuns, melhor...(pausa) porque há reclusos e reclusos! ...(pausa) e há reclusos que passam e irão passar aqui a vida toda, e há outros que isto é só uma

passagem. E, é aproveitar esses que é só uma passagem, e retirar os aspetos positivos desses.

Entrevistadora – Atualmente que tipos de atividades têm em funcionamento para ocupação do tempo dos reclusos?

E1 – Temos o ensino, temos a biblioteca, a utilização da biblioteca é através de requerimento, ou seja, está criado um grupo que funciona na biblioteca às quintas, acho que é importante e foi uma sugestão que fiz a Sr.^a Diretora de criar um espaço. Uma manhã na semana para aqueles que tivessem realmente interesse autêntico em ir folhear e passar algum tempo a ler e fora mais uma vez do recreio. A utilização da biblioteca é feita através de requerimento, eles fazem o pedido dos livros que pretendem através da consulta de um catálogo que está na zona prisional, e assim tem o acesso à biblioteca, claro que o acesso à biblioteca devia ser feito de uma forma diferente...(pausa). Depois há o trabalho, há o espaço dentro do ensino desenvolvido também pelos professores, há a oficina do teatro, e há a banda do hip-hop.

Entrevistadora – Isso, em contexto escolar?

E1 – Não, aquilo foi uma parceria, foi uma ideia que eu tive com alguns reclusos que eu atendi que tinha jeito para cantar. Nomeadamente o Anastácio, e na altura era também o Rui que eram os reclusos que eu seguia, e há semelhança do que acontecia anteriormente que havia o festival inter cadeias. Achava mal não haver uma banda ou um grupo do Montijo, cujas características aqui do EP do Montijo que é muito à base do hip-hop, música de bairro...(pausa) então falei...(pausa) como não tenho muita disponibilidade, falei com a professora Cristina, dei-lhe os nomes dos homens que achava e que considerava que era importante. Havia alguns reclusos que participavam em bandas na rua, achava que também deveria ser importante para uma banda no EP, um grupo de hip-hop era interessante fazer com a ajuda do Celestino na parte do kizomba junto com o hip-hop, e consegui-se! Depois o Telmo tinha algumas gravações feitas no exterior, as quais eu ouvi também. Dei os nomes à professora Cristina, e professora Cristina é que está a desenvolver esse projeto da banda do hip-hop, eu achava interessante ter-se tempo para isso tudo, pois todos os EP têm uma banda, e o Montijo não ia ter porquê? De hip-hop faz todo o sentido.

Entrevistadora – Que objetivos tem subjacente para ter a população prisional a participar nessas atividades? Qual é o objetivo quando se incentiva os reclusos a participar?

E1 – Eu falo por mim, o meu principal objetivo é eles estarem tranquilos, estarem tranquilos e ocupados, e motivados com alguma coisa, que não seja apenas a vida encostada na cadeia, ocupados com a mente fora, na minha opinião, acho que é isso que é o mais importante.

Entrevistadora – E eles aderem e participam nas atividades com facilidade?

E1 – Aderem... e mais houvesse! E não só aderem, como são atividades de grande adesão como o hip-hop, mas pronto. Tem muito a ver a influência do bairro. Mas depois também há aquela motivação, por exemplo dos cartões, do postal. Muitos deles depois de estarem aqui presos é que criam e fortalecem os laços familiares que têm em falta, mas pronto tudo o que seja exterior, bem articulado e consistente eles aderem facilmente, tanto aderem com coisas que se identificam à partida como aquelas que quase nem lembra a ninguém e eles aderem na mesma.

Entrevistadora – Com que dificuldades é que confrontam na organização e execução dessas atividades?

E1 – A dificuldade maior é eu não ter capacidade para supervisionar tudo que acho que deveria ser supervisionado, porque acho que é assim, nós neste EP temos as mesmas atividades que um EP tem com cinco ou seis técnicos. Obviamente dá-me imenso gozo criar o atelier, era uma frustração imensa não o poder supervisionar, dá-me imenso gozo dar os nomes à professora Cristina dos homens, mas não me dá gozo nenhum quando ela me diz para aparecer na sala dela, e eu não posso ir porque tenho que ir para atendimento devido a ter entrado algum homem. A questão é esta, não se pode estar em todo o lado, e depois há coisas que não tem o objetivo e seria expectável, por falta de supervisão, por falta de estar lá, e eles cobram isso. É assim, eu tenho um jornal e o jornal está praticamente em autogestão, o jornal do EP está feito o primeiro número, e pronto!...(pausa) na altura eu tinha o Rui, o Embalo e o Vieira, eram três jornalistas, depois também ali com a ajuda do recluso da biblioteca, ele também conseguia escrever bem. Saiu o primeiro número, o Embalo já tinha participado num jornal quando estive na casa do Gaiato, porque o Rui também já tinha participado no jornal do bairro, estava tudo muito motivado. Fez-se o primeiro número, e ainda não saiu, não foi palpável.

Pronto...(pausa) depois houve esta paragem, e quando ia a atendimento era sempre questionada, “quando é que sai”, “quando o podemos ver”. Tinha que lhes dizer que ia com o tempo, que tínhamos de arranjar uma forma de como é que íamos imprimir, para eles poderem folhear, terem conhecimento do que é que consta lá no jornal. É que eles depois exigem, porque eles sabem, supervisionam todos os nossos movimentos, e muitas vezes sou questionada pelos reclusos da biblioteca quando é que passo por lá.

Entrevistadora – Eles gostam e sentem-se bem quando alguém se interessa pelo trabalho que fizeram ou estão a fazer.

E1 – Gostam de ser reconhecidos, ainda para mais quando o fazem bem. Porque uma coisa era, eu estar ali ao lado e dizer “ bom texto”, ele brilhava, ele inchava. Depois é do género, disse-lhe que era um bom texto, mas não há forma de sair, ficam muitas vezes com dúvidas se fizeram algo de errado. Depois eu penso que isto é quase um bocado cadeia, se eu estou motivado, eu acabo por motivar os outros, se eu estiver lá a supervisionar, se tiver tempo para lá estar, não há um único que me escape, que abandone a atividade. Eu já vi...(pausa) porque no atelier, eu tinha menos reclusos, porque eu estava com os preventivos, tinha cinquenta reclusos que não era nada, e então dava mais do que tempo para ir para lá e estar lá com eles, conversa puxa conversa, o estar ali, eles sentirem que é para alguma coisa.

E1 – Se sentirem que estão ali só, porque eles são muito espertos, não é só para estarem ali a ocupar tempo, desmotivam-se muito.

Entrevistadora – Normalmente, os reclusos mostram-se recetivos a novas propostas?

E1 – Todas, tudo o que for de práticas, que não sejam muito complexas. Porque, eu acho que também varia de população para população, há aquela população mais elaborada do sistema prisional. Aqui no Montijo passa tudo pelas questões práticas, muito objetivas, muito práticas, muito de vir um resultado rápido, mexer em utensílios, estarem ocupados. Há outros que gostam de coisas mais elaboradas.

Entrevistadora – Como eu tinha falado anteriormente com a senhora, em conversa informal, na conceção do projeto que estou a desenvolver, acha que este tipo de iniciativas se pode contribuir para a ocupação do tempo e que tipo de aprendizagens é que podem ser retiradas?

E1 – Eu acho que podem contribuir, é a tal coisa, é uma questão de ocupação de tempo. Porque é assim, a ocupação de tempo da qual não se tira coisa nenhuma, ou então

fazemos atividades onde se ocupa tempo e trabalha-se determinadas coisas, que eu acho que não é um efeito terapêutico, porque não é, mas que eles aprendam e que aquilo seja uma mais-valia para serem utilizados cá fora. Eu acho que isso é que faz realmente, isso é que é realmente importante e o acompanhamento, acho que sim, acho que acompanhamento por um técnico. Acho que é muito importante o técnico estar lá para conseguir mostrar determinadas coisas na elaboração de um desenho, se a coisa não ficou muito ...e lembro-me do Nuno, o homem não tinha jeito para o arraiolos, nem há lei da bala, estragava telas que aquilo era uma doideira. Não sei o que o homem fazia com a tesoura, sem jeiteira nenhuma. Da primeira vez que ele fez realmente uns pontinhos jeitosos, eu até lhe disse que era brilhante. Tem que se puxar, não é pela autoestima, porque isso também não é o mais importante, mas pelo menos na tentativa e no erro é que as coisas funcionam, que eles fiquem com isso, pois não é por falhar que vão falhar sempre.

Entrevistadora – Qual é importância da escola no dia-a-dia da população reclusa?

E1 – É importante. Agora acho que não é o mais importante. As habilitações literárias sem dúvida, atendendo há população reclusa acho que acima de tudo passa pelo trabalho e pela certificação profissional. Uma mais-valia, seria a habilitação literária, o nível habilitacional associado a uma certificação profissional, ai acho que seria estupendo, não é. Sendo só ensino puro e duro, leva há desmotivação, por isso é que nos começamos com cem reclusos no início do ano e acabamos para ai com uns quinze e as professoras a dizer para lhe levarmos mais.

Entrevistadora – Como se desenvolvem as atividades na prisão? Essas atividades são da iniciativa do próprio grupo ou são propostas por terceiros?

E1 – Já estão instituídas. Há atividades que já estão instituídas, mas há do género competências, por exemplo, se há dois ou três reclusos que sabem cantar, porque não criar um grupo de hip-hop, foi como surgiu o grupo de hip-hop. Há um por exemplo que nós temos ai que fazia parte de um grupo de teatro do EP Sintra, que o tipo até ia ao exterior e apresentava peças de teatro, porque não integra-lo e fazer a atividade de teatro.

Entrevistadora – São sempre eles que se propõem?

E1 – Sim, são sempre eles que se propõem. Às vezes é do técnico, quando foi do atelier das artes...(pausa), após queixas de estarem pouco ocupados, e perguntei o que sabiam

fazer. Houve um que respondeu que sabia desenhar muito bem, perguntei-lhe se não queria ter um espaço para desenhar, para partilhar com mais colegas mas onde você estivesse com as suas coisas a desenhar. Respondeu logo que estava interessado em frequentar o atelier das artes. Conforme conhecemos o recluso também o conseguimos orientar e direcionar para desenvolver as competências e capacidades que eles já têm....(pausa).Lembrei-me agora de uma atividade que vieram cá uns pássaros.

Entrevistadora – Quanto tempo durou essa atividade?

E1 – Não foi uma grande atividade, foi uma professora que convidou um senhor que têm aves de rapina e trouxe-nos cá algumas para os reclusos que frequentam a escola conhecerem.

Entrevistadora – Então...foi através da escola...muitas das atividades são elaboradas pelos professores?

E1 – Sim, sim, algumas foi através de professores. Também recebemos aqui a visita daquele escritor, do Miguel Horta, essa atividade foi proposta por aqui. Quando há ações de sensibilização para algum tipo de doença fazemos questão de convidar algumas enfermeiras ou alguém especializado na área para lhes dar as palestras. Quer dizer, há coisas que são propostas por nós, pois nós também no atendimento há medida que vamos conhecendo o recluso, planeamos e começamos a delinear percurso dele, se o homem tem boas capacidades pode ser aproveitado aqui e ali.

Entrevistadora – Considera que os técnicos incentivam os reclusos a frequentar a escola ou são eles que se auto propõem?

E1 – Há determinada altura em que depois os técnicos é que determinam.

Entrevistadora – Os técnicos acabam por ter de intervir...de que forma?

E1 – No início, a escola está cheia, não há lugar para mais ninguém. Depois temos que ser nós a questioná-los acerca do que se passa com eles, porque não irem à escola, muitos respondem que tem problemas lá fora, eu digo-lhes que assim ficam com dois problemas. Depois é expulso da escola porque não vai, ou a vaga é preenchida por outro, e assim fica com dois problemas, fica desocupado e fica com os problemas lá fora na mesma. Digo-lhes que não resolve e eles lá continuam a ir à escola. Há alguns em quem esta conversa não pega.

Entrevistadora – Deseja acrescentar mais algum ponto que ache que não foi abordado aqui?

E1 – Não, penso que foi tudo tido.

Entrevistadora – Agradeço o tempo disponibilizado.

Anexo 10

Entrevista a Técnica Superior de Reeducação 2

Entrevistadora - Para o desenvolvimento das atividades socioculturais são necessários espaços adequados, como caracteriza a aqui o estabelecimento a nível de espaços?

E2 – Eu acho que a prisão a nível relativamente ao espaço, tem um espaço que é aceitável. O espaço da escola tem um espaço que é aceitável, a biblioteca também tem um espaço agradável, e portanto esse ponto de vista acho que esta bem a nível de estruturas. A nível da formação profissional, agora com a criação de um novo espaço lá em cima também se afigura minimamente aceitável. Eu acho que os espaços aqui no que se refere as atividades escolares e formativas têm uma vertente positiva.

Entrevistadora – E para desenvolver outro tipo de atividades?

Entrevista 2 – Agora para...(pausa) poderíamos necessitar por exemplo de um espaço para outras atividades, necessitaríamos de uma outra sala para desenvolver espaços de pintura. Se tivéssemos cá um monitor, também outro espaço de tapetes de arraiolos. E nesse ponto de vista as estruturas não dão resposta às nossas solicitações que às vezes gostaríamos de ter.

Entrevistadora – Por exemplo, um espaço para um grupo de teatro, um grupo de dança?

E2 – Um grupo de teatro pois só utilizando a sala de visitas, de contrário neste momento não temos espaço porque as atividades ocupam todos os espaços.

Entrevistadora - Mas a sala de visitas durante a semana acaba por estar disponível, ou não?

E2 – A sala de visitas durante a semana acaba por estar disponível, o único senão será a disponibilidade do serviço de vigilância, que devido ao número reduzido dos recursos humanos muitas vezes poderá condicionar as atividades. Seria melhor se tivéssemos um outro espaço, um espaço para teatro, de dança, na zona de atividades escolares. Não havendo, o fundamental aqui era se nós tivéssemos essas atividades e nem sempre é possível. Nós tentámos que viesse cá o grupo dos alcoólicos anónimos, não pelo espaço, não pela falta de recursos humanos, mas porque os senhores começaram a beber álcool,

foi o problema com os próprios formadores. Assim a iniciativa caiu por terra. Mas de qualquer forma se calhar o espaço, aquele espaço da sala de visitas para os aspetos formativos está por vezes desaproveitada porque nós os técnicos não temos capacidades de dar resposta por vezes às solicitações que gostaríamos de ter eventualmente, mas como somos poucos é muito difícil fazer o que gostaríamos.

Entrevistadora – Como é que os reclusos ocupam o seu tempo? Como é o seu dia a dia?

E2 - Aqueles que têm interesse em estudar estão ocupados na escola, os outros que não têm interesse nenhum ficam nas celas naturalmente, não querem nada, não tem atividade nenhuma. Alguns preferem ler, mas são muito poucos, a quantidade de reclusos que requisitam livros é muito diminuta. Portanto, a maior parte deles ficam quase inativos. Temos ainda os faxinas, mas o trabalho é pouco, os postos de trabalho são reduzidos, e portanto muitos deles ficam abertos, quando tem que ficar abertos, mas inativos.

E curiosamente, aqui dá-se uma situação engraçada que é assim, vejamos no ensino, inscreveram-se 108 reclusos para a escola, foi uma complicação pois não tinha pastas para todos. Inscreveram-se os 108, neste momento se for no seu conjunto quarenta já é demais. O que é que eles alegam, já foram todos chamados, alegam que os conteúdos escolares não respondem aos interesses, portanto os conteúdos escolares são poucos atrativos para muitos deles. Muitos dos professores tentam motiva-los e eles não respondem, temos alguns reclusos que já falamos com eles mais que uma vez, mas eles continuam sem ir.

Entrevistadora- Considera que a ocupação do tempo na prisão é relevante para a integração e reinserção dos reclusos na sociedade? E de que forma?

E2 – Ora bem, eu considero que a integração deles nas atividades é muito importante sobretudo profissional, é uma ferramenta que eles aprendem, que adquirem e que eles podem utilizar quando forem para a rua. Continua a haver o estigma de estar preso, isso é um fator inibidor de avançarem. O rótulo de alguém que esteve preso na sociedade é um fator de segregação social. E portanto muitas vezes, as certificações que eles têm, e ainda bem que assim é, não está lá mencionado que estiveram presos...(pausa), isso é importante! Eu considero que nesse ponto de vista é importante, é fundamental para as pessoas adquirirem aqui formação, para se conseguirem enquadrar, mas lá fora também

não está fácil, há muita falta de emprego, muitos também tem o problema da falta de hábito de trabalho, o meio social onde eles se vão inserir. Mas eu continuo a achar que o que eles poderem aqui adquirir na cadeia a nível formativo escolar ou profissional dá-lhe algumas ferramentas para quando eles saírem em liberdade...(pausa) é que as portas na rua estão fechadas. Humm....(pausa) O problema é quando eles não têm portas, devia de existir casas de saída, para quando eles saíssem daqui e não tem trabalho, não tem emprego, conseguisse ser apoiado pela DGRSP no sentido dos primeiros meses, abrir-lhe uma janela, dar-lhes enquadramento, conseguir fazer formação, ampara-los, ajudá-los. Nós temos uma instituição que funciona, que “O Companheiro”, que é muito pequena, mas isso é uma gota de água, para aqueles que não tem apoio, não tem família, torna-se muito difícil.

Entrevistadora – Considera que a prisão tem atividades sociocultural e desportivas satisfatórias a fim de assegurarem o bem-estar físico e psíquico do recluso, mais no sentido lúdico?

E2 – Neste momento não temos atividades desportivas, agora é uma falha dos serviços.

Entrevistadora – Atualmente, não há atividades desportivas?

E2 – Não temos atividades desportivas, socioculturais também neste momento, não há cursos, as verbas são cada vez menos, não há empresas que tenham acordo com a DGRSP, que possam vir cá a implementar e desenvolver algumas atividades. Imagine que nós tínhamos alguém para vir cá fazer desporto, desporto específico. Aprender música por exemplo, não havendo verbas, o voluntariado a esse nível é muito complicado. É muito complicado e não querem vir, e portanto considero insuficiente.

Entrevistadora - Mas considera que a prisão pode ser um espaço de partilha de saberes e competências entre eles?

E2 – A prisão pode ser e deve ser um espaço de partilha e de aprendizagem, estou a lembrar-me de reclusos que trabalhavam no atelier de artes, descobriam saberes novos nas artes que eles nem sabiam, nós às vezes temos competências que nem sabemos, que desconhecemos, têm que ser fomentadas, desenvolvidos, trabalhadas. E isso pode ser uma mais-valia para eles. Pois nesse ponto era positivo que houvesse.

Entrevistadora – Como por exemplo um saber pintura e ensinar aos outros, por exemplo?

E2 – Exatamente. Por vezes seria muito interessante, eles partilharem esses saberes.

Entrevistadora – Atualmente que tipo de atividades têm em funcionamento para ocupar os reclusos?

E2 – Escolares e profissionais...(pausa) profissional já não! Terminou agora um curso de formação profissional, e vai haver um outro que será de serviço de mesa com a duração de 800 horas. Seria para começar em Julho. Nós pedimos sempre muitos, mas não nos dão. A formação enquadrasse num plafom da DGRSP, e não se pode sair dali. Tão simples como isso, e a partir daí não é possível avançar.

Entrevistadora – Tenho conhecimento que existe um grupo de teatro, esse grupo de teatro é só para os alunos que frequentam a escola ou está também aberto aos outros reclusos?

E2 – Esse grupo de teatro começou por ser...(pausa) e é, com alunos só da escola, porque alguns que já frequentavam as aulas e foram selecionados. Foi afixado para todos os outros reclusos que não tinham atividade que se inscreveram e desistiram, mas isso é a parte teórica. Depois vamos mais para a parte prática, se calhar a eles não lhe interessa a parte da história do teatro, o que é o teatro, o que é vestir o papel do ator, portanto eles não tem essa cultura de vestir o papel do outro. Dificilmente eles conseguem chegar lá, isso ai tem que ser trabalhado, essa parte foi um bocadinho mais monótona, mas aí as professoras conseguiram-lhes dar a volta, e o teatro é um espaço onde eles gostam de estar e estão interessados em fazer essa peça. Agora neste período já alguns pediram para frequentar o teatro, mas agora já não dá porque a peça está no fim. Eu tentei falar à Dr.^a Graça no ano passado, porque é que nós não trazíamos cá um ou dois grupos de teatro, ligamos para Almada, para o grupo de teatro de Almada, para o grupo de teatro do Seixal, para Setúbal, mas eles querem dinheiro para as deslocações, pelas atuações. Voluntariado ao nível do teatro, eu não conheço nenhum grupo.

Entrevistadora – Atualmente que tipo de atividades é que têm em funcionamento para a ocupação do tempo dos reclusos?

E2 – Atualmente temos a escola, que está a acabar, e as atividades letivas inerentes a ela. Temos a biblioteca, o desporto está parado. Tínhamos o teatro que já acabou, pois estava inserido na escola, que não era só para os reclusos que frequentavam a escola, pois tínhamos os reclusos que frequentavam o atelier de teatro que não andavam na

escola. Basicamente o atelier de teatro foi sobretudo vocacionado para os reclusos que frequentavam a escola.

Entrevistadora – Então neste momento as atividades estão paradas porque não há escola?

Entrevistada – Nas atividades temos a formação profissional também, só que não é vista como atividade. Não é vista como uma atividade de aprender a pintar uma tela, fazer um sapato com tiras de papel, isso era considerado um atelier. Mas não temos espaço, nem temos essa vertente agora.

Entrevistadora – E que outros tipos de atividades é que já apresentaram anteriormente referente aos reclusos?

E2 – Já tivemos outras atividades. Tivemos cá um atelier de artes, tivemos tapetes de arraiolos.

Entrevistadora – E esse atelier de artes funcionou?

E2 – Esse atelier de artes teve um espaço que atualmente está ocupado pela sala dos professores, nesse ano só tínhamos aulas de dois cursos de EFA B1 e EFA B2. Este ano esse espaço está ocupado visto ter também um curso de EFA B3. E também tem que haver um monitor que ensine aos reclusos a pintar uma tela, a fazer um quadrinho pequenino. Portanto essas atividades passavam pela disciplina de educação visual. As disciplinas de educação visual acabaram nas escolas para os cursos que estão aqui implantados, e portanto, pintar uma tela só por curiosidade não chegamos a lado nenhum e daí não termos conseguido avançar com isso. Também não há curso de arraiolos, porque também não temos espaço.

Entrevistadora - Essas atividades estavam também no contexto da escola?

E2 – Não. Havia essa componente mista, havia uma turma associada à escola EFA B2, e depois havia também aulas onde as professoras nos tempos livres delas vinham cá dar dicas aos reclusos que não frequentavam a escola, e não recebiam mais por isso. Relativamente aos arraiolos, havia uma verba paga pela escola, neste momento isso não se coloca. A escola não tem verbas para pagar aos professores, e nós EP não temos possibilidades de pagar essa deslocação, esse tempo que eles vêm cá. Contatamos também um professor para aprendizagem de música, digamos um atelier de música, mas não houve disponibilidade, nesse caso foi a Universidade do Barreiro, mas tínhamos

que pagar ao monitor, ao professor e música uma verba por cada deslocação, o senhor queria 50 euros para vir cá por dia, hora e meia. Está fora de questão, porque não temos verbas nenhuma para pagar porque ele como voluntário não vinha, portanto tínhamos que lhe pagar 50 euros por hora e meia, mais os transportes, 100 euros por dia não dá. Entretanto também pensamos em fazer um grupo de dança, patrocinado pelo ginásio Valbom coma participação de dois professores, também se zangaram com o ginásio. Contatamos também com outra senhora que veio cá uma vez, que se disponibilizou a vir cá a fazer algumas tarefas, e depois nós dissemos-lhe o que queríamos, nomeadamente queria vir fazer exposição de filmes e comentar com os reclusos no final das secções ou no princípio das secções os filmes que iam ver, falar dos artistas, do contexto onde o filme tinha sido feito. Disse que vinha, depois também sugeriu que poderia vir cá também ensinar, fazer um pequeno curso sobre a dinâmica do riso, acabou por ficar mal disposta e depois acabamos por não termos resposta atempada dela, pois ela estava desocupada e entretanto arranjou um trabalho e não foi possível vir. Uma coisa é vir voluntariamente um dia, outra coisa é vir sistematicamente e fazer secções, agora todas as segundas feiras, falar com os reclusos, como monitora ter que estudar quem é artista que vai falar, qual o contexto onde foi filmado. E as pessoas quando tem trabalho, tem outras atividades no exterior já dificilmente vem cá depois.

Entrevistadora – Que objetivos tem subjacentes quando se motiva a população prisional em atividades.

E2 – Os objetivos que temos são eles adquirirem mais competências escolares e profissionais, e às vezes também descobrir umas competências que eles desconheçam, mas que possam ter nomeadamente por exemplo pintura, às vezes há reclusos que desconheciam que sabiam um pouco de pintura. Agora não há tapetes de arraiolos, mas também havia alguns que tinham jeito para os arraiolos, e portanto esse é um dos objetivos. Os objetivos principais são que a população reclusa adquira mais competências no sentido de lhes facilitar de certo modo o enquadramento na sociedade com mais competências escolares e profissionais, por exemplo.

Entrevistadora – Qual é a participação ou adesão por parte dos reclusos nesse tipo de atividades.

E2 – É boa. É uma adesão boa, participam bastante. E houve já reclusos que descobriram que tinham capacidades com as quais não estavam a contar.

Entrevistadora - Com que dificuldades se confrontam na organização das atividades junto dos reclusos?

E2 – Muitas vezes falta de apoio logístico, digamos assim. Não havendo dinheiro, não havendo verbas para custodiar compra de materiais, caí por base muitas vezes o que por vezes queremos fazer. Nomeadamente muitas vezes por exemplo este ano não temos dinheiro para a compra de materiais para a escola. Então ainda que haja vontade de alguns patrocinadores, por exemplo aqui o supermercado Modelo, esbarram com a contenção que estão a sofrer. Neste ano letivo, nós teremos cerca de cem reclusos inscritos na escola. Vamos necessitar de pelo menos cem pastas, não temos dinheiro para as comprar. Portanto um dos grandes objetivos é a falta de verbas para adquirir materiais, escolares especificamente, mas também para outras atividades. Para outras atividades lúdicas, até aqui a DGRSP mandava comprar produtos para as atividades desportivas, escolares, para a biblioteca. Caí tudo por terra, não há dinheiro nem sequer para comprar meias, cuecas, lápis, canetas, não há dinheiro para nada e portanto caí por terra tudo. Mesmo por muita vontade que exista, que nós queiramos fazer, assim não se consegue. Por exemplo, os postais de Natal, umas vezes não há cartolina, muitas vezes tenho que comprar eu ou a professora Cristina, mas depois os materiais faltam. Não há latas de tinta, não há assim materiais mais específicos. Sendo assim, é muito difícil fazer alguma coisa, assim é muito complicado. Agora houve o atelier de teatro, foi necessário tecido branco, eu por acaso tinha um lençol e trouxe-o para aqui.

Entrevistadora – Podemos concluir que os materiais utilizados aqui acabam por depender da boa vontade de um e de outros?

E2 – Praticamente. Os professores juntaram-se e compraram os materiais que foram necessários para o teatro, nomeadamente, as vestes dos atores, eu tinha esse tal tecido branco que trouxe, portanto só com muita boa vontade é que se consegue fazer algo.

Entrevistadora – Claro.

E2 – É naturalmente muito complicado avançar com alguma coisa. Assim é muito complicado avançar com o quer que seja. Por exemplo a nível dos cartões para os reclusos, os cartões de telefone para os reclusos neste momento também não há cartões. Tivemos que engendrar aqui um esquema, que não é aquilo que está estipulado, mas foi uma forma que se conseguiu arranjar para dar a volta ao problema. Agora é assim, a

nível de materiais, por exemplo, por vezes queremos desenvolver algumas atividades, não há.

Entrevistadora – Como é que desenvolve essas atividades na prisão, essas atividades são da iniciativa do próprio grupo ou são propostas por terceiros?

E2 - As atividades podem ser propostas por exemplo pela DGRSP, do centro de competências que algumas vezes propõem algumas atividades nesse campo, nesses casos trás os materiais. Não sendo o caso, nós podemos desenvolver algumas atividades em parceria com a escola que é a nossa parceira, que é a escola básica Pedro Varela, com qual temos uma boa relação com eles. E fundamentalmente é essa parceria que nós temos, que nós tivemos no passado, que temos tido. Nada mais tem ido além disso.

Entrevistadora – E eles não acabam por propor também algumas atividades?

E2 – Eles sabem que nós não temos dinheiro para nada, que não temos dinheiro para outras atividades. E acabam por não propor, imagine que eles gostavam de ter um grupo de música. Nós compramos tambores, à cerca de uns quatro anos sensivelmente. Compramos os tambores, e gostávamos de ter esse tal conjunto de música, como o Ministério não autorizou esse curso de música, cortou na música, como também cortou as atividades de formação extra, e portanto, é muito complicado, temos os tambores, faltar-nos-ia, por exemplo uma guitarra. Sem instrumentos de música não é possível de avançarmos.

Entrevistadora – E quando existem novas propostas os reclusos mostram assim recetivos?

E2 - Quando existem estas propostas os reclusos mostram-se bastante recetivos, aderem. Normalmente aderem, e poucos são os que não se mostram interessados. Se forem convidados, eles mostram muito interessados e participam, desenvolvem as atividades que lhes são propostas e podemos contar, esse é um aspeto que resulta sempre muito bem, portanto sempre que lhe propomos algo diferente da vida quotidiana eles assimilam muito bem, participam e isso é uma mais-valia para eles.

Entrevistadora – Considera que este tipo de atividades pode contribuir para a ocupação do tempo livre dos reclusos, que tipos de aprendizagem podem ser retirados?

E2 – Sim, pode. Nós gostávamos, e até já falamos com a coordenadora dos cursos que existem cá, da escola básica para formarmos uma equipa de cinema, que eu acho muito

giro, de multimédia. Ora, mas nós depois não temos dinheiro para avançarmos com isso. Eu não me posso esquecer que os computadores que estão na sala computadores, foram emprestados pela escola básica, pois não temos computadores, nem nada que se pareça, os computadores que CPJ se esqueceu aqui, estão fora de prática digamos assim, que se tentou adaptar às necessidades da aprendizagem deles. O professor que nós pedimos, pedimos inclusive ao BES, eu falei com o senhor responsável do BES, ele disse-me que pedíssemos. Mas não obtivemos resposta. Portanto, soubemos que o Jumbo estava a oferecer computadores, e portanto estes computadores que nós temos aqui foram oferecidos à escola, que depois fez o favor de nos emprestar. A DGRSP, não dotou a escola com computadores de modo que fosse possível essa aprendizagem, portanto se não houvesse essas ofertas nós tínhamos quatro computadores. Tudo o que gostávamos de fazer cai por terra, porque não temos condições para adquirir, e assim torna-se difícil de gerir uma situação destas assim.

Entrevistadora – Neste agora acabam por existir atividades, ou seja, a pergunta era esta, para além as atividades desenvolvidas até então, que outras é que poderiam ser desenvolvidas em contexto prisional?

E2 – Que outras? Podíamos desenvolver atividades lúdicas, formativas. Atividades formativas esbarram muitas vezes com problemas de ordem técnica, ou seja, técnica no sentido de não haver resposta para depois efetuar-se o pagamento atempadamente aos reclusos, e nós tivemos um problema complicado. Que era, nós não estamos inscritos como entidade que desenvolve uma atividade, e portanto não podemos passar recibos para o IRS. Esses recibos que os reclusos recebem, e que obrigatoriamente, e que no fundo eles recebem e tem que ter um recibo, tem sido uma carga de trabalhos para resolverem esse problema desse pagamento. Depois também, algumas empresas que temos convidado para virem cá, não querem vir porque não tem encomendas, era uma coisa boa para nós. Estou-me a lembrar de uma empresa que veio cá, de umas senhoras que estavam muito interessadas em colaborar connosco, a Dr.^a Graça e eu tivemos uma reunião com elas. Elas foram falar com o Sr. Diretor Geral, mas não avançamos porque não havia condições para montar aqui máquinas, se calhar, se houvesse alguma sala disponível nós conseguíamos avançar com isso. Mas ainda não foi possível porque não obtivemos uma resposta.

Entrevistadora – Acaba por ser demorada a resposta?

E2 – A resposta muitas vezes é demorada.

Entrevistadora – As pessoas muitas vezes acabam por desistir.

E2 – Sabe um estabelecimento prisional, dito regional, tem alguns problemas de gestão financeira, nomeadamente, porque limitados por um determinado orçamento. E quando não há orçamento não se pode fazer nada.

Entrevistadora – E assim atividades lúdicas, podiam ser desenvolvidas?

E2 – Uma atividade lúdica de que eles gostam, é por exemplo o teatro. Nós temos um grupo, esse grupo quem os orienta é a professora Cristina. Porque, nós técnicos não temos capacidade de os reunir. Outra atividade que fracassou completamente, que é o visionamento dos filmes. Eu fui a responsável por isso. Ora bem, a sala é aberta, os reclusos vão para a sala às três horas, três e um quarto estão a ver o filme. A partir das quatro e meia os homens querem ir-se embora, começam a inventar desculpas para sair da sala. O ideal seria, e fizemos-lhe uma proposta nesse sentido, com uma senhora que era voluntária que ficou de vir cá. O que ela queria era fazermos uma história sobre os atores, tudo o que envolvia essas personagens. Se o filme tem noventa minutos, eles a partir das quatro e meia vão se embora, e não dá para nós ficarmos assim. Essa seria uma atividade que se esteve a pensar, mas que não deu resultado porque eles a partir de uma certa altura arranjavam desculpas para sair da sala. Portanto tinha que ser uma coisa diferente do que estávamos a fazer. A Dr.^a Graça convidou uma senhora que queria fazer aí umas sessões, mas ela foi colocada noutra serviço, mas isso não funcionou, portanto ficou pendente, assim esse projeto da videoteca falha. Nós neste momento, os técnicos neste momento só temos condições para fazer os mínimos dos mínimos, andamos a apagar fogos, não dá.

Entrevistadora – Qual a importância da escola no dia-a-dia da população reclusa?

E2 – Olhe...(pausa) os que chegam ao fim obtém certificado dos cursos que frequentaram, normalmente ficam sempre muitos satisfeitos, é uma mais-valia para eles. Temos uma fraca percentagem de sucesso, pois nós inscrevemos cem, e chegam ao fim, com certificação vinte e cinco, setenta e cinco por cento não acabam. Vão faltando à escola, dizem que o conteúdo não é suficientemente atrativo, dando desculpas. São questionados acerca do porque da sua desistência da escola e alegam que os conteúdos letivos são o suficientemente atrativos, dizem muitas vezes que o conteúdo é antigo. Eu digo-lhes muitas vezes que nem sempre é assim, pois muitas vezes vê filmes e tem coisas atrativas. Mas eles continuam a alegar que escola é uma seca. Tem havido

alguma mudança por parte dos professores para que se consiga atrair mais reclusos e para que não leve à desistência de muitos reclusos da escola. Eles trazem muitas vezes filmes adequados ao contexto da matéria letiva que estão a administrar, mas alguma coisa eles tem que aprender à antiga portuguesa.

Entrevistadora - Alguns professores já estão cá há algum tempo, eles acabam por perceber realmente o que é que os leva a desistir da escola? Tentam mudar alguma coisa?

E2 – Tentam mudar, mas é muito complicado, muitos deles quando estão próximo de julgamento, é impossível motiva-los. Não há volta a dar, outros aparecem porque querem levar um documento por escrito ao juiz a dizer que andam na escola, pois muitos deles querem levar um documento ao juiz a comprovar que está na escola para acompanhar outro em como não tem castigos. Eu continuo a achar que os professores deviam fazer algo para ser talvez mais...(pausa), não sei se será apelativo, agora este ano os que foram para o EFA B2 são quase analfabetos, muito fraquinhos, mas tinham a mania que já sabiam tudo. É muito complicado desmontar essas mentalidades. A grande maioria anda na escola para terem um certificado para levar a tribunal, mas ainda existem alguns que andam com interesse na escola e tem sucesso. Os reclusos que quase não sabem ler nem escrever são mais complicados e desmotivados do que os que tem mais habilitações, não devia ser assim pois eles até necessitam de aprender a ler e escrever melhor, até me atrevo a dizer a dizer, quanto menos habilitações tem, menos motivação têm em aprender.

Entrevistadora - Acha que a escola pode contribuir para a reinserção social dos reclusos?

E2 – Eu acho que sim, quanto mais analfabeto for mais dificuldade eu tenho de encontrar trabalho, eu acho que escola é um meio de exclusão social. Na rua, a escola exclui os menos habilitados quer se queira quer não, pois quantas mais habilitações se tiver, mais hipóteses se tem de ascender na vida, quanto menos habilitações se tiver mais a sociedade o segrega, mais a sociedade os afasta, menos possibilidades tem de progredir na vida. Eu com empregadora ofereço mais depressa um emprego a quem te o 12º ano do que a quem só tem o 1º ciclo. A escola é um filtro que filtra ascensão social das pessoas na sociedade, esta é a minha visão como socióloga. Podemos concluir que a escola é um elemento de segregação social, para mim é uma vertente que passa ao lado que muitas pessoas não percebe mas acaba por assim.

Entrevistadora – A escola ensina determinadas competências para se evoluir, caso não seja adquiridas esse evolução tende a ser mais lenta. Considera que os técnicos da educação ou outros intervenientes incentivam os reclusos a frequentar a escola ou são os próprios que se auto propõem?

E2 – Quando eu atendo que um recluso que entra pela 1ª vez...(pausa) eu falo logo com ele se quer entrar para a escola, incentivos a ir aprender outras coisas. Os técnicos têm estas funções, é desperta-los para escola em si, outras vezes essa vertente não funciona, pois alegam que vão sair, ao fim de pouco tempo acham que temos razão. Este ano acho que praticamente metade da cadeia se inscreveu na escola.

Entrevistadora – Mas há reclusos que se propõem?

E2 – Alguns deles propõem-se, as famílias também os fazem inscrever-se, pois nós também afixamos informações na sala de visitas. A ideia era ter os reclusos que estão inativos, neste caso os que não trabalham e nem frequentam a escola, já que não tem ocupação laboral era tê-los ocupados na escola. No ano passado entre os que trabalham e os que andavam na escola tínhamos quase metade a população ocupada. Isso é uma coisa positiva para nós.

Entrevistadora – A escola, neste estabelecimento prisional acaba por ser o modo como alguns reclusos ocupam o tempo?

E2 – É importante na medida em que eles acabam por sair daqui com mais competências, mas a vertente laboral é um complemento na ajuda familiar. Na medida em que recebem pouco, mas esse pouco é aquele que não pedem a família para lhes dar.

Entrevistadora – Acabam também por adquirir hábitos de trabalho que muitos também não têm?

E2 - Muitos não tem hábitos de trabalho e responsabilidade, na escola parece que não tem nenhum, até parece que tem um compromisso de ir ali.

Entrevistadora – Para além da educação não formal, que é o que temos estado aqui a falar nestas últimas, considera que a educação não formal pode ter um papel importante no contexto prisional?

E2 – Pode ter também, tudo o que seja formativo para dar às pessoas mais competências, acho que é sempre positivo. Ocupa-lhes o tempo, enquanto estão ocupados naquela atividade não estão a pensar em fazer coisas que não devem ser feitas.

Entrevistadora – O espaço existe, faltam meios humanos e materiais?

E2 – Quisemos fazer uma peça de teatro, sondei o grupo de teatro de Seixal, com Setúbal, mas não vieram. Temos pessoas que querem aprender não temos é quem ensine e materiais. Houve um senhor que queria vir como voluntário ensinar os reclusos, mas depois disse-nos que lhe tínhamos que pagar cem euros há hora. Disse-lhe que não tínhamos meios de lhe pagar e para vir como voluntario tinha que estar inscrito numa associação de voluntariado. Por isso às vezes o que nós gostávamos de fazer não temos condições para o fazer. Tivemos cá o projeto “mãos dadas”, arranjamos um grupo de quinze reclusos, e essa associação propôs atividades de quinze em quinze dias no sentido deles aprender alguns conceitos de cidadania, de aprender a respeitar o outro. Tudo certo, fomos à apresentação, as pessoas vinha cá, mas chegou uma altura que só tínhamos um recluso. Eles achavam que aquilo era o mesmo que uma aula, pensavam que eram lições de moral. Quando a associação veio cá fazer a avaliação, propôs um trabalho para eles, mas nós não tínhamos dinheiro para os materiais, ficou assim.

Entrevistadora – Quer acrescentar mais algum assunto que ache pertinente abordar?

E2 – Não, penso que foi tudo dito.

Entrevistadora – Agradeço imenso a sua disponibilidade.

Anexo 11

Análise de conteúdo

Entrevista aos Técnicos Superior de Reeducação

Dimensão A – Ocupação do tempo

Categories	Subcategorias	Unidades de contexto
Perceção sobre a ocupação do tempo dos reclusos	Perceção sobre a ocupação do tempo	“falha aqui neste estabelecimento tem a ver com os poucos postos de trabalho, acho que deveria de haver mais postos de trabalho”(E1); “deveria ser importante haver o ensino secundário, o que não existe”(E1); “Os reclusos que tem um pouco mais de habilitações não têm forma de se ocuparem”(E1); “O tempo está ocupado pelo ensino (...)Trabalho!...(pausa) nos postos como faxinagem”(E1); “O desporto agora está parado”(E1); “Está a decorrer o curso de formação profissional, de canalizador”(E1); “há agora a atividade do teatro, que também alberga (...) alguns quinze. Fora isso não há muito mais diversidade”(E1); “temos à volta de quarenta e cinco postos de trabalho”(E1); “devem estar ocupados uma média de sessenta reclusos”(E1); “devem estar ocupados uma média de sessenta reclusos, (...)Sim, nem metade da população”(E1); “Aqueles que têm interesse em estudar estão ocupados na escola, os outros que não têm interesse nenhum ficam nas celas naturalmente, não querem nada, não tem atividade nenhuma”(E2); “a maior parte deles ficam quase inativos”(E2); “Inscreveram-se os 108, neste momento se for no seu conjunto quarenta já é demais”(E2).
	Características da prisão a nível de espaços	“Hum, espaços existem! (...)Mas espaços destinados há prática dos exercícios das atividades desportivas existe e até é um bom espaço para ser utilizado para esse fim”(E1); “no caso do desporto(...)existe um pavilhão para esse efeito”(E1); “relativamente ao espaço, tem um espaço que é aceitável”(E2); “O espaço da escola tem um espaço que é aceitável, a biblioteca também tem um espaço agradável, e portanto esse ponto de vista acho que esta bem a nível de estruturas”(E2); “poderíamos necessitar por exemplo de um espaço para outras atividades, necessitaríamos de uma outra sala para

	<p>Relevância da ocupação do tempo para o bem estar do recluso</p>	<p>desenvolver espaços de pintura(...)também outro espaço de tapetes de arraiolos”(E2); “Um grupo de teatro pois só utilizando a sala de visitas(...)a sala de visitas durante a semana acaba por estar disponível”(E2); “Seria melhor se tivéssemos um outro espaço, um espaço para teatro, de dança, na zona de atividades escolares”(E2); “aquele espaço da sala de visitas para os aspetos formativos está por vezes desaproveitada”(E2).</p> <p>“acima de tudo a reinserção passa por trabalho, trabalho e certificação profissional, no entanto esse tipo de Projeto ajuda-os a descobrirem outras valências, e sempre é uma forma de descontração”(E1); “O resto é para ocupar o tempo, o desporto é mais uma ocupação para passar o tempo”(E1); “No desporto, vem a descarga do psicológico, também acho que é importante os hábitos de vida saudável”(E1); “eles estão aqui sobre grande tensão, são os problemas externos, são os problemas internos, a nível jurídico, é a cantina, são os produtos que não têm, e acho que o desporto é importante é nessa vertente lúdica”(E1); “atividades de ocupação de tempos livres, atelier de artes, biblioteca, acho que é importante é nessa perspetiva lúdica, psicológica da descarga emocional”(E1); “estes aspetos positivos que se tem que se ir buscar e criar espaços para que isto surja, porque se não existirem estas atividades, não surgem”(E1); “tem que haver(...)uma atividade base para que depois todo o resto surja e flua”(E1); “era positivo para eles, sim eu acho que o atelier das artes foi uma pena se ter perdido”(E1).</p>
--	--	---

Dimensão B – Atividades

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
Estratégias da Organização	Espaço de partilha	<p>“Paulo que participou num atelier de artes, e que ao fim de algum tempo já tinha três reclusos que já andavam atrás dele, para ele lhes ensinar a pintar”(E1); “eram cerca de uns quinze e pegavam todos no mesmo tapete”(E1); “Um fazia, o que tinha assim mais jeitinho fazia os desenhos, os contornos e as contagens”(E1); “Houve um que respondeu que</p>

	<p>Atividades anteriormente implementadas</p> <p>Atividades atuais</p>	<p>sabia desenhar muito bem, perguntei-lhe se não queria ter um espaço para desenhar, para partilhar com mais colegas mas onde você estivesse com as suas coisas a desenhar”(E1); “A prisão pode ser e deve ser um espaço de partilha e de aprendizagem, estou a lembrar-me de reclusos que trabalhavam no atelier de artes, descobriam saberes novos nas artes que eles nem sabiam”(E2); “A prisão pode ser e deve ser um espaço de partilha e de aprendizagem, (...) reclusos que trabalhavam no atelier de artes, descobriam saberes novos nas artes que eles nem sabiam”(E2); “Por vezes seria muito interessante, eles partilharem esses saberes”(E2).</p> <p>“Lembrei-me agora de uma atividade que vieram cá uns pássaros”(E1); “Também recebemos aqui a visita daquele escritor, do Miguel Horta”(E1); “achava que também deveria ser importante para uma banda no EP, um grupo de hip-hop era interessante fazer com a ajuda do Celestino na parte do kizomba junto com o hip-hop, e conseguiu-se!”(E1); “Já tivemos outras atividades. Tivemos cá um atelier de artes, tivemos tapetes de arraiolos”(E2); “Outra atividade que fracassou completamente, que é o visionamento dos filmes”(E2).</p> <p>“Temos o ensino, temos a biblioteca, a utilização da biblioteca é através de requerimento”(E1); “está criado um grupo que funciona na biblioteca às quintas(...)para aqueles que tivessem realmente interesse autêntico em ir folhear e passar algum tempo a ler e fora mais uma vez do recreio”(E1); “A utilização da biblioteca é feita através de requerimento, eles fazem o pedido dos livros que pretendem através da consulta de um catálogo que está na zona prisional, e assim tem o acesso à biblioteca”(E1); “há o espaço dentro do ensino desenvolvido também pelos professores, há a oficina do teatro, e há a banda do hip-hop”(E1); “professora Cristina é que está a desenvolver esse projeto da banda do hip-hop”(E1); “a quantidade de reclusos que requisitam livros é muito diminuta”(E2); “Neste momento não temos atividades desportivas, agora é</p>
--	--	---

	<p>Objetivos da organização</p> <p>Participação e Adesão</p> <p>Dificuldades na organização</p>	<p>uma falha dos serviços”(E2); “Não temos atividades desportivas, socioculturais também neste momento, não há cursos”(E2); “Esse grupo de teatro começou por ser...(pausa) e é, com alunos só da escola”(E2); “Atualmente temos a escola, que está a acabar, e as atividades letivas inerentes a ela. Temos a biblioteca, o desporto está parado. Tínhamos o teatro que já acabou, pois estava inserido na escola”(E2).</p> <p>“quanto mais eles estiverem ocupados e fora do pátio e dos espaços comuns, melhor”(E1); “o (...)objetivo é eles estarem tranquilos, estarem tranquilos e ocupados, e motivados com alguma coisa”(E1); “Os objetivos que temos são eles adquirirem mais competências escolares e profissionais, e às vezes também descobrir umas competências que eles desconheçam”; “Os objetivos principais são que a população reclusa adquira mais competências no sentido de lhes facilitar de certo modo o enquadramento na sociedade com mais competências escolares e profissionais”(E2).</p> <p>“eles até são muito motivados, motivam-se com coisas práticas, eles motivam-se muito com a questão da prática da coisa”(E1); “Aderem... e mais houvesse”(E1); “são atividades de grande adesão como o hip-hop”(E1); “bem articulado e consistente eles aderem facilmente, tanto aderem com coisas que se identificam à partida como aquelas que quase nem lembra a ninguém e eles aderem na mesma”(E1); “É uma adesão boa, participam bastante”(E2).</p> <p>“A dificuldade maior é eu não ter capacidade para supervisionar tudo”(E1); “dá-me imenso gozo criar o atelier, era uma frustração imensa não o poder supervisionar dá-me imenso gozo criar o atelier, era uma frustração imensa não o poder supervisionar dá-me imenso gozo criar o atelier, era uma frustração imensa não o poder supervisionar”(E1); “eu tenho um jornal e o jornal está praticamente em autogestão(...)fez-se o primeiro número, e ainda não</p>
--	---	---

		<p>saiu, não foi palpável”(E1); “tínhamos de arranjar uma forma de como é que íamos imprimir, para eles poderem folhear, terem conhecimento do que é que consta lá no jornal”(E1); “Se sentirem que estão ali só, porque eles são muito espertos, não é só para estarem ali a ocupar tempo, desmotivam-se muito”(E1); “o fundamental aqui era se nós tivéssemos essas atividades e nem sempre é possível”(E2); “Aprender música por exemplo, não havendo verbas, o voluntariado a esse nível é muito complicado”(E2); “nós EP não temos possibilidades de pagar essa deslocação (dos voluntários), esse tempo que eles vêm cá”(E2); “Muitas vezes falta de apoio logístico (...) não havendo dinheiro, não havendo verbas para custodiar compra de materiais, caí por base muitas vezes o que por vezes queremos fazer”(E2); “Para outras atividades lúdicas, até aqui a DGRSP mandava comprar produtos para as atividades desportivas, escolares, para a biblioteca. Caí tudo por terra, não há dinheiro nem sequer para comprar meias, cuecas, lápis, canetas, não há dinheiro para nada e portanto caí por terra tudo”(E2); “os postais de Natal, umas vezes não há cartolina, muitas vezes tenho que comprar eu ou a professora Cristina”(E2).</p>
--	--	--

Dimensão C – Novas Propostas

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
Propostas para ocupação do tempo	Recetividade e motivação por parte dos reclusos	<p>“estava lá o Vítor que estava nos arraiolos, e ele não tinha jeito para os arraiolos, mas ele esforçava-se”(E1); “Estavam a fazer aquilo com motivação, se estava a retirar alguma coisa positiva, estava!”(E1); “perguntei-lhe se não queria ter um espaço para desenhar, para partilhar com mais colegas mas onde estivesse com as suas coisas a desenhar”(E1); “Conforme conhecemos o recluso também o conseguimos orientar e direcionar para desenvolver as competências e capacidades que eles já têm”(E1); “Quando existem estas propostas os reclusos mostram-se bastante recetivos, aderem”(E2); “eles mostram muito interessados e participam, desenvolvem as atividades que lhes são propostas e podemos contar, esse é um aspeto que resulta sempre muito bem,</p>

	<p>Contribuição do Projeto para a ocupação do tempo</p>	<p>portanto sempre que lhe propomos algo diferente da vida quotidiana eles assimilam muito bem, participam e isso é uma mais-valia para eles”(E2); “Temos pessoas que querem aprender não temos é quem ensine e materiais”(E2).</p> <p>“fazemos atividades onde se ocupa tempo e trabalha-se determinadas coisas, que eu acho que não é um efeito terapêutico, porque não é, mas que eles aprendam e que aquilo seja uma mais-valia para serem utilizados cá fora”(E1); “Tem que se puxar, não é pela autoestima, porque isso também não é o mais importante, mas pelo menos na tentativa e no erro é que as coisas funcionam”(E1); “a integração deles nas atividades é muito importante(...)é uma ferramenta que eles aprendem, que adquirem e que eles podem utilizar quando forem para a rua”(E2); “Ocupa-lhes o tempo, enquanto estão ocupados naquela atividade não estão a pensar em fazer coisas que não devem ser feitas”(E2).</p>
	<p>Atividades a implementar</p>	<p>“Todas, tudo o que for de práticas, que não sejam muito complexas”(E1); “Aqui (...)passa tudo pelas questões práticas, muito objetivas, muito práticas, muito de vir um resultado rápido, mexer em utensílios, estarem ocupados”(E1); “Podíamos desenvolver atividades lúdicas, formativas”(E2); “Uma atividade lúdica de que eles gostam, é por exemplo o teatro”(E2).</p>
	<p>A importância da escola</p>	<p>“É importante. Agora acho que não é o mais importante. As habilitações literárias sem dúvida, atendendo há população reclusa acho que acima de tudo passa pelo trabalho e pela certificação profissional”(E1); “Sendo só ensino puro e duro, leva há desmotivação, por isso é que nos começamos com cem reclusos no início do ano e acabamos para ai com uns vinte e as professoras a dizer para lhe levamos mais”(E1); “alegam que os conteúdos escolares não respondem aos interesses, portanto os conteúdos escolares são poucos atrativos para muitos deles”(E2);</p>

	<p>“os que chegam ao fim obtém certificado dos cursos que frequentaram, normalmente ficam sempre muitos satisfeitos, os que chegam ao fim obtém certificado dos cursos que frequentaram, normalmente ficam sempre muitos satisfeitos, os que chegam ao fim obtém certificado dos cursos que frequentaram, normalmente ficam sempre muitos satisfeitos”(E2); “Vão faltando à escola, dizem que o conteúdo não é suficientemente atrativo (...) alegam que os conteúdos letivos não são o suficientemente atrativos, dizem muitas vezes que o conteúdo é antigo (...) Mas eles continuam a alegar que escola é uma seca”(E2); “muitos deles querem levar um documento ao juiz a comprovar que está na escola para acompanhar outro em como não tem castigos”(E2); “A grande maioria anda na escola para terem um certificado para levar a tribunal, mas ainda existem alguns que andam com interesse na escola e tem sucesso”(E2); “Alguns deles propõem-se, as famílias também os fazem inscrever-se, pois nós também afixamos informações na sala de visitas”(E2).</p>
--	--